Baseado na obra de:
L.J. SMITH

E na série de TV desenvolvida por:
KEVIN WILLIAMSON & JULIE PLEC

DIÁRIOS do VAMPIRO

Livro inspirado na série de TV
Vampire Diaries

DIÁRIOS DE STEFAN

3

Desejo

GALERA

Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Diários do Vampiro

O despertar

O confronto

A fúria

Reunião sombria

O retorno — Anoitecer

O retorno — Almas sombrias

O retorno — Meia-noite

Caçadores — Espectro

Série Mundo das Sombras

Vampiro Secreto

Filhas da escuridão

Submissão mortal

Série Círculo Secreto

A iniciação

A prisioneira

O poder

Série Diários de Stefan

Origens

Sede de sangue

Desejo

Baseado na obra de:
L.J. SMITH

E na série de TV desenvolvida por:
KEVIN WILLIAMSON & JULIE PLEC

DIÁRIOS do VAMPIRO

DIÁRIOS DE STEFAN

3

DESEJO

Tradução de
Ryta Vinagre

1 edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S647d
v.3 Smith, L. J.
Desejo [recurso eletrônico] / L. J. Smith ; tradução Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.
recurso digital (Diários de Stefan ; 3)
Tradução de: The Stefan diaries : the craving
Sequência de: Sede de Sangue
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10143-3 (recurso eletrônico)
1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.

13-06120

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Título original em inglês:
The Stefan Diaries: The Craving

Copyright © 2011 by Alloy Entertainment and L.J. Smith
Publicado mediante acordo com Rights People, London.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10143-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Que expiação há para o sangue derramado sobre a terra?

— Ésquilo

Prólogo

Tudo mudou. Meu corpo, meus desejos, meu apetite.

Minha alma.

Em dezessete curtos anos, testemunhei mais tragédias do que qualquer um deveria — e fui a causa de grande parte delas. Comigo, carrego a lembrança de minha morte e da morte de meu irmão. Sou assombrado pelo som de nosso último suspiro nos bosques musgosos de Mystic Falls, na Virgínia, e pela imagem do corpo sem vida de meu pai no chão de seu estúdio em nossa magnífica Veritas. Ainda sinto o cheiro da igreja calcinada onde arderam os vampiros da cidade. E quase sinto o gosto do sangue que tomei e das vidas que roubei por mera fome e indiferença depois de minha transformação. Com mais clareza, vejo o sonhador curioso que eu era, e meu coração, se pudesse bater, se partiria pela criatura desprezível que me tornei.

Mas, embora as próprias moléculas de meu ser tenham se metamorfoseado para além de qualquer reconhecimento, o mundo continua a girar. As crianças ficam mais velhas, suas caras roliças afinando-se com o passar do tempo. Jovens amantes trocam sorrisos secretos ao discutirem as condições do tempo. Pais dormem enquanto a lua vigia, acordam quando os raios de sol os cutucam em seu sono. Eles comem, trabalham e amam. E, sempre, seu coração bate ritmado, o sangue seduzindo-me como a música de um encantador à serpente.

No passado, eu zombava do tédio da vida humana, acreditando que o

Poder que eu tinha tornava-me superior. Por seu exemplo, Katherine me ensinou que o tempo nada significa para os vampiros, e assim pude me divorciar dele, vivendo de momento a momento, passando de um prazer carnal a outro sem medo das consequências. Durante minha estada em Nova Orleans, fiquei inebriado com meu novo Poder — minha força e velocidade ilimitadas. Cada gota quente de sangue fazia com que me sentisse vivo, forte, destemido e poderoso.

Era um nevoeiro de sede de sangue. Matei tantos com tamanha despreocupação. Nem me recordo do rosto das minhas vítimas. A não ser por uma.

Callie.

Seu cabelo vermelho-chama, os olhos verde-claros, a suavidade de suas bochechas, sua postura com as mãos nos quadris... Cada detalhe se destaca em minha memória com uma clareza dolorosa.

Foi Damon, meu irmão e ex-melhor amigo, que deu em Callie o golpe final.

Eu o transformara em vampiro e subtraíra sua vida, por isso ele me tirou a única coisa que podia — meu novo amor.

Callie fez-me lembrar do que era ser humano e do que significava valorizar a vida. Sua morte pesa muito em minha consciência.

Agora minhas forças são um fardo; a constante sede de sangue, uma maldição; a promessa de imortalidade, uma cruz terrível a carregar. Os vampiros são monstros, assassinos. Nunca, jamais devo me esquecer disso novamente. Jamais deixarei o monstro me dominar. Suportarei para sempre o peso da culpa do que fiz a meu irmão — a decisão que tomei por ele —, e evitarei o caminho sombrio que ele tão impulsivamente segue. Ele se alegra na violência e na liberdade de sua nova vida, enquanto eu só posso ter remorsos dela.

Antes de partir de Nova Orleans, combati o demônio que meu irmão,

Damon, se tornou. Agora, ao me refazer no Norte, longe de qualquer um que tenha me conhecido como humano ou vampiro, o único demônio que preciso combater é minha própria fome.

1

Captei um batimento cardíaco, uma única vida, um tanto próximo de mim.

Os outros ruídos da cidade esmaeceram ao fundo enquanto este me chamava. Ela se afastava dos amigos e deixava as trilhas desgastadas.

O sol tinha acabado de se pôr sobre o Central Park, onde eu me exilara desde minha chegada a Nova York, 14 dias atrás. As cores desta vastidão se suavizavam, deslizando em outras, as sombras toldando-se com as coisas que as compunham. Os tons laranja e azul-escuros do céu metamorfoseavam-se num negro tinto, enquanto o chão lamacento brilhava em um grená aveludado.

À minha volta, a maior parte do mundo ainda era silêncio, uma pausa na respiração que vem no fim do dia, quando há a troca de guardas: os humanos e seus companheiros diurnos trancam suas portas, e criaturas da noite como eu saem para caçar.

Com o anel que Katherine me deu, posso andar em plena luz do dia como um ser humano vivo e normal. Mas, como tem sido desde o começo dos tempos, é mais fácil para os vampiros caçarem em certas horas, quando o dia aos poucos se torna noite. O crepúsculo confunde os que não estão equipados com os olhos e ouvidos de um predador noturno.

O batimento que agora persigo começou a ficar mais baixo... Seu dono se afastava. Desesperado, parti, forçando meu corpo a se movimentar

rapidamente, meus pés a se desgarrarem do chão. Eu estava fraco pela falta de alimento, e isso afetava minha capacidade de caçar. Para piorar, estes bosques não me eram familiares. As plantas e trepadeiras eram tão estranhas quanto as pessoas nas ruas de paralelepípedo a uns 400 metros de mim.

Mas um caçador transplantado ainda é um caçador. Pulei um arbusto ramoso e atrofiado e evitei um córrego gelado, sem o bagre indolente que eu costumava ver quando criança, até que meus pés escorregaram na pedra musgosa e pisei com estrondo na vegetação baixa, tornando minha caçada bem mais ruidosa do que eu pretendia.

O dono do coração que eu seguia ouviu e entendeu que sua morte estava próxima. Agora que estava sozinho e consciente de seu drama, começou a correr desabaladamente.

Que espetáculo eu devia ser: cabelo preto de través, a pele pálida como a de um cadáver, os olhos avermelhando-se à medida que o vampiro em mim se manifestava. Correndo e saltando pelo bosque como um louco, com as roupas refinadas que Lexi me dera, minha amiga de Nova Orleans, a camisa de seda branca agora rasgada nas mangas.

Ele acelerou o passo. Mas eu não ia perdê-lo.

Minha necessidade de sangue transformou-se em uma dor tão forte que não consegui mais me conter. Uma doce ardência brotou por minha mandíbula e minhas presas saíram. O sangue em meu rosto se aqueceu enquanto eu submetia minha presa. Meus sentidos se expandiram com o domínio de meu Poder, minando o que me restava das forças vampirescas.

Dei um salto, movendo-me a uma velocidade muito além da humana ou animal. Com aquele instinto que todas as criaturas vivas têm, o pobrezinho sentiu a morte se aproximar e entrou em pânico, correndo à segurança sob as árvores. Seu coração martelava descontrolado: tump *tump* tump *tump* tump *tump*.

A pequena parte humana em mim podia ter se arrependido do que eu estava prestes a fazer, mas o vampiro em mim precisava do sangue.

Com um último salto, peguei minha presa — um esquilo grande e voraz que deixou seu grupo para procurar mais comida. O tempo ficou mais lento enquanto eu pousava, dilacerava seu pescoço e cravava meus dentes na carne, sugando-lhe a vida para mim, uma gota de cada vez.

Eu comia esquilos quando era humano, o que moderou um pouco minha culpa. Em Mystic Falls, meu irmão e eu caçávamos nos bosques densos que cercavam nossa propriedade. Embora os esquilos não dessem uma boa refeição na maior parte do ano, eram gordos e tinham gosto de nozes no outono. O sangue do esquilo, porém, não era um prazer; era malcheiroso e desagradável. Era nutritivo — e não passava disso. Obriguei-me a continuar bebendo. Era uma provocação, um lembrete do líquido inebriante que corre nas veias humanas.

Mas, no momento em que Damon deu fim à vida de Callie, jurei me afastar dos humanos para sempre. Nunca mataria, jamais me alimentaria deles e nunca amaria uma humana. Eu só podia lhes causar dor e morte, mesmo que não pretendesse. É o que significa a vida de um vampiro. É o que significa a vida com este novo e vingativo Damon como irmão.

Uma coruja piou no olmeiro que assomava sobre minha cabeça. Um tâmia disparou por meus pés. Meus ombros arriaram enquanto eu deitava o pobre esquilo no chão. Tão pouco sangue restava em seu corpo que a ferida não vazava, as pernas do animal já rígidas do *rigor mortis*. Limpei do rosto os vestígios de sangue e pelo e entrei mais fundo no parque, sozinho com meus pensamentos enquanto uma cidade de quase um milhão de pessoas zumbia em volta de mim.

Desde que saí furtivamente do trem duas semanas antes, estive dormindo no meio do parque no que era essencialmente uma caverna. Passei a marcar

uma laje de concreto com o transcorrer de cada dia. De outra forma, os momentos se fundiriam, sem significado e vazios. Ao lado da caverna havia uma área cercada onde operários de construção reuniam os restos "úteis" de um vilarejo que demoliram para fazer o Central Park, assim como as quinquilharias arquitetônicas que pretendiam instalar — fontes entalhadas, estátuas sem pedestal, dintéis, soleiras, até lápides.

Passei por um galho nu — o frio de novembro subtraíra quase todas as folhas das árvores — e farejei o ar. Choveria em breve. Eu sabia por ter morado no interior agrícola e pelos sentidos monstruosos que constantemente me davam mil informações diferentes sobre o mundo a minha volta.

Então a brisa mudou de direção, trazendo o cheiro provocante e nauseante de ferrugem. Lá estava ele novamente. Um sabor metálico e doloroso.

O cheiro de sangue. De sangue *humano*.

Entrei na clareira com a respiração se acelerando. O fedor denso de ferro estava em toda parte, enchendo a cavidade de uma névoa quase palpável. Examinei a área.

Lá estava a caverna onde eu passava minhas noites torturadas, revirando-me e esperando o amanhecer. Na frente havia uma desordem de vigas e portas roubadas de casas demolidas, além de túmulos profanados. Mais ao longe ficavam as estátuas e fontes brancas e reluzentes instaladas pelo parque.

Foi quando eu vi. Ao pé da estátua de um príncipe majestoso, estava o corpo de uma jovem, seu vestido branco de baile se tingindo de vermelho gradativamente.

2

Senti as veias em meu rosto crepitarem de Poder. Minhas presas saíram rapidamente e com violência, rasgando dolorosamente as gengivas. De imediato tornei-me o caçador de novo: equilibrado na ponta dos pés, com os dedos flexionados, prontos para atacar. Ao me aproximar mais dela, todos os meus sentidos tornaram-se ainda mais despertos — os olhos se arregalaram para captar cada sombra, as narinas inflaram para coletar os odores. Até minha pele formigava, pronta para detectar a mais leve mudança no movimento do ar, no calor, nas pulsações mínimas que indicavam a *vida*. Apesar de meu juramento, meu corpo estava preparado para cortar a carne macia e moribunda e servir-se de sua essência.

A menina era pequena, porém não doentia nem delicada. Parecia ter uns 16 anos. Seu colo se sacudia com o esforço para respirar. O cabelo era escuro, com alguns cachos dourados à luz da lua nascente. Tinha flores de seda e fitas nos cabelos, mas estas, assim como os cachos, estavam desfeitas, estendendo-se atrás da cabeça como espuma do mar.

O vestido tinha uma combinação vermelho-escura protegida por tule de algodão branco e espumante. Onde a anágua estava rasgada, apareciam retalhos de seda escarlate, combinando com o sangue que se derramava do peito e escorria pelo corpete. Uma das luvas de pele de corça era branca, mas a outra estava quase preta de sangue, como se ela tivesse tentado estancar a

ferida antes de perder a consciência.

Cílios grossos e curvos palpitavam enquanto os olhos rolavam por trás das pálpebras. Esta era uma menina que se agarrava à vida, que lutava ao máximo para ficar desperta e sobreviver à violência que a acometera.

Meus ouvidos distinguiam facilmente as batidas de seu coração. Apesar da força e da vontade da menina, ele reduzia o ritmo e eu podia contar os segundos entre cada batimento.

Tump...

Tump...

Tump...

Tump...

O resto do mundo estava em silêncio. Éramos apenas eu, a lua e a menina moribunda. Sua respiração agora ficava mais lenta. Ela estaria morta em alguns segundos, e não por minhas mãos.

Passei a língua nos dentes. Fiz o melhor que pude. Cacei um esquilo — um *esquilo* — para saciar meu apetite. Estava fazendo tudo que podia para resistir aos encantos do meu lado negro, à fome que aos poucos vinha me destruindo por dentro. Eu me abstinha de usar meu Poder.

Mas o cheiro...

Picante, ferrugento, doce. Fazia minha cabeça girar. Não era minha culpa que ela tivesse sido atacada. Não fui eu que lhe causei a poça de sangue que se formava em volta do corpo prostrado. Só um golinho não ia fazer mal... Eu não podia feri-la mais do que alguém já fizera...

Estremeci, uma dor deliciosa palpitando por minha espinha e descendo por meu corpo. Meus músculos se flexionaram e relaxaram por vontade própria. Aproximei-me um passo, tão perto que podia estender a mão e tocar o líquido vermelho.

O sangue humano faria mais do que me sustentar. Eu ficaria cheio de calor

e Poder. Nada tinha o gosto do sangue humano e nada era *parecido* com ele. Só um pouco e eu voltaria a ser o vampiro que fui em Nova Orleans: invencível, rápido como um raio, forte. Seria capaz de influenciar humanos a realizar minha vontade, de afogar minha culpa e aceitar minhas trevas. Eu seria um verdadeiro vampiro de novo.

Neste momento, esqueci-me de tudo: por que estava em Nova York, o que houve em Nova Orleans, por que saí de Mystic Falls. Callie, Katherine, Damon... Tudo estava perdido, e eu era misteriosamente arrastado para a fonte de minha agonia e êxtase.

Ajoelhei-me na relva. Meus lábios ressecados se repuxaram, expondo inteiramente as presas.

Uma lambida. Uma gota. Uma prova. Eu precisava tanto disso. E, tecnicamente, não a estaria matando. *Tecnicamente*, ela morreria por culpa de outra pessoa.

Filetes de sangue fluíam por seu peito, pulsando com o coração. Curvei-me, estendendo a língua... Um dos olhos da menina se abriu, fraco, os cílios grossos separando-se e revelando olhos verde-claros, olhos da cor do trevo e da relva.

A cor dos olhos de Callie.

Em minha última lembrança, Callie estava deitada no chão, morrendo, em semelhante pose indefesa. Callie morreu de uma facada nas costas. Damon nem teve a decência de deixar que ela se defendesse. Apunhalou-a enquanto ela estava distraída, dizendo-me o quanto me amava. E então, antes que eu pudesse lhe dar meu próprio sangue e salvá-la, Damon me jogou de lado e a exauriu completamente. Deixou-a uma casca seca e morta, depois tentou matar também a mim. Se não fosse por Lexi, teria conseguido.

Com um grito lancinante, tirei as mãos de perto da menina e esmurrei o chão. Obriguei a sede de sangue que estava em meus olhos e faces a recuarem

para a escuridão de onde tinham vindo.

Levei mais um momento para me recompor, depois puxei de lado o corpete da menina para ver a ferida. Tinha sido apunhalada com uma faca ou algo menor. Fora cravado com uma precisão quase perfeita entre os seios, penetrando na caixa torácica — mas não atingira o coração. Era como se o agressor *quisesse* que ela sofresse, quisesse que sangrasse aos poucos em vez de morrer imediatamente.

Não havia lâmina, então coloquei os dentes no meu pulso e cortei a pele ali. A dor me ajudou a me concentrar, uma dor boa e limpa comparada a da projeção de minhas presas.

Com um esforço inacreditável, levei o pulso a sua boca e o apertei. Eu tinha pouco sangue a compartilhar — isso quase me mataria. Não sabia se funcionaria, agora que só me alimentava de animais.

Tump-*tump*.

Pausa.

Tump-*tump*.

Pausa.

Seu coração estava ainda mais lento.

— Vamos — implorei, com os dentes cerrados de dor. — *Vamos*.

As primeiras gotas de sangue caíram em seus lábios. Ela estremeceu, agitando-se ligeiramente. A boca se abriu, desesperada.

Com todas as minhas forças, apertei o pulso, empurrando o sangue de minha veia para a boca da menina. Quando finalmente atingiu sua língua, ela quase vomitou.

— Beba — ordenei. — Vai ajudar. *Beba*.

Ela virou a cabeça.

— Não — murmurou.

Ignorando seus débeis protestos, pressionei o punho em sua boca,

forçando o sangue para dentro dela.

Ela gemeu, ainda no esforço de não engolir. Um vento passou em volta de nós, farfalhando as saias. Uma minhoca entrou mais fundo na terra macia e úmida, evitando o ar frio da noite.

E ela parou de lutar.

Seus lábios se fecharam na ferida de meu pulso e a língua macia procurou a origem do sangue. Ela começou a sugar.

Tump-*tump*.

Tump*tump*.

Tump tump tump.

Sua mão, a da luva ensopada de sangue, agitou-se fracamente e pegou meu braço, tentando me puxar para mais perto de seu rosto. Ela queria mais. Eu entendia bem esse desejo, mas não tinha mais a oferecer.

— Já basta — disse, sentindo-me fraco. Desvencilhei gentilmente meu braço, apesar de seus lamentos. Seu coração agora batia de forma mais regular.

— Quem é você? Onde você mora? — perguntei.

Ela choramingou e se agarrou a mim.

— Abra os olhos — ordenei.

Ela os abriu, mais uma vez revelando os olhos verdes de Callie.

— *Diga-me onde mora.* — Eu a influenciei, o mundo girando enquanto eu usava as últimas gotas de meu Poder.

— Quinta Avenida — respondeu ela sonhadoramente.

Esforcei-me para não perder a paciência.

— *Onde na Quinta Avenida?*

— Rua 73... Rua 73 Leste número 1... — sussurrou ela.

Peguei-a no colo, um confeito perfumado de seda e gaze, renda e carne quente e humana. Seus cachos roçaram meu rosto, fazendo cócegas em minha

face e no pescoço. Os olhos ainda estavam fechados, e ela pendia flácida em meus braços. O sangue, dela ou meu, pingava na terra.

Cerrei os dentes e comecei a correr.

3

Eu tinha acabado de deixar o parque quando um trole passou voando na esquina, seguido de um policial a cavalo. Voltei às sombras, por um momento sem fôlego, dominado pelo clamor.

Eu pensava que Nova Orleans era grande — e, comparada a Mystic Falls, de fato era. Prédios, empresas e barcos se espremiam numa área pequena e frenética perto do rio Mississippi. Mas nada se comparava a Manhattan, onde prédios de alabastro se erguiam no céu e gente da Itália, Irlanda, Rússia, Alemanha — até da China e do Japão — andava pelas ruas, vendendo seus bens.

Mesmo à noite, Nova York pulsava com vida. A Quinta Avenida era iluminada por uma fileira de lampiões a gás alegres e sibilantes que conferiam um brilho quente e suntuoso ao calçamento de pedras. Um casal risonho se uniu, apertando mais os casacos em volta do corpo contra o vento que passava assoviando. Um jornaleiro gritava manchetes sobre incêndios em fábricas e corrupção na prefeitura. Corações batiam numa cacofonia frenética, martelando, disparados. O lixo, os perfumes, até o simples cheiro de pele limpa e ensaboada grudavam-se nas ruas como as videiras de minha terra natal.

Depois de recuperar a calma, corri pelas sombras mais próximas para além da luz lançada pelos lampiões, com a menina pesada nos braços. Havia um

porteiro num edifício residencial naquela quadra. Assim que abriu o jornal, passei trôpego por ele, com a maior rapidez que meu fardo permitia. É claro que, se eu estivesse no auge de meu Poder, se estivesse me alimentando de humanos esse tempo todo, não teria sido nada influenciar o porteiro a esquecer que viu alguma coisa. Melhor ainda, eu teria corrido pela rua 73 e não passaria de um borrão aos olhos humanos.

Na rua 68, escondi-me atrás de um arbusto molhado quando um bêbado veio cambaleando na nossa direção. Nos recessos dos galhos, não havia nada que me distraísse do doce cheiro do sangue da menina. Procurei não inalar, praguejando contra o desejo que me fazia ansiar por rasgar sua garganta. Quando o bêbado passou, disparei para o norte até a rua 69, rezando para que ninguém me visse e parasse para fazer perguntas sobre a garota inconsciente que tinha nos braços. Mas, em minha pressa, chutei uma pedra, fazendo-a bater na rua de paralelepípedos com um barulho maior do que o disparo de um tiro.

O bêbado girou o corpo.

— Oláááá? — balbuciou.

Comprimi-me contra a parede de calcário de uma mansão, rezando em silêncio para que ele continuasse em seu caminho. O homem hesitou, espiando com os olhos sem brilho, depois desabou na calçada com um ronco audível.

A garota soltou outro gemido e se remexeu em meus braços. Não demoraria muito até ela acordar e perceber — com um grito alto, sem dúvida — que estava nos braços de um estranho. Preparando-me, contei até dez. Em seguida, como se todos os demônios do inferno me perseguissem, rompi numa corrida irregular, sem me incomodar em tentar segurar com delicadeza minha carga. Rua 69, 70... Uma gota de sangue da menina bateu em meu rosto. Um passo ecoou atrás de mim. Um cavalo relinchou ao longe.

Logo estávamos na rua 72. Só mais uma quadra e chegaríamos. Eu a deixaria na soleira da porta e correria de volta ao...

Mas o número 1 da rua 73 Leste me fez parar.

A casa em que fui criado era enorme, construída por meu pai com o dinheiro que ganhou depois de vir da Itália. A Veritas tinha três andares, uma varanda larga e ensolarada que envolvia toda a construção e colunas estreitas estendendo-se ao segundo andar. Era equipada com cada artigo de luxo disponível durante o bloqueio imposto pelo Norte.

Mas *esta* casa — ou melhor, mansão — era imensa. Um castelo de calcário branco como osso que tomava quase toda a quadra. Janelas próximas enfileiravam-se em cada andar como olhos vigilantes. Sacadas de ferro batido, não muito diferentes das que adornavam a casa de Callie em Nova Orleans, pendiam em cada andar, com trepadeiras marrons e secas penduradas nos arabescos de metal. Havia até pináculos pontudos de estilo europeu ostentando gárgulas entalhadas.

Muito adequado que a casa de que eu precisava me aproximar fosse guardada por monstros.

Andei até a imensa porta da frente, entalhada de madeira escura. Depositando a menina gentilmente na escada, levantei a aldrava de bronze e bati três vezes. Estava prestes a me virar para voltar ao parque quando a porta imensa se abriu, como se não tivesse mais peso do que um portão de jardim. Um criado postava-se ali. Era alto, magro e vestia um simples terno preto. Olhamo-nos por um momento, depois para a menina na escada.

— Senhor... — disse o mordomo a uma figura invisível atrás dele, com a voz surpreendentemente calma. — É a srta. Sutherland...

Ouvi gritos e um farfalhar. Quase de imediato a entrada estava tomada de pessoas, todas preocupadas.

— Eu a encontrei no parque — comecei a falar.

Mas não fui adiante.

Anáguas de seda pesada farfalhavam enquanto o que parecia meia dúzia de mulheres, criados e homens aos gritos correram para fora, adejando em volta da menina como um bando de gansos em pânico. O cheiro de sangue humano era denso, deixando-me tonto. Uma mulher mais velha, ricamente vestida — a mãe, supus — logo pôs a mão no pescoço da filha, procurando o batimento do coração.

— Henry! Leve Bridget para dentro! — ordenou.

O mordomo gentilmente a pegou no colo, sem se abalar quando o sangue começou a ensopar seu colete de cor creme. Uma empregada o seguiu, recebendo as ordens da mãe, que ainda berrava e gesticulava às criadas para suas variadas tarefas.

— Winfield, mande o menino buscar o médico! Greta, prepare um banho quente. Diga à cozinheira para preparar um caldo e uma beberagem com ervas! Retirem o corpete imediatamente e abram o espartilho... Sarah, vá ao armário de lençóis velhos e corte algumas ataduras. Lydia, mande buscar Margaret.

O grupo voltava pela porta, um por um, a não ser por um jovem de calções e boné que correu pela rua, os sapatos batendo em sua disparada pela noite. Era como se a casa, depois de expelir alguns momentos de vida, família e vitalidade, agora sugasse seus ocupantes de volta a seu calor e proteção.

Mesmo que eu quisesse, teria sido incapaz de ir atrás deles. Os humanos devem convidar sua danação a entrar — quer estejam conscientes disso ou não. Sem um convite, nós, vampiros, não podemos entrar em nenhuma casa, exilados das lareiras quentes e da companhia agradável que prometem os lares, deixados na noite para simplesmente olhar.

Virei-me para ir, já tendo ficado muito mais tempo do que pretendia.

— Espere, meu jovem.

A voz era tão confiante, grave e potente que fui puxado de volta como se compelido por algum Poder.

Na soleira havia uma figura que deduzi ser o homem da casa e pai da menina que salvei. Ele era gordo, com o tipo de cintura que leva um homem a se escorar nos calcanhares. Usava roupas caras feitas de lã e tweed, bem cortadas, mas de corte informal. *À vontade,* dizia todo seu comportamento, das suíças arruivadas aos olhos pretos e cintilantes e o meio sorriso que puxava o lado esquerdo da boca. Parecia ter trabalhado muito em grande parte da vida; as mãos calejadas e uma vermelhidão no pescoço atestavam o fato de que não herdara sua riqueza.

Por um momento, a ideia passou por minha mente: a facilidade que seria seduzi-lo a sair. Mais um passo... Sua compleição corpulenta me daria sangue suficiente para saciar a fome por dias. Senti a mandíbula doer do desejo que atrairia as presas para fora, as presas que trariam a morte a este homem.

Mas, apesar das muitas tentações que enfrentava nesta noite, eu tinha deixado essa vida para trás.

— Eu ia embora, senhor. Fico feliz por sua filha estar a salvo. — Recuei um passo para as sombras.

O homem colocou a mão carnuda em meu braço, detendo-me. Seus olhos se estreitaram e, embora eu pudesse tê-lo matado num instante, fiquei surpreso com a súbita palpitação nervosa em meu estômago.

— Qual é o seu nome, filho?

— Stefan — respondi. — Stefan Salvatore.

Percebi de pronto que dizer-lhe meu nome verdadeiro fora uma idiotice, dada a confusão que criei em Nova Orleans e em Mystic Falls.

— *Stefan* — repetiu ele, olhando-me de cima a baixo. — Não vai pedir uma recompensa?

Puxei os punhos da camisa, constrangido com minha aparência

desgrenhada. Minha calça preta, com o diário enfiado no bolso traseiro, estava puída. Minha camisa estava repuxada e pendia frouxa em dobras pelos suspensórios. Não tinha chapéu, gravata, ou colete, e meu sobretudo estava sujo e cheirava levemente às ruas.

— Não, senhor. Fico feliz em ajudar.

O homem ficou em silêncio, como se tivesse dificuldade de processar minhas palavras. Perguntei-me se o choque de ver a filha, ensanguentada e frágil, o tinha posto numa espécie de névoa. Então ele meneou a cabeça.

— Absurdo! — Ele me segurou pelo ombro direito. — Eu daria qualquer coisa pela segurança de minha filha. Entre, eu insisto! Vamos fumar um charuto e brindar ao resgate de minha garotinha.

Ele me puxou para dentro da casa como se eu fosse um cão teimoso numa trela. Ia protestar, mas silenciei-me no momento em que entrei no grande saguão. Os lambris escuros eram de cerejeira. As janelas de vitral que pretendiam iluminar a soleira durante o dia faiscavam mesmo à noite, suas cores parecendo pedras preciosas sob a luz a gás. Uma escadaria imensa e formal subia ao andar seguinte, a balaustrada parecendo ter sido entalhada em troncos inteiros. Em minha vida humana, eu queria ser estudioso de arquitetura, e poderia examinar, satisfeito, esta casa por horas.

Mas, antes que pudesse apreciar inteiramente a entrada, o homem me conduziu por um corredor, e entramos em uma aconchegante sala de visitas. Um fogo alaranjado e crepitante atraía a atenção na parede oposta. Cadeiras de espaldar alto com almofadas de seda espalhavam-se pela sala, e as paredes tinham papel verde-pinho. Havia um jogo de bilhar discretamente colocado atrás de um sofá, e armários de livros, globos e curiosidades variadas emolduravam janelas de caixilhos altos. Meu pai, colecionador de livros e objetos refinados, teria adorado esta sala, e meu peito endureceu ao perceber que eu ultrapassaria meu próprio pai em experiência de vida.

— Charuto? — ofereceu ele, pegando uma caixa.

— Não, obrigado, senhor. — Os charutos eram da qualidade mais requintada, feitos de tabaco de minha terra natal. Em certa época, eu teria ficado muito feliz em aceitar. Mas mesmo o som de um bico de passarinho raspando na casca quase sobrepujava meus sentidos aguçados; a ideia de aspirar nuvens de fumaça preta me era insuportável.

— Hmmm. Não compartilha. — Ele ergueu uma sobrancelha escarpada, em dúvida. — Mas não rejeitará uma bebida, assim espero?

— Não, senhor. Obrigado, senhor.

As palavras corretas saíam de minha boca enquanto eu andava de um lado a outro.

— Esse é o meu rapaz. — Ele preparou meu drinque, um líquido cor de damasco servido de uma garrafa de cristal lapidado.

— Então encontrou minha filha no parque — disse ele, oferecendo-me o conhaque. Não pude deixar de segurar o copo cintilante na luz. Teria sido lindo mesmo sem meus sentidos de vampiro, dispersando cada feixe de luz como libélulas iridescentes.

Assenti para meu anfitrião e tomei um pequeno gole, sentando-me quando ele gesticulou para uma poltrona de couro. A bebida doce e quente derramou-se em minha língua, ao mesmo tempo reconfortando-me e fazendo com que me sentisse estranhamente inquieto. Saí de um parque onde morava para bebericar um conhaque refinado em uma mansão com um homem muito rico no curso de uma curta noite. E ao mesmo tempo em que ansiava por correr de volta à escuridão, a solidão que impregnava meu ser implorava-me para ficar. Eu não falava com ninguém havia duas semanas, mas ali estava eu, convidado a este palácio de atividade humana. Podia sentir pelo menos uma dúzia de criados e familiares nos poucos cômodos próximos, seu cheiro inebriante indistinguível a todos exceto a mim, e os dois cães que eu sabia que

estavam na cozinha.

Meu benfeitor olhou-me de um jeito estranho, e obriguei-me a prestar atenção.

— Sim, senhor. Encontrei-a numa clareira perto dos restos da antiga vila de Seneca.

— O que estava fazendo no parque tão tarde da noite? — perguntou ele, olhando-me fixamente.

— Caminhando — respondi tranquilamente.

Preparei-me para o que viria a seguir, a série desagradável de perguntas que avaliariam minha situação na vida, mas minhas roupas rasgadas certamente lhe davam alguma indicação. Se eu estivesse no lugar dele, teria colocado alguns dólares em minha mão e me levado apressadamente à porta. Afinal, a Nova York não faltavam predadores e, embora ele não pudesse saber disto — provavelmente nem mesmo imaginava — eu era da pior espécie deles.

Mas suas palavras seguintes me surpreenderam.

— A sorte lhe faltou, filho? — perguntou, com a expressão se abrandando. — O que houve... foi expulso da casa de seu pai? Um escândalo? Duelo? Apanhado do lado errado da guerra?

Fiquei boquiaberto. Como ele sabia que eu não era só um vagabundo?

Ele pareceu adivinhar meu pensamento.

— Seus sapatos, filho, mostram que você é evidentemente um cavalheiro, apesar das atuais, hum, circunstâncias — disse ele, olhando-os. Também os olhei: arranhados e sujos, eu não os engraxava desde a Louisiana. — O feitio é italiano, e o couro, da melhor qualidade. Eu conheço meu couro. — Ele bateu no próprio sapato, que parecia ser feito de crocodilo. — Foi como comecei a vida. Meu nome é Winfield T. Sutherland, dono da Sutherland's Mercantile. Alguns vizinhos ganharam seu dinheiro com o petróleo ou as ferrovias, mas

eu fiz fortuna honestamente... Vendendo às pessoas aquilo que precisam.

A porta para o estúdio se abriu, e entrou uma jovem que vi na calçada. Estava composta e graciosa, com um passo que era ao mesmo tempo majestoso e eficiente. Sua touca era simples — quase como de uma criada —, mas acentuava as feições refinadas. Era uma versão rarefeita da menina que encontrei no parque. O cabelo era de um dourado um pouco mais sutil, e os cachos caíam naturalmente em suaves anéis. Os cílios eram grossos, porém mais longos, emoldurando olhos azuis com um toque de cinza. As maçãs do rosto eram um pouco mais altas, e sua expressão, mais suave.

Meu apreço humano por sua beleza lutava com a avaliação vampiresca de seu corpo: saudável e jovem.

— O médico acaba de chegar, mas mamãe acha que ela vai ficar bem — disse a menina calmamente. — O ferimento não é tão fundo quanto aparentava e parece já estar cicatrizando. É sem dúvida nenhuma um milagre.

Remexi-me na cadeira, sabendo que eu tinha sido a origem relutante desse "milagre".

— Minha filha Lydia — apresentou Winfield. — A mais majestosa de minhas três graças. Foi Bridget que você encontrou. Ela é um tanto... hum... tempestuosa.

— Ela saiu sozinha do baile — disse Lydia através de um sorriso forçado. — Acho que talvez queira uma palavra um pouco mais forte do que "tempestuosa", papai.

Gostei de Lydia de imediato. Não tinha o *joie de vivre* de Callie, mas era dona de uma inteligência e um senso de humor que lhe caíam bem. Até gostei do pai dela, apesar de sua ira e petulância. De certo modo, lembrava-me de minha própria casa, de minha família, quando eu tinha uma.

— Você nos prestou um ótimo serviço, Stefan — disse Winfield. — E perdoe-me se falo sem rodeios, mas suspeito que não tenha uma casa à qual

voltar. Por que não passa a noite aqui? É tarde demais para ir a algum lugar, e deve estar exausto.

Ergui as mãos.

— Não, eu não posso.

— Certamente deve — disse Lydia.

— Eu... — *Diga não*. A imagem dos olhos verdes de Callie se ergueu diante de mim e pensei em meu juramento de viver longe dos humanos. Mas os confortos desta bela casa lembravam-me tanto da vida humana que deixei para trás em Mystic Falls que tive dificuldade para fazer o que sabia que deveria.

— Eu insisto, meu rapaz. — Winfield colocou a mão carnuda em meu ombro, obrigando-me a sair da sala. — É o mínimo que podemos oferecer como prova de gratidão. Uma boa noite de sono e um café da manhã saudável.

— É muita gentileza, mas...

— *Por favor* — disse Lydia, com um leve sorriso. — Estamos todos tão gratos.

— Eu realmente deveria...

— Excelente! — Winfield bateu palmas. — Está combinado. Mandaremos inclusive lavar e passar suas roupas.

Como um cavalo sendo conduzido por uma série de tratadores antes de uma corrida, a empregada dos Sutherland me levou por vários lances de escada a uma ala nos fundos da casa que dava para uma viela a leste. Em vez de meu buraco de sempre nas pedras perto das lápides violadas, eu dormiria numa imensa cama de plumas com dossel em um quarto com uma lareira crepitante, numa casa de humanos que me receberam felizes e rapidamente me aceitaram como um deles.

O vampiro em mim ainda estava faminto e nervoso. Mas isso não impedia

que o humano em mim saboreasse uma amostra da vida que perdi.

4

5 de novembro de 1864

Parece que já faz décadas, mas, na realidade, pouco tempo se passou desde minha transformação, desde que meu pai me matou. Mal se passou um mês desde que Damon e eu tentamos salvar a vida de Katherine e seu sangue salvou a nossa. Mal se passou um mês desde que eu era um humano vivo, de sangue quente, que se sustentava com refeições de carne e vegetais, queijo e vinho — e dormia numa cama de plumas, com lençóis limpos.

Entretanto, parece uma vida inteira e, segundo algumas definições, suponho que seja.

Mas, com a mesma rapidez com que meu destino mudou depois de Nova Orleans, deixando-me para viver como um errante num buraco rochoso do parque, aqui estou eu, a uma mesa sob uma janela com caixilhos de chumbo e um tapete grosso a meus pés. Com que rapidez voltei às maneiras humanas!

Os Sutherland parecem uma família gentil. Imagino a tempestuosa Bridget e sua irmã mais velha e sofrida como versões especulares de Damon e de mim. Jamais pensei que as brigas entre Damon e meu pai fossem inofensivas quando tratavam apenas de

cavalos e mulheres. Sempre tive medo de que um deles dissesse ou fizesse algo que terminaria com o que nos restava.

Agora que meu pai está morto e meu irmão e eu somos... o que somos, percebo o quanto as coisas podem ficar mais sérias, e a simplicidade e tranquilidade da vida que tinha antes.

Eu não devia ficar aqui, sequer passar a noite. Deveria escapulir pela janela e fugir para meu lugar no exílio. Ser envolvido no abraço caloroso e vivo da família Sutherland por qualquer período de tempo, por mais curto que seja, é perigoso e ilusório. Faz com que eu quase sinta que posso pertencer ao mundo dos humanos mais uma vez. Eles não percebem que colocaram um predador em seu meio. Só me seria necessário perder o controle uma vez, sair de meu quarto agora e saciar-me de um deles, e sua vida estaria cheia de tragédia — como a minha, quando Katherine chegou a nossa porta.

A família sempre foi o mais importante para mim, e eu estaria mentindo se não admitisse que é reconfortante estar entre pessoas que se amam, pelo menos por uma noite de empréstimo...

Pela primeira vez desde que saí de Nova Orleans, levantei-me com o sol, pretendendo escapar da mansão e desaparecer na névoa da manhã antes que alguém viesse me acordar. Mas era difícil resistir à atração de lençóis de linho imaculados, o colchão macio, as prateleiras de livros e o teto pintado de meu quarto.

Depois de admirar o afresco de querubins alados acima de mim, empurrei as cobertas macias e obriguei-me a sair da cama. Cada músculo de meu corpo ondulava sob minha pele pálida, cheios de força e Poder, mas cada osso em minha caixa torácica aparecia. Os Sutherland levaram minhas roupas para que fossem lavadas, mas não me deram um camisolão. Desfrutei da sensação

do sol matinal, o calor cintilante lutando contra o frio do quarto. Embora eu nunca tivesse perdoado Katherine por me transformar num monstro, estava grato ao menos por seu anel de lápis-lazúli, que me protegia dos raios do sol, sem ele fatais.

A janela estava ligeiramente aberta, convidando uma brisa fria ao quarto e fazendo adejar as cortinas diáfanas. Embora a temperatura não me afetasse mais, fechei a janela, trancando-a com certa perplexidade. Eu seria capaz de jurar que todas as janelas tinham sido fechadas na noite passada. Antes de ter tempo de considerar melhor a questão, a pancada reveladora de um coração soou perto dali e, depois de uma leve batida, a porta se entreabriu. Lydia colocou a cabeça para dentro, imediatamente corou e virou o rosto ao me ver seminu.

— Meu pai teve medo de que você tentasse sair sem se despedir. Fui enviada para me certificar de que você não seduziu uma criada para ajudá-lo.

— Não estou em condições de fugir — disse, cobrindo o peito com os braços. — Precisarei de minhas calças para tanto.

— Henry logo virá com suas calças, recém-passadas — disse ela, mantendo os olhos no chão. — Nesse meio-tempo, há um lavatório no corredor, à direita. Sinta-se à vontade para se refrescar e descer para o café da manhã.

Concordei com a cabeça, sentindo-me numa armadilha.

— E, Stefan. — Lydia olhou brevemente para cima e me fitou nos olhos. — Espero que também consiga encontrar uma camisa. — Então sorriu e escapuliu dali.

Quando finalmente desci para o café, todo o clã dos Sutherland esperava por mim — até Bridget, que estava viva e devorava torradas como se não comesse havia uma quinzena. A não ser por uma leve palidez, era impossível dizer que ela quase morrera na noite anterior.

Todos se viraram e arquejaram quando me aproximei. Aparentemente, eu tinha uma figura diferente do herói de mangas de camisa da noite anterior. Com sapatos italianos refinados bem engraxados, calças limpas e uma nova camisa, além de um paletó que Winfield me enviara, eu era em cada centímetro um cavalheiro. Até lavei o rosto e penteei o cabelo para trás.

— A cozinheira preparou mingau de aveia, se quiser — disse a sra. Sutherland, indicando uma tigela com uma papa branca. — Em geral não é de nosso gosto, mas pensei que nosso convidado do Sul pudesse apreciar.

— Obrigado, senhora. — Assumi o lugar vago ao lado de Bridget e olhei a comida posta na grande mesa de madeira. Depois do falecimento de minha mãe, Damon, meu pai eu tínhamos o hábito de fazer nossas refeições informalmente com os homens que empregávamos nas lavouras. O café da manhã em geral era composto de coisas simples de trabalhadores: canjica e biscoitos, pão e melado, tiras de bacon. O que estava à mesa na residência dos Winfield causaria vergonha ao restaurante mais sofisticado da Virgínia. Torradas no estilo inglês em delicados vasilhames de metal, cinco tipos de diferentes de geleia, dois de bacon, pão de milho, melado, até suco de laranja fresco. A delicada louça tinha estilo holandês, e havia mais talheres do que eu estava acostumado a ver em um jantar formal.

Desejando ainda ter apetite humano — e ignorando o fogo em minhas veias sedentas por sangue —, fingi mordiscar.

— Muito agradecido — disse.

— Então este é o salvador de minha irmãzinha — declarou a única mulher na sala que eu não conhecia.

— Permita-me apresentar-lhe a mais velha de minhas filhas — disse Winfield. — Esta é Margaret. A primeira a se casar. E a primeira a me dar netos, esperamos.

— *Papai.* — Margaret o repreendeu, antes de voltar sua atenção a mim. —

É um prazer conhecê-lo. — Enquanto Bridget era cheia de vida e rotunda de juventude e Lydia era elegante e cultivada, Margaret tinha algo de um senso prático e inquisitivo, um pragmatismo que aparecia em seus olhos azuis indagativos. O cabelo era preto e tendia ao liso.

— Estávamos discutindo o que teria incitado a imprudência de minha filha — disse Winfield, levando a conversa de volta à noite anterior.

— Eu não sei *por que* fugi. — Bridget fez beicinho, bebendo sofregamente um copo de suco de laranja. As irmãs mais velhas se olharam, mas o pai se curvou para mais perto, com rugas de preocupação marcando a testa. — Só senti que precisava sair. Então saí.

— Foi tolo e perigoso — repreendeu a mãe, sacudindo o guardanapo. — Você podia ter morrido!

— Fico feliz em ver que está indo tão bem hoje — falei educadamente. Bridget sorriu, exibindo dentes que alojavam pedacinhos de polpa de laranja.

— Sim. Quanto a isto — disse Margaret, batendo a colher do ovo na lateral do prato. — Disse que a encontrou coberta de sangue no parque?

— Sim, senhora — respondi cautelosamente, colocando o menor pedaço de bacon no prato. Esta irmã parecia mais astuta do que os outros, e não tinha medo de fazer perguntas desagradáveis.

— Havia *muito* sangue, e o vestido de Bridget estava rasgado — pressionou Margaret. — Não achou estranho que não houvesse nenhuma ferida?

— Hmmmm — gaguejei. Minha mente disparava. O que eu poderia dizer? Que o sangue era de outra pessoa?

— Pensei que havia um ferimento a faca ontem à noite — disse a sra. Sutherland, franzindo os lábios ao refletir. — Mas era apenas sangue coagulado, e foi inteiramente limpo.

Margaret me fitou com olhos penetrantes.

— Quem sabe ela não teve um sangramento nasal...? — murmurei canhestramente.

— Então está dizendo que não viu nenhum agressor quando se aproximou de minha irmã? — perguntou Margaret.

— Ah, Meggie, você e seus interrogatórios — disse Winfield. — É um milagre que Bridget esteja bem. Graças a Deus Stefan a encontrou.

— Sim, claro. Graças a Deus. E o que estava fazendo no parque ontem à noite sozinho? — continuou Margaret com mais brandura.

— Caminhando. — Dei a mesma resposta que dera ao pai na noite anterior.

Na forte luz da manhã, pareceu-me estranho que Winfield não tivesse me perguntado nada mais do que meu nome e por que eu estava no parque. Em ocasiões como esta, e depois de a filha ter sofrido um grande golpe, não correspondia aos padrões aceitar um estranho em sua casa. Mas meu pai ofereceu refúgio a Katherine quando ela chegou a Mystic Falls, fingindo-se de órfã.

Uma parte ranheta de mim se perguntava se nossa história poderia ter terminado de forma diferente, se toda a estirpe dos Salvatore ainda estaria viva se tivéssemos pressionado Katherine a nos dar respostas sobre seu passado em vez de agir com tanta cautela em torno da tragédia que, alegava ela, subtraíra a vida de seus pais. É claro, porém, que Katherine tinha a mim e Damon profundamente em transe e talvez não tivesse feito nenhuma diferença.

Margaret curvou-se para a frente, sem desistir educadamente, como fez Winfield na noite passada.

— O senhor não é daqui, pelo que vejo?

— Sou da Virgínia — respondi enquanto ela abria a boca para formular a pergunta seguinte e óbvia. Estranhamente, eu me sentia melhor em dar algo

verdadeiro a esta família. Além disso, logo estaria fora desta casa, fora de suas vidas, e não importaria o que soubessem de mim.

— De onde, exatamente? — pressionou Margaret.

— Mystic Falls.

— Nunca ouvi falar.

— É muito pequena. Só uma rua principal e algumas lavouras.

Houve um arrastar de pés sob a mesa e só pude supor que era Bridget ou Lydia tentando dar um pontapé em Margaret. Se o chute foi bem-sucedido, Margaret não deu sinal.

— É um homem instruído? — continuou ela.

— Não, senhora. Eu pretendia estudar na Universidade da Virgínia. A guerra pôs um fim a isto.

— A guerra não é boa para ninguém — disse Winfield ao meter o garfo num pedaço de bacon.

— A guerra pôs fim a muitas viagens fortuitas entre os estados — acrescentou Margaret.

— E que relação isso tem? — perguntou Bridget.

— Sua irmã está sugerindo que é uma época estranha para eu vir ao Norte — expliquei. — Mas meu pai havia falecido recentemente...

— Da guerra? — perguntou Bridget, sem fôlego. Lydia e a sra. Sutherland a fuzilaram com os olhos.

— Indiretamente — respondi. Uma guerra *tinha* levado a vida de meu pai, uma guerra contra vampiros; contra mim. — Minha cidade... foi incendiada, e não restou nada para mais ninguém.

— Então veio para o Norte — disse Lydia.

— Para tentar a mão nos negócios, quem sabe? — sugeriu Winfield, cheio de esperança.

Aqui estava um homem com três filhas, três lindas filhas, mas sem

qualquer filho homem. Ninguém com quem dividir charutos e conhaque, ninguém para encorajar e estimular e com quem competir no mundo dos negócios. Eu estava ao mesmo tempo preocupado e entretido com o brilho em seus olhos quando ele me fitou. Certamente havia famílias com filhos homens em Manhattan que dariam alianças conjugais mais auspiciosas.

— O que quer que eu faça, pretendo seguir meu caminho no mundo sozinho — respondi, tomando um gole do café. Teria de ser assim, sem Lexi ou Katherine como guias. E se eu visse Damon novamente, só seria guiado por uma estaca recém-afiada.

— Onde está morando? — continuou Margaret. — Tem família aqui?

Dei um pigarro, mas antes que tivesse de contar minha primeira mentira, Bridget gemeu.

— Meggie, estou cansada desse interrogatório!

Uma sugestão de sorriso brotou nos lábios de Lydia, e ela rapidamente escondeu-o atrás do guardanapo.

— Do que prefere falar?

— De si mesma? — Margaret arqueou a sobrancelha.

— Sim, isso mesmo! — Bridget olhou as pessoas à mesa. Seus olhos brilhavam verdes como os de Callie, mas, com sua petulância em plena exposição, ela não me lembrava mais de meu amor perdido. — Ainda não sei *por que* fugi da festa.

Margaret revirou os olhos. Lydia meneou a cabeça.

— Quero dizer, devia ter *visto* como eu estava! — Ela agitava a faca para dar ênfase. — O vestido de Flora era o pior, especialmente considerando que é uma mulher recém-casada. E minha faixa nova... Ah, não, ficou arruinada ontem à noite? Eu odiaria vê-la estragada! Mamãe! Ela estava comigo quando Stefan me trouxe para casa? Teremos de voltar ao parque e procurar!

— Que tal voltar ao parque e *procurar a pessoa que tentou matar você?* —

sugeriu Margaret.

— Já tivemos uma conversa com o inspetor Warren sobre isso. Ele garantiu uma investigação completa — disse a sra. Sutherland. — Mas, Bridget, deve prometer não fugir do baile dos Chester esta noite, ou serei obrigada a colocá-la de castigo em seu quarto.

Bridget cruzou os braços, de mau humor.

— Você também não deve fugir — disse a sra. Sutherland mais incisivamente a Lydia. A irmã do meio corou.

— Lydia se apaixonou por um conde italiano — confidenciou Bridget, o beicinho evaporando-se enquanto ela cedia à fofoca. — Todos esperamos que ele peça a mão dela em casamento... Não seria esplêndido? Assim todos seríamos como a realeza, mais ou menos, e não só mercadores ricos. Imagine, Lydia, uma condessa!

Winfield soltou um riso nervoso.

— Bridget...

Bridget bateu as pestanas espessas.

— É tão *maravilhoso* que Lydia tenha um pretendente, e ainda mais um conde. Depois que Meggie se casou, tive medo de que mamãe e papai ficassem tradicionais e não me deixassem casar antes de Lydia, e quem sabe quanto tempo *isso* levará para acontecer?

— Lydia é... especial — disse a sra. Sutherland.

— Ah, sim, mamãe. — Bridget revirou os olhos. — Como se alguém um dia tivesse se interessado. E agora ela tem um *conde*. Isso não é... não é justo, sabia, se pensar bem... Se eu tivesse um baile de debutante...

Remexi-me na cadeira, ao mesmo tempo constrangido por todos e feliz por estar envolvido em algo tão banal quanto uma rixa de família. Era a primeira vez que estava em companhia de pessoas desde que deixei Lexi em Nova Orleans.

— Tantos homens bonitos e estranhos em nossa vida ultimamente — disse Margaret, em algum ponto entre o capricho e o alerta. — Que estranha coincidência, sr. Salvatore. Talvez eu não precise viajar pela Europa, afinal.

— Cale-se, Margaret — disse Winfield.

— E eu realmente não tenho *ninguém* que me acompanhe à casa dos Chester, mamãe — continuava Bridget, ruborizando como se tentasse ao máximo chorar. Ela me olhava de lado o tempo todo. — Sei que Milash não vai me acompanhar depois da noite passada... Preciso desesperadamente de resgate...

Bridget arregalou os olhos verdes para o pai. Winfield franziu o cenho e afagou as costeletas, pensativo. Neste momento, Bridget parecia poderosa como uma vampira, capaz de influenciar o pai a realizar cada desejo seu. Margaret colocou a mão na cabeça como se sentisse dor.

— O sr. Salvatore a levará — disse Winfield, gesticulando para mim com um garfo cheio de biscoito. — Ele a resgatou uma vez; sei que é um cavalheiro que não a deixaria aflita novamente.

Todos os olhos se voltaram para mim. Bridget se empertigou, sorrindo como um gatinho a quem ofereceram uma tigela de leite.

Eu hesitei.

— Receio não ter o traje apropriado... — comecei.

— Ora, isto se resolve facilmente — disse a sra. Sutherland com um sorriso malicioso.

— Mais uma vez — murmurou Lydia, baixo demais para mais alguém ouvir —, prendemos o pobre sr. Salvatore a nossa mercê. Com calças.

5

No final do café da manhã, as criadas recolheram a porcelana holandesa e as geleias, e Winfield se retirou para seu estúdio, deixando-me com as mulheres Sutherland na ensolarada sala de visitas. Bridget, Lydia e a sra. Sutherland se instalaram no sofá de brocado, ao passo que eu me empoleirei na beira de uma cadeira de veludo verde, fingindo olhar um retrato a óleo da família quando na verdade calculava a melhor maneira de escapar dali. Minha última refeição irrisória parecia uma lembrança distante, e era cada vez mais difícil resistir à doce sinfonia de corações batendo nesta grande mansão.

Durante a refeição, tentei várias vezes me livrar da presença dos Sutherland, com o objetivo de sair por uma janela ou escapar pelos aposentos dos criados. Mas, como se minhas intenções estivessem escritas na testa, fui incapaz de livrar-me de minha companhia por dois minutos que fossem. Quando pedi licença para ir ao toalete, o mordomo insistiu em me acompanhar. Quando mencionei que gostaria de me deitar em meu quarto, a sra. Sutherland observou que o sofá da sala era o local perfeito para um repouso. Eu sabia que eles estavam muito gratos a mim por ter-lhes devolvido Bridget, mas não conseguia explicar a aceitação em sua própria casa. Especialmente dado o estado em que eu me encontrava quando entrei ali: sujo, de roupas rasgadas, desgrenhado e ensanguentado.

— Sr. Stefan — disse Margaret, recostando-se na coluna que separava a

sala de visitas do saguão. — O senhor está inteiramente bem?

— Estou ótimo, ótimo — respondi. — Por que pergunta?

— Está sacudindo tanto a perna que chega a abalar a cadeira.

Segurei o joelho para firmar a perna.

— Em geral começo a manhã com uma caminhada — menti, colocando-me de pé. — Na realidade, se me der licença, acho que darei uma volta no parque.

Margaret ergueu uma sobrancelha perfeitamente arqueada.

— Certamente parece passar muito tempo lá.

— Considero-o meu segundo lar — argumentei com um sorriso irônico, imaginando minha caverna com seu quadro de estátuas. — Sempre achei a natureza reconfortante.

— Que ideia maravilhosa! — disse a sra. Sutherland, batendo palmas. — O senhor se importará se nos juntarmos neste passeio? Está um lindo dia e todos podemos tomar um pouco de ar fresco.

— Mamãe, acho que será melhor eu descansar — disse Bridget, colocando a mão na testa de aparência saudável.

— Quer dizer ficar aqui dentro e receber visitas o dia todo, assim pode contar suas aventuras — disse Margaret, meneando a cabeça. — Receio que eu também tenha de declinar, mamãe. Tenho coisas a fazer em casa, agora que parece que minha irmã está bem... E meu marido sente minha falta.

— Nem imagino o porquê — murmurou Bridget, pouco caridosa.

Lydia lançou à irmã mais nova um olhar feio e bateu de leve em seu braço. A sra. Sutherland ignorou as implicâncias de irmãs, abrindo um manto leve e o passando nos ombros.

— Venha conosco, sr. Salvatore. Formaremos um trio elegante.

Resistindo ao impulso de gritar de frustração — o que seria necessário para sair das garras desta família? —, forcei um sorriso e estendi o braço para

a sra. Sutherland.

No segundo em que saí pela imensa porta da frente, o sol assaltou meus olhos. Era forte, de um amarelo-limão, e o céu tinha um azul perfeito. Para o início de novembro no Norte, o dia estava extraordinariamente tépido. Se não fosse pelo ângulo baixo do sol em relação à terra, teria sido fácil confundir com uma manhã fresca de primavera.

Fomos para o sul, depois atravessamos a rua 66 e passamos pelos portões de ferro batido do parque. Apesar dos acontecimentos da noite anterior, nem Lydia nem a sra. Sutherland mostraram qualquer hesitação ou medo. Suponho que se sentissem seguras em minha presença. Respirei fundo o ar da manhã, que parecia demasiado claro e puro depois dos eventos de ontem à noite. Era como se o mundo todo, ao nascer o sol, tivesse se lavado. Sementes balançavam-se nas pontas de longas folhas de relva, e as flores abriam-se para o céu, tomando a última luz do sol do ano. As gotas de orvalho da noite anterior já se dissipavam.

Não éramos os únicos a desfrutar do dia. O parque estava lotado de famílias e casais em passeio. Novamente me impressionou como o Norte era diferente. As mulheres ianques usavam cores mais vivas, como as que eu não via no Sul fazia anos — escarlate, amarelo vivo, azuis-claros e celestes; em seda, veludo e tecidos caros como renda europeia, meias delicadas e botas mínimas de couro.

Até a natureza aqui era diferente. As árvores do Norte eram bordos redondos, singulares e elípticos, enquanto nossos luxuriantes carvalhos se esparramavam, banhando-se no sol até as extremidades de seus galhos. Os pinheiros eram espigados e azuis, e não os altos, macios e grandiosos por onde sussurrava a brisa suave do Sul.

A sra. Sutherland e Lydia conversavam sobre o clima, mas tinham perdido minha atenção, pois por um momento um esquilo cruzou nosso caminho. Fui

tomado de uma escuridão repentina, com se uma das poucas nuvens no céu momentaneamente tivesse passado na frente do sol. Meus instintos de predador despertaram. Não havia nada de deleitável nos olhos de conta ou na cauda peluda, mas num átimo eu senti o gosto — o sangue de ontem. Invadiu minhas narinas e fez cócegas de desejo em minha garganta.

— Com licença, por favor... eu... creio ter visto alguém que conheço. — Dei minha desculpa banal enquanto partia, prometendo voltar num momento, mas não pretendia fazer isso. Podia sentir os olhos de Lydia e da sra. Sutherland seguindo-me com curiosidade enquanto eu desaparecia atrás de uma moita de arbustos.

Lá estava minha presa, inocente como Bridget devia parecer a seu agressor ontem à noite. Olhou-me quando me aproximei, mas não se mexeu. Num instante eu estava em cima dela e tudo se acabou ainda mais rapidamente. Enquanto sentia o sangue descer pela minha garganta — um alimento parco, mas ainda assim um alimento —, recostei-me no tronco da árvore, tomado de um alívio exausto. Só agora ficava evidente como estive tenso, cada momento com medo de minha própria fome. Com medo das agitações dentro de mim, de como podiam me controlar a qualquer instante.

O alívio era tanto que nem ouvi Lydia se aproximar, arruinando minha chance de escapar.

— Stefan? — chamou ela, olhando em volta, sem dúvida curiosa para conhecer a pessoa a quem corri para cumprimentar.

— Por acaso eu estava equivocado — murmurei, reunindo-me relutantemente a Lydia e sua mãe na trilha. Elas voltaram à conversa educada enquanto eu esperneava em silêncio ao lado delas, censurando-me por meus reflexos mais lentos. Qual era o meu problema? Eu era um vampiro. Retirar-me da presença das Sutherland não deveria ser uma tarefa árdua, mesmo em meu estado enfraquecido. Uma ideia desagradável e uma explicação

alternativa agitaram-se no fundo de minha mente: de que eu ainda estava com esta família porque *queria*.

— Sr. Salvatore, está pavorosamente calado — observou a sra. Sutherland. Olhei rapidamente para Lydia, que me abriu um sorriso, claramente reconhecendo que a mãe não primava pela sutileza.

— Perdoe-me. Já faz algum tempo que não tenho a companhia de pessoas — admiti enquanto entrávamos na trilha dos cavalos.

A sra. Sutherland apertou minha mão. Se notou sua palidez gélida, deve ter tomado por frio.

— Desde que perdeu seu pai? — perguntou ela com gentileza.

Assenti. Esta explicação era mais fácil do que a verdade.

— Eu perdi um irmão na batalha com o México — confidenciou a sra. Sutherland enquanto passávamos por uma menininha e seu pai passeando com um dachshund de pelo longo. — Éramos os mais próximos de nove irmãos e irmãs. Apesar do número, nenhum o substituiu em meu coração.

— O tio Isaiah — murmurou Lydia. — Mal me lembro dele. Mas ele era sempre gentil.

— Lamento saber. Não pretendia transformar isso em uma ocasião triste — desculpei-me.

— A lembrança e o luto não precisam ser tristes — observou a sra. Sutherland. — São simplesmente... o que são. Manter a vida deles presente na nossa.

Suas palavras lançavam uma luz de verdade por todos os pensamentos confusos que vinham toldando minha cabeça ultimamente: como continuar em contato com meu lado humano, mesmo enquanto adotava a existência de vampiro, como não perder minha alma. Manter o passado presente era de suma importância. Assim como a lembrança de Callie me impediu de atacar Bridget, minha ligação com minha família, com a vida que um dia foi minha,

ajudaria a preservar minha humanidade.

Embora ela não fosse parecida com minha mãe, por um instante, com o sol brilhando em sua touca e iluminando o cabelo grisalho, os olhos azuis e aguçados se suavizando com sentimento, de repente senti que ela *poderia* ser minha mãe. Fossem as circunstâncias diferentes, eu ficaria feliz em sua casa.

Ah, como eu sentia falta de minha mãe. Embora meu profundo pesar por ela tenha se amainado desde que ela morreu, havia uma dor surda que nunca se ausentava de meu coração. O quanto da tragédia que engolfou nossa vida teria sido evitada se ela ainda estivesse viva?

Também sentia falta de meu pai. Até o momento em que o matei, eu o respeitava e o amava. Quis seguir seus passos, assumir a propriedade da família, agradar-lhe ao máximo. Meu desejo mais profundo era de que ele também pudesse me respeitar e amar.

Sentia falta até de meu irmão, ou melhor, de quem ele era antigamente. Embora tivesse jurado se vingar de mim por tê-lo transformado em vampiro, em vida ele era meu mais fiel companheiro no mundo, meu competidor nos jogos e confidente mais próximo. Perguntei-me onde Damon estaria agora e que mal poderia estar causando. Eu não tinha o direito de julgar seu mau comportamento — tive minha parcela de sede de sangue depois de ser transformado. Só esperava que sua humanidade tivesse lhe voltado, como voltou a mim.

— É uma mulher sensata, sra. Sutherland — disse eu, retribuindo o aperto de sua mão. Ela sorriu para mim.

— O senhor é um jovem extraordinário — observou a sra. Sutherland. — Se eu fosse sua mãe, teria orgulho. É claro que não tenho filhos homens, e só *um* genro... — Ela fungou.

— Mas, mãe, Margaret e eu somos muito realizadas, a nossa maneira — disse Lydia, ignorando a observação mordaz sobre os genros. — Ela cuida dos

livros para Wally. E eu estou ajudando a criar aquela instituição de caridade para mães que perderam uma renda estável.

A sra. Sutherland lançou um sorriso para mim, e nesse momento atrevi-me a ter esperanças. Talvez fosse possível. Ficar aqui, tornar-me parte desta família. Seria um jogo perigoso, mas talvez eu o dominasse. Eu podia manter minha fome sob controle e dar caminhadas diárias com Lydia e a sra. Sutherland, acompanhando-as à casa para uma xícara de chá ou um debate acalorado sobre a guerra com Winfield.

Lydia continuava, argumentando em favor de sua independência enquanto a mãe suspirava, apesar de seu orgulho evidente. O sol esquentava ao prosseguirmos para o oeste, escolhendo caminhos ao acaso até darmos em uma trilha familiar no meio do parque, levando diretamente à vila de Seneca. A minha casa.

Talvez fosse minha distração repentina que tenha levado a sra. Sutherland a me olhar tão atentamente.

— Sr. Salvatore — disse ela, um tanto preocupada, meio temerosa. — Tem uma... mancha... sob seu colarinho.

Apesar das leis do decoro, Lydia estendeu a mão, passando um dedo gentilmente por meu pescoço. Estremeci de excitação e medo de sua proximidade. Quando ela retirou o dedo estendido, tinha um ponto de sangue.

Empalideci. Pois esta era a realidade de minha vida. Apesar do sofrimento que eu suportava para me controlar, os esforços exaustivos do segredo constante, um ponto de sangue era todo o necessário para perturbar o equilíbrio. Elas veriam quem eu realmente era: um mentiroso, um assassino, um monstro.

O riso de Lydia rompeu o silêncio.

— Só um pouco de geleia — disse ela com leveza, esfregando o dedo no

galho baixo de uma árvore no caminho. — Sr. Salvatore — brincou ela —, sei que o deixamos muito à vontade, mas, enquanto for nosso hóspede, talvez deva ter mais cuidado com as maneiras à mesa.

A sra. Sutherland ia repreender a filha, mas, vendo o alívio feliz em meu rosto, sorriu também. Logo todos estávamos rindo alegremente de Stefan Salvatore, o herói-da-noite-convertido-em-hóspede-descuidado, ao voltarmos para casa à luz do sol.

6

Ao voltar da caminhada, senti-me sendo costurado em um terno novo em folha enquanto a sra. Sutherland instruía o alfaiate sobre onde me alfinetar e cutucar. Eu sabia que precisava ir embora, mas ainda não conseguia me separar da sra. Sutherland. Passamos a tarde toda conversando sobre minha mãe e seus parentes franceses, além de meu desejo de um dia ir à Itália para ver a Capela Sistina.

Antes que me desse conta, o alfaiate tinha feito a última costura e a noite chegara. Mesmo eu tinha de admitir que meu terno ficara fabuloso. Eu parecia um príncipe urbano da indústria com o peitilho branco e pregueado, cartola de seda e gravata. Winfield emprestou-me um de seus relógios de bolso em uma corrente coberta de pingentes de ouro e joias de bom gosto, e usei abotoaduras. Eu era a imagem da humanidade e tive vergonha de desfrutar tanto deste papel.

Bridget sorriu afetadamente quando lhe ofereci a mão, levantando-se da carruagem. Suas saias eram cheias e volumosas, uma versão damasco do vestido branco que ela usara na noite anterior. Uma malha de seda creme flutuava sobre tudo, dando-lhe a aparência de algo entre uma dançarina de uma pintura europeia e um bolo gigante. Ela riu, tropeçou e fingiu cair, jogando um braço em meu pescoço.

— Salve-me de novo, gentil senhor. — Ela riu. Lembrei-me de que só

precisava entretê-la por mais algumas horas. Depois, por maior que fosse o afeto que eu sentisse pela sra. Sutherland, jurei que cumpriria minha promessa de deixar a família ter sua vida, desaparecendo na multidão do baile e voltando a meu lar no parque.

Depois de um curto percurso, aproximamo-nos de outra mansão de tamanho considerável. Era de pedra sólida, como um castelo, mas cheia de janelas. Ajudei Bridget a descer do coche e assumimos nossos lugares na fila de recepção.

Em minha vida humana, estive em muitos bailes, mas *não* estava preparado para um baile em Nova York.

Havia alguém a quem entregar o casaco e a cartola — e, como não estávamos em Mystic Falls, onde todos de renome se conhecem, recebi um ticket com um número para recuperar minhas coisas no fim da noite. Aproximamo-nos do salão por um corredor aparentemente interminável de espelhos prateados iluminados por velas e candelabros, faiscante como eu imaginava que devia ser em Versalhes. Mil reflexos de prata, meus e de Bridget, encheram o espaço atrás do vidro.

Uma orquestra completa de violinos, violoncelos, trompetes e flautas tocava no canto, os músicos de terno preto. A sala estava cheia, de uma parede a outra, com dançarinos no leque mais impressionante de vestuário que já vira. As jovens erguiam delicadas mãos enluvadas com pulseiras de diamantes cintilantes, depois giravam em vestidos que iam da cor do sangue ao dourado-escuro. Saias diáfanas silvavam no ritmo de uma mazurca animada que a orquestra tocava, tule, renda e anáguas da seda mais refinada flutuando como pétalas jogadas em um lago.

Se meus olhos ficaram deslumbrados com a visão dos dançarinos, os odores no ambiente quase sobrepujaram meus demais sentidos: perfumes caros, vasos imensos de flores exóticas, suor e ponche, e em algum lugar

alguém sangrava de um alfinete deixado num vestido por uma criada descuidada.

— Devia marcar o cartão de dança de sua dama — murmurou Lydia em meu ouvido enquanto eu estava parado ali, pasmo com a cena opulenta e dominadora diante de mim.

— Aquela é... é Adelina Patti? — gaguejei, apontando para uma mulher de aparência discreta no canto, cercada de admiradores. — A cantora lírica?

Eu vira fotografias dela. Meu pai queria que os filhos tivessem um conhecimento prático de sua cultura e herança italianas.

— Sim — respondeu Bridget, revirando os olhos e batendo o lindo pé coberto de cetim. — E ali está o prefeito Gunther, e lá John D. Rockefeller e... Agora pode me levar a meu lugar? Quero ver quem vai me convidar para dançar.

Lydia soltou uma tosse educada que parecia subitamente um riso.

— No Sul — cochichei a ela pelo canto da boca —, é considerado falta de educação dançar demais com seu acompanhante.

Lydia colocou a mão enluvada na boca, cobrindo o sorriso.

— Soube que ainda dançam quadrilha no Sul e não têm jogos de salão em seus eventos. Boa sorte, sr. Salvatore.

E deslizou para a multidão. Margaret me lançou um sorriso malicioso. Estava no braço do marido, Wally, um homem baixo de *pince-nez* e uma corcova acentuada. Mas, quando ela cochichou para ele, um sorriso se abriu e ele ficou radiante. Senti uma estranha pontada de inveja. Eu nunca saberia como eram os rituais simples de um casal unido.

A orquestra iniciou uma valsa.

Bridget projetou o lábio inferior.

— E eu ainda sem marcar meu cartão de dança.

— Minha dama — disse eu, suspirando por dentro. Fiz-lhe uma breve

mesura e ofereci minha mão.

Bridget era uma boa dançarina, e foi quase agradável girar com ela pelo salão. Pude esquecer onde estava e quem era por alguns minutos de valsa: apenas um homem de casaca, com os pés deslizando, num salão cheio de gente bonita. Ela virou os olhos verdes para mim e por um lindo momento pude fingir que ela era Callie, viva, passando bem e chegando ao final feliz que tão desesperadamente merecia.

A ilusão chegou ao fim no momento em que a música parou.

— Leve-me para a margem dos dançarinos — pediu Bridget. — Quero que todo mundo nos veja!

Ela me arrastou, passando pela sala de refrescos, onde toda sorte de comidas exóticas estava disposta. Delicados sorvetes de frutas estrangeiras, café vienense real, manjar branco, bolinhos mínimos de chocolate e taças e mais taças de cristal com champanhe. Para os mais famintos, parecia haver todo tipo de aves, de codorna a ganso, elegantemente cortados em pequenos pedaços para que o dançarino pudesse comer rapidamente e voltar ao salão.

Mais uma vez desejei ter a fome de um humano normal. Mas, em vez disso, entreguei-me a uma taça de champanhe.

— Hilda, *Hilda* — chamou Bridget numa voz que se transmitia bem, considerando como o ambiente estava apinhado. Uma linda menina de vestido rosa virou-se do amigo cavalheiro, o rosto se iluminando ao ver Bridget. Seus olhos percorreram-me de cima a baixo com um bater rápido dos cílios.

— Este é *Stefan Salvatore* — disse Bridget. — Foi ele que me resgatou!

— *Mademoiselle* — disse eu com uma leve mesura, pegando a ponta de seus dedos e trazendo a meus lábios. Bridget me olhou de um jeito que ficava entre o ciúme e o prazer por eu ser tão educado.

— Brooklyn Bridgey! Quem é seu amigo? — Um jovem elegante com um

brilho nos olhos e um sorriso enorme apareceu a nosso lado. Tinha um nariz afilado e cabelo preto e crespo; pontos rosados apareciam em suas bochechas, fazendo-o parecer vagamente tuberculoso.

— Este é *Stefan Salvatore* — disse-lhe Bridget, exatamente com o mesmo orgulho e cuidado com que falou com Hilda. — Ele me resgatou quando fui atacada no parque!

— É um prazer conhecê-lo! Abraham Smith. Pode me chamar de Bram. — Ele pegou minha mão e a apertou com firmeza. — Que coisa terrivelmente desagradável de sua parte, sair da festa desacompanhada daquele jeito, Bridgey. — Bram sacudiu um dedo para ela, que fez beicinho.

— Brooklyn Bridgey? — perguntei, inclinando um pouco a cabeça.

— Ora, a Brooklyn Bridge é simplesmente a maior e mais fantástica ponte pênsil já construída! — disse Bram, com os olhos se iluminando. — Basta de balsas, senhor. Vamos *dirigir* nós mesmos de um lado a outro do poderoso rio East!

— Ah, *vejam!* — guinchou Bridget, apontando de maneira nada elegante. — São Lydia e o namorado! Vamos falar com eles!

Fiz uma saudação de despedida impotente a Hilda e Bram enquanto Bridget me dirigia para a irmã com um aperto de ferro.

O conde italiano estava cercado de admiradores, inclusive Lydia. Tive vislumbres dele ao nos aproximarmos. Seu cabelo negro brilhava, e o terno formal e preto lhe caía com perfeição. Ele se movimentava com uma graça despreocupada, gesticulando ao contar sua história. O brilho de um anel apareceu em sua mão.

A verdade me ocorreu momentos antes de ele se virar, como se ele esperasse minha chegada. Fiz o que pude para esconder o choque quando olhei nos olhos azuis e gélidos de meu irmão.

7

Cada músculo de meu corpo se retesou. O tempo pareceu parar enquanto nos olhávamos fixamente, um desafiando o outro em silêncio. Meu peito parecia apertado, e a raiva enroscava-se por meu corpo.

Da última vez que vi Damon, ele estava acima de mim com uma estaca, pouco depois de matar Callie. Seu rosto estava encovado, o corpo descarnado do tempo que passara em cativeiro. Agora parecia o Damon humano, o jovem que encantava a todos, de garçonetes a avós. Bem barbeado, vestido com elegância, fazendo impecavelmente o papel de um conde italiano. Agindo como humano. Ele enganava a todos no salão.

Damon ergueu uma sobrancelha para mim, e a sombra de um sorriso apareceu no canto da boca. A qualquer espectador, teria parecido apenas que ele estava satisfeito em ser apresentado a um novo conhecido.

Eu sabia da verdade. Damon desfrutava desta farsa e esperava para ver minha reação.

— Stefan Salvatore, posso lhe apresentar o conde Damon DeSangue? — disse Lydia.

Damon fez uma mesura perfeita, mal se curvando na altura da cintura.

— DeSangue... — repeti.

— *Conde* DeSangue — corrigiu Damon de bom humor, fingindo um sotaque italiano. Ele sorriu, revelando dentes retos, brancos e cintilantes.

Não, aqui não, pensei furiosamente. Não em Nova York, não em meio aos inocentes e bem intencionados Sutherland. Será que Damon me seguiu até aqui ou chegou primeiro? Ele estava aqui havia tempo suficiente para se ligar à pobre Lydia. E havia tido tempo suficiente para enganar a toda a sociedade de Nova York. Será possível que, nessa cidade fervilhante, nós dois tenhamos conseguido nos envolver com a família Sutherland inteiramente por coincidência?

Damon agora me encarava, embora o brilho gélido de humor sardônico nunca deixasse seus olhos, como se ele adivinhasse o que eu pensava.

— Stefan, Damon... eu simplesmente *sei* que os dois serão como irmãos. — Bridget voltou-se arrebatada para mim.

— Bem, então — disse Damon, com um sorriso malicioso puxando o canto da boca. — Olá, irmão! E de onde vem, *Stefan*?

— Virgínia — respondi rispidamente.

— Ah, é mesmo? Porque estive recentemente em Nova Orleans e podia jurar que conheci um cavalheiro idêntico a você. Já esteve lá?

Lydia se curvou para mais perto, os olhos brilhando de orgulho. Bridget assentia ansiosamente a cada palavra que Damon dizia. Até Bram e Hilda pareciam estar em transe. Agarrei-me a minha taça de champanhe com tanta força que me surpreendi de ela não se espatifar.

— Não, não posso dizer que estive lá.

O tinido feliz de talheres da mesa de refrescos de repente aumentou ao fundo. Centenas de pessoas, centenas de facas e um irmão muito raivoso e imprevisível diante de mim.

— Que interessante — disse ele. — Bom, talvez possamos voltar lá juntos. Soube que eles têm um circo magnífico.

A orquestra recomeçou a tocar, outra dança de ritmo acelerado. Mas isso era ruído de fundo. O baile e seus participantes sumiram. Neste momento,

Damon e eu estávamos os olhos fixos um no outro.

— *Se você sequer tentar alguma coisa* — falei, baixo o bastante para que só ele pudesse ouvir, endireitando os ombros e inconscientemente me preparando para uma luta.

— *Não pense que pode me superar* — disse Damon, girando nos calcanhares.

O grupo de pessoas com que estávamos olhava de um a outro, claramente ciente de que acontecia alguma coisa, mas sem saber exatamente o quê.

— Estou com sede — disse eu por fim em voz alta, sem tirar os olhos dele, tentando pensar em como afastar Damon de meus novos amigos. — Junta-se a mim numa bebida?

— Maravilhoso, eu adoraria — disse Bram com ansiedade, esperando romper a tensão.

— Eu *adoraria* — disse Damon, zombando do tom de Bram. — Mas o dever... e a mazurca... me chamam. — Ele se virou para Hilda e se curvou. — Posso?

— Ah, eu adoraria, mas Bram... — Ela começou a erguer o cartão de dança que tinha pendurado na cintura em uma fita rosa. Depois seus olhos se arregalaram, dilatando-se, e ela encarava; porém não mais o cartão. Olhei para Damon. Ele também a encarava, *influenciando-a*. Exibindo, na frente de todos... na minha frente... o quanto era poderoso.

Ele me mandava um recado.

— Ah, ele não se importaria — decidiu Hilda e pegou o braço de Damon. Ele a levou, sorrindo para mim. As pontas das presas cintilaram.

— Queria ter o charme dele — disse Bram com certa tristeza. — Ele tem todas as damas na palma da mão.

Lydia corou consideravelmente. Não olhava para Hilda com a expressão preocupada. Tinha a confiança calma de alguém que sabia exatamente as

condições do seu relacionamento. Damon sem dúvida a influenciara a agir de tal maneira. Ele acumulara uma quantidade considerável de Poder muito rapidamente.

— Onde exatamente vocês se conheceram? — perguntei, tentando parecer informal.

— Ah, foi *tão romântico* — respondeu Bridget rapidamente. — Quase tão romântico quanto você me encontrar, indefesa, no parque...

— Deixe sua irmã falar, Bridgey — interrompeu Bram.

Lydia sorriu, derretendo toda sua educação e comportamento elegante.

— Foi *mesmo* como um conto de fadas. Estava chovendo, um temporal repentino. Lembro-me particularmente de que o sol parecia brilhar segundos antes. Despreparadas para a mudança do tempo, minha mãe e eu ficamos ensopadas; meu chapéu novo arruinou-se e todos os meus pacotes pingavam. Juro que umas dez carruagens devem ter passado por nós sem parar. E então... uma delas parou, a porta se abriu, e ali estava *ele*, estendendo a mão para mim.

Seus olhos ficaram ternos.

— Ele me ofereceu seu lugar, mas entramos com ele...

Bram soltou muxoxos; Lydia sorriu, dando de ombros.

— Eu sei, eu sei... pegando carona com um estranho. Péssimo de nossa parte. Mas ele foi tão educado e tão encantador... E tivemos uma carona maravilhosa... Depois o sol saiu e mal percebemos...

Minha mente disparava. Teria Damon influenciado cada condutor de carruagem de Manhattan a evitar Lydia e a mãe? Seria possível influenciar tanta gente ao mesmo tempo? E quanto à chuva? Terá sido sorte... ou algo inteiramente diferente? Damon não era capaz de influenciar o *clima*. Se este poder estivesse disponível para os vampiros, eu saberia por Lexi ou até por Katherine. Não é verdade?

Examinei Lydia. Ela usava uma fita estreita e simples no pescoço com uma única pérola pendurada na frente. A pele era macia, imaculada — e não fora mordida. Se Damon não estava se alimentando de Lydia, o que queria dela?

— Alguém disse alguma coisa sobre estar com sede...? — perguntou Bram com esperança, esfregando as mãos. — Estou com um terrível desejo de beber mais champanhe.

— Sim, a sede é uma coisa terrível — respondi —, mas terá de me dar licença. — Então me virei e atravessei a multidão que dançava alegremente, decidido a procurar meu irmão antes que ele tivesse a oportunidade de cortar a garganta de alguém.

8

Encontrei Damon dançando com Hilda, conduzindo-a pela pista com o mais leve toque. Sempre que os dedos dele a tocavam, ela se curvava, aninhando-se nele um pouco mais do que era aceitável e jogando-se nele mais do que era necessário. Outras mulheres olharam com inveja, claramente esperando dançar com Damon em seguida. Ele fingiu dedicar toda sua atenção à pobre menina, mas desviou os olhos por tempo suficiente para me lançar um sorriso deslumbrante.

Esperei com impaciência que a dança terminasse, desejando poder influenciar os músicos a pararem. Mas, quaisquer que fossem os poderes de influenciar de Damon, os meus me faltavam severamente graças a minha parca dieta.

Assim que a última batida soou, andei decidido até meu irmão.

— Ah, desculpe-me, você quer...? — perguntou ele, inocentemente, indicando Hilda. — Porque eu tenho certeza de que ela *vai* querer. Se você *agradar* a ela.

Hilda examinou seu cartão de dança, a imagem da confusão.

— Vamos tomar uma bebida — falei, pegando-o pelo cotovelo.

— Exatamente o que eu estava pensando — concordou ele, fingindo seriedade. Ele estalou os dedos como que para um cão. — Hilda...?

— Deixe-a em paz — ordenei.

Damon revirou os olhos.

— Muito bem. Um garçom servirá. — Mas ele deixou que eu impusesse um aperto de ferro em seu braço e o guiasse pela multidão, passando pela sala de refrescos, por uma biblioteca e entrando em um estúdio pouco iluminado.

— O que diabos você está fazendo aqui? — exigi saber no momento em que ficamos a sós.

— *Tentando* me divertir — disse Damon, lançando as mãos ao alto e fingindo exasperação. Ele abandonou o sotaque de imediato. — Viu a comida? O salmão é da Escócia. E Adelina Patti está aqui também... Papai teria *morrido*. Ah, espere. — Ele estalou os dedos. — Ele *morreu*. Na realidade, você o matou.

— Só depois de ele tentar nos matar — observei, cerrando os punhos.

— Correção: depois de ele ter conseguido atirar em nós dois. Estávamos mortos, mano. — Damon sorriu para mim.

Ele me circundava. Despreocupadamente, como se não pretendesse, como se só estivesse andando à toa, conversando enquanto admirava a decoração. Lembrou-me de como ele andava pelo ringue no circo de Nova Orleans, quando Galagher o obrigou a lutar com o leão da montanha. Damon pegou uma estatueta e a virou nas mãos, mas os olhos continuaram fixos em mim. Endireitei os ombros, sentindo a reação do predador enquanto ele desafiava meu espaço pessoal.

— Vou lhe perguntar novamente, Damon: o que está fazendo aqui?

— O mesmo que você, mano. Começando uma nova vida, longe de casa, da guerra, da tragédia e de todas aquelas coisas de que fogem imigrantes como nós. É em Nova York que está a ação. Imaginei que, se era boa para meu irmão, seria boa para mim também.

— Então você me seguiu. Como?

— Você fede — disse Damon. — Não finja surpresa! Não só você. Todo

mundo fede. Somos caçadores, Stefan. Durante metade do caminho pela costa, não tive dificuldade de entender aonde você decidira ir depois de Nova Orleans. Só tratei de chegar aqui primeiro. Ainda não existe um trem que possa me derrotar a cavalo. Bem, vários cavalos. Alguns morreram de exaustão. Como a pobrezinha de sua Mezzanotte.

— Por que, Damon? — Ignorei sua crueldade casual. — Por que me seguiu até aqui?

Os olhos de Damon se estreitaram, e um lampejo de raiva disparou por eles, explodindo das profundezas ocultas de sua alma.

— Eu disse que o atormentaria por toda a eternidade com que você me abençoou, Stefan. Acha que eu quebraria minha promessa com tal rapidez?

Eu estava acostumado aos ataques de Damon. Sua raiva sempre foi como uma tempestade de verão, rápida e violenta, causando danos a qualquer um ou qualquer coisa próxima — e então acabava e ele pagava uma rodada na taberna.

Mas esta fúria era nova, e toda ela se devia a mim.

Desviei os olhos para que ele não visse a dor e a culpa escritas ali.

— O que quer com Lydia? O que ela tem a ver com tudo isso?

— Ah, Lydia. — Damon suspirou, infundindo um falso desejo em sua voz. — Encantadora, não? Definitivamente o melhor partido das três irmãs. É claro que Margaret tem seus encantos, mas ela é meio sarcástica para meu gosto e, bem, é *casada*. — Ele balançou a cabeça. — Mas temos Bridget. Que menina cheia de vida! Que verve!

— *...alguém viu Stefan?* — como se respondesse a uma deixa, nós dois captamos sua voz de soprano infantil e lamuriosa a quatro cômodos de distância.

— ...e uma voz tão *irritante* — concluiu Damon, estremecendo. — A primeira coisa a fazer, mano, é influenciá-la ao silêncio. Faria um favor ao

mundo.

Tensionei o queixo.

— Você obviamente esteve envolvido com os Sutherland muito antes de nossos caminhos se cruzarem aqui.

— Oh, estive? — Damon baixou a estatueta que estivera segurando e a virou de um lado para outro da mesa como se decidisse de que maneira ficava melhor. — A coitada estava ficando ensopada... Ela lhe contou a história? Ela *adora*. Apesar de todo seu pretenso pragmatismo, ela é uma romântica boba tão ruim quanto o resto deles. Uma tempestade que vem do nada, um coche seco para Lydia... a rica, rica Lydia... com uma criação protegida e a família receptiva e acolhedora.

— Ah, você é um *mestre* da sutileza. Controlando o destino dos homens — disse eu, revirando os olhos para a vaidade de Damon.

— Eu *sou* um mestre. Quem acha que deixou Bridget para você encontrar? — perguntou. Ele aproximou o rosto do meu modo que nossos narizes quase se tocaram. — Quem acha que a feriu... o suficiente... para que o pobre, velho e previsível Stefan a encontrasse? Stefan, que jurou não beber de humanos, que eu simplesmente *sabia* que resgataria a donzela em perigo em vez de dar cabo dela.

Um arrepio subiu por minha coluna.

— Depois, é claro, influenciei toda a família a recebê-lo em sua casa — concluiu ele com um gesto descuidado, como se não fosse nada.

Um senso de resignação e compreensão tomou meu corpo. É claro que ele influenciou a família. A aceitação tranquila dos Sutherland em relação à minha presença em seu lar me incomodara, e eu devia ter percebido que havia algo muito errado. Como um homem da estatura de Winfield deixaria que um estranho, um vagabundo, entrasse em sua casa, sem jamais perguntar nada sobre sua família ou suas relações? Um homem com a riqueza dele

precisava ter cuidado com quem permitia se aproximar. E a sra. Sutherland — era uma mãe tão atenta, mas permitiu que eu acompanhasse a ela e à filha numa caminhada pelo parque. Embora esta não fosse a hora certa para isso, eu não conseguia deixar de me perguntar se seu aparente afeto por mim seria verdadeiro ou se tudo se devia ao Poder de Damon.

— O que você quer, Damon? — perguntei novamente. Lá estávamos nós, de volta aos artifícios, mas desta vez eu compreendia o quanto meu irmão era perigoso e até onde iria para se vingar de mim.

— Nada terrível, Stefan! — Ele sorriu e recuou um passo, lançando as mãos no ar. — Mas pense bem! Tenho Lydia na palma da mão. Você com a adorável Bridget... Vamos nos casar com as irmãs e, como você sempre esperou, seremos irmãos novamente pela eternidade... Ou pelo menos pelo tempo que elas viverem.

— Não vou me casar com Bridget — soltei.

— Você vai, sim — disse Damon.

— Não, eu *não* vou — repeti. — Sairei de Nova York. Esta noite.

— Ficará aqui e se casará com Bridget — disse Damon, chegando a dois centímetros de meu rosto — ou começarei a matar todas as pessoas deste lugar, uma por uma.

Ele falava mortalmente sério; todos os vestígios do Damon indiferente, jocoso e imprudente desapareceram. A raiva abrasadora voltara.

— Não pode fazer isso — rosnei. — Nem você tem força suficiente para abater o baile inteiro.

— Ah, é mesmo? — Ele estalou os dedos sobre o ombro. Uma criada apareceu do cômodo ao lado, como se esperasse seu sinal. Já havia um lenço amarrado no pescoço, onde ele se alimentara dela. Ele apontou com o queixo para a janela, e ela foi até lá alegremente, começando a abrir as trancas.

— Posso influenciar Bridget e todo seu estúpido séquito a pular de uma

sacada — rosnou Damon.

— Não acredito em você. — Falei com a maior calma que pude. Só Lexi parecia capaz de controlar mais de uma pessoa de cada vez. E Damon não era tão velho quanto ela.

— Ou eu posso atacar um por um e rasgar as gargantas — propôs ele. — Não faria diferença para mim.

— *Canalha* — murmurei, correndo para segurar a pobre mulher antes que ela se matasse. — *Saia daqui* — rosnei para ela sem saber se a estava influenciando. De repente ela ficou confusa e assustada, com o feitiço rompido. Disparou para fora da sala, fungando.

— Por quê? — perguntei quando ela se foi. — Por que quer se casar com Lydia? Por que é tão importante que eu me case com a irmã?

— Se tenho de viver para sempre, posso muito bem viver com estilo — respondeu Damon, dando de ombros. — Estou enjoado de saltar de um a outro, de refeição em refeição, sem ter um lugar para chamar de lar. Quando me casar com Lydia, serei rico. Uma casa cheia de criados para cumprir cada capricho meu... Para alimentar cada necessidade minha. — Ele olhou de viés. Eu não sabia se ele estava falando apenas de sangue. — Ou posso pegar o dinheiro e fugir. Seja como for, estarei muito melhor do que agora. Winfield está *nadando* em dinheiro.

— Por que envolver a mim? — perguntei, sentindo-me esgotado. — Por que não faz o que precisa fazer, arruinando a vida das pessoas?

— Digamos que eu tenha meus motivos. — Damon abriu um sorriso de Arlequim.

Movi a cabeça de um lado para o outro, exasperado. Pouco além da porta do estúdio, um casal passou de braços dados pela biblioteca, em busca de um lugar tranquilo para conversar. Atrás deles eu ouvia os ruídos alegres da multidão dançando, conversas risonhas, o bater de saltos no piso. Observei

distraidamente, captando a voz de trovão de Winfield enquanto ele dava a alguém um sermão sobre os dogmas fundamentais do capitalismo.

— O que fará com eles? — perguntei. Com Damon como genro, a expectativa de vida de Winfield Sutherland fora drasticamente reduzida; e a de Lydia também.

— Depois de ter seu dinheiro? *Pfff*. Não sei. — Damon jogou a mão no ar. — Soube que São Francisco é muito empolgante... Ou talvez eu vá viajar pela Europa, o que você sempre sonhou.

— Damon... — comecei.

— Ou posso morar aqui, como o rei que quero ser — continuou ele, interrompendo-me. — Desfrutando da vida...

Tive uma imagem horrível de Damon satisfazendo cada desejo carnal no lar dos Sutherland.

— Eu não deixaria que fizesse isso — falei com urgência.

— Por que você se importa? — perguntou Damon. — Quero dizer, não fui *eu* que tive uma fúria destrutiva em Nova Orleans... Qual é sua contagem de corpos até aqui, mano?

— Eu mudei — observei, olhando-o nos olhos.

— Sim, claro — disse ele. — Assim, do nada. O que será que... *Oh!* — Ele sorriu. — É Lydia, não? Mais uma vez seguindo meus passos, mano. Tudo o que tenho você simplesmente *quer*, como Katherine.

— *Eu nunca amei Katherine*. Não como você amou.

Senti-me atraído por ela, é claro — quem não se sentiria? Era linda, encantadora, tremendamente sedutora. Damon não se importava com seu lado sombrio e na realidade parecia apreciá-lo. Mas, quando eu estava com ela sob seu feitiço inebriante, só queria ignorar seu lado vampiro. E quando a verbena limpou meus pensamentos, fui repelido pelo que ela era. Todos os meus sentimentos, os profundos sentimentos por ela, não passavam de

fantasia. Para Damon, eram todos reais.

— E não amo Lydia — comentei. — Mas isso não quer dizer que queira vê-la ferida... Nem a qualquer outro.

— Então faça exatamente o que digo, mano, e todos ficarão bem. Mas, se sair da linha, uma vez que seja... — Damon passou o dedo pelo pescoço. — O sangue deles estará em suas mãos.

Por um bom tempo, tudo foi silêncio enquanto Damon e eu nos fuzilávamos com os olhos. Eu tinha jurado nunca ferir um humano novamente, nunca permitir que um humano fosse ferido por minha causa. Eu estava preso, permanentemente, como se ainda fosse um vampiro de um espetáculo circense, amarrado com cordas de verbena — e Damon sabia disso.

Soltei um forte suspiro.

— O que quer que eu faça?

9

Quinze minutos depois eu estava ao lado de meu irmão à margem da pista de dança, esperando que a música parasse. Todos giravam, as saias sibilando em perfeita sincronia com a música, todos alheios ao fato de que havia dois assassinos perigosos entre eles.

— Siga-me — disse Damon apenas com a lateral da boca.

— Vá para o inferno — falei pelo canto da minha, sorrindo para Margaret, que passava.

— Já estive lá. Não faz o meu gênero. — Ele pegou duas taças de champanhe em uma bandeja, entregando-me uma.

— *Aí* está você — guinchou Bridget, correndo para mim. Ela saltitava de empolgação, fazendo com que todos os babados de seu vestido subissem e descessem como uma água-viva gigante. Ela segurou meu braço. — Do que estavam falando esse tempo todo? De *mim*?

Virei-me para olhá-la. Ela era linda e completamente irritante — autocentrada, imatura, sempre exigindo atenção. Mas Bridget Sutherland não merecia morrer. Eu fora responsável por mortes suficientes em meu curto tempo de vampiro. Jamais poderia corrigir os erros que cometi nos primeiros dias, mas salvar esta família da vingança de Damon era minha responsabilidade. Eu não teria o sangue deles em minha consciência.

— Sim. Eu estava, sim — respondi, depois bebi de minha taça e gesticulei

para o garçom me trazer outra.

— Atenção, por favor — chamou Damon, batendo na taça com uma colher de prata. O mestre da dança, Reginald Chester, semicerrou os olhos com curiosidade para Damon. A orquestra, confusa, baixou os instrumentos. A sra. Chester primeiro pareceu agastada por outra pessoa ter assumido o baile, mas, quando viu quem era, ficou radiante, como se Damon fosse seu próprio filho.

A multidão aos murmúrios se virou para nós: jovens, velhos, com plumas, pedras preciosas, em longos xales de renda e imensos vestidos de seda, como um bando de aves tropicais em um zoológico esperando que o zelador jogasse os grãos de seu jantar.

Cochichavam entre si e assentiam, tentando alegar alguma ligação com ele:

"*Eu jantei com ele na semana passada.*"

"Ele bebeu uns drinques comigo no Knoxes, onde o conheci."

"Eu lhe recomendei meu melhor alfaiate."

Era difícil dizer se a multidão tinha sido encantada pelo carisma natural de Damon ou se era sua profunda influência em operação. Mas me perguntei novamente como um vampiro jovem como ele podia ter tal Poder.

— Meu novo amigo e eu temos um anúncio a fazer — disse Damon, assumindo mais uma vez o falso sotaque italiano. Lydia deslizou em silêncio para a frente da multidão, vindo a se colocar perto de Damon.

— Muitos de vocês conhecem a história da noite em que a srta. Sutherland e eu nos conhecemos... Eu, um estranho em suas paragens, e ela, uma linda donzela em perigo...

A multidão sorria, adorando-o. Hilda e uma das amigas trocavam olhares de inveja.

— E, em uma coincidência chocante, meu amigo aqui, Stefan Salvatore,

resgatou a irmã, a igualmente linda e encantadora Bridget Sutherland, na noite passada. Não posso falar por ele — disse Damon, aproximando-se de Lydia com a taça ainda erguida, sua atenção ainda na multidão —, mas, para mim, foi amor à primeira vista. Já falei com o pai dela e, assim, antes que mais alguém possa arrancá-la de mim, eu, conde Damon DeSangue, peço a Lydia a honra de ter sua mão em casamento, embora eu não tenha nada a oferecer além de meu bom nome e a devoção de uma vida inteira.

Ele se colocou sobre um joelho e sussurrou.

— Lydia?

Lydia ruborizou inteiramente. Ela estava de guarda baixa. Embora não fosse o tipo de garota que ansiasse ser pedida em casamento na frente de muita gente, ela ficou radiante.

— É claro, Damon, de todo coração! — exclamou ela, atirando os braços ao redor dele.

A família Sutherland se reuniu diante da multidão. A expressão de Margaret não era tanto de raiva, mas de choque enojado e da mera confusão. Eu sabia como Margaret se sentia, mas indaguei-me sobre sua resposta. Será que ela não estava completamente sob a influência de Damon para aceitar a ele — e a mim?

A reação de Bridget foi igualmente humana e muito mais horrível. Seus olhos ardiam de pura inveja. Talvez houvesse uma pontinha de alívio pelo fato de a irmã mais velha se casar, o que significava que agora era a vez *dela*. Mas era evidente que a Sutherland mais nova tinha sonhado a vida toda com a maneira que seu pretendente perfeito lhe faria a proposta, e envolvia ser feita em público, diante de todos os amigos e uma plateia de admiradores.

A multidão aplaudiu, e os olhos de Damon se voltaram rapidamente para mim. Só uma vez. Como se ele tivesse o poder de me influenciar. E de certa maneira, tinha. Eu sabia exatamente o que ele queria que eu fizesse.

Bebi a segunda taça de champanhe antes de dar um passo à frente, virando-me para Bridget.

Lá ia eu novamente. Parecia ontem mesmo que eu estava em Mystic Falls, desejando ir para a escola em Charlottesville, esperando que terminasse a guerra no verão indolente e infindável e sendo obrigado a cortejar Rosalyn. Sempre que me lembrava dela, era com uma bola de chumbo no estômago, e cada visita era um exercício de frustração e desespero. Eu jamais quis me casar com ela — nossos pais é que desejavam o casamento. Meu *pai* esperava que nos casássemos. E assim fui obrigado a entrar num noivado que eu não queria, esperando um casamento que não desejava.

Mais uma vez eu era obrigado a me casar. Mas talvez tudo isso fizesse parte do castigo que eu merecia. E, se significava salvar vidas...

— Bridget — virei-me para ela, curvei-me um pouco e estendi a taça, brindando a ela. Eu era a encarnação da etiqueta romântica, transpirando o charme do Sul como os ianques raras vezes viam. — Desde o momento em que eu... — *Vi seu corpo quase sem vida coberto de sangue no Central Park e quase acabei com você.* — ...tive a boa fortuna de me aproximar de você na hora de sua maior necessidade, soube que tinha de ser minha. E, graças à generosidade de seus pais, já me sinto da família. Bridget, faria desta noite a mais feliz de minha vida?

Com um guincho suíno, Bridget atirou os braços em mim — depois de cuidadosamente passar a taça de ponche a Hilda.

— Muito bem! — Bram aplaudia, com o rosto ainda mais vermelho. — Eu sabia que você era um sujeito decente! Pode-se ver logo de cara!

A multidão explodiu com gritos e aplausos ruidosos; baldes de champanhe foram distribuídos. Winfield Sutherland parecia tão inchado de orgulho e alegria que temi que fosse explodir. A sra. Sutherland parecia tranquilamente satisfeita, agora que a última de suas filhas estava comprometida. Só Margaret

meneava a cabeça com raiva antes de paralisar o rosto numa boa demonstração de orgulho fraterno.

O líder da dança recebera uma imensa garrafa de champanhe, uma garrafa gigantesca que continha o equivalente a vinte garrafas normais. Numa elegante exibição de esgrima, ele pegou a espada com o mordomo e teatralmente cortou a garrafa, levando o gargalo a voar numa bela explosão de líquido dourado faiscante.

— Faremos o casamento neste fim de semana! — gritou Damon, como que apanhado pela empolgação geral. — Esperamos a vida toda para encontrar estas damas... Por que esperar ainda mais?

Sim, por que esperar?, pensei. Que o jogo de Damon comece.

10

6 de novembro de 1864

Damon voltou, embora pareça que ele nunca tenha realmente partido. Ele esteve me observando, atraindo-me, controlando-me. Ele é o titereiro e eu sou sua marionete infeliz, obrigado a cumprir suas ordens.

Até ver Damon, eu não tinha percebido como nutrira afeto pelos Sutherland, como eles atenuavam minha solidão e me davam esperanças de que eu talvez não tivesse de viver no exílio. Embora eu soubesse que tinha de deixá-los, atrevi-me a esperar que, ao provar que podia manter o controle perto deles, minha jornada por este mundo pudesse ser menos solitária.

Mas Damon me conhece muito bem. Ele pode ter influenciado os Sutherland a me aceitarem, mas não me influenciou a ficar na presença deles. Eu podia ter escapado esta manhã, podia ter fugido para o parque, podia ter desaparecido na multidão do baile. Entretanto fiquei, porque, como Damon sem dúvida previra, eu fazia parte de uma família novamente, mesmo que por alguns poucos dias fugazes.

O plano de Damon me apavora — precisamente porque eu não o

compreendo. Por que Nova York? Por que os Sutherland? Por que envolver a mim? Se Damon era capaz de orquestrar tudo, de se misturar tão tranquilamente na vida dos Sutherland e preparar o caminho para minha chegada, por que encenar tal espetáculo? Por que se incomodar com um casamento? Por que não levar simplesmente Winfield ao banco e influenciar a ele e ao caixa a esvaziarem sua vasta conta? Pretenderia ele viver como humano? Precisará ele do casamento para legitimar-se na sociedade de Nova York? Ele simplesmente quer me torturar?

Ou seria algo que me escapava? Algum objetivo secreto que não posso nem começar a imaginar...

Só o que eu tinha eram perguntas. E temia que as respostas só me viessem quando aparecesse o primeiro cadáver.

Naquela tarde de segunda-feira, eu estava no terraço de uma das mais maravilhosas casas em estilo Federal já construídas. Colunas finas sustentavam uma varanda altiva sobre uma entrada formal, à qual uma grandiosa entrada em curva se estendia majestosa como um tapete vermelho. Do caixilho à cornija, cada detalhe foi considerado, e jamais com exagero. A sala de jantar, grande e oval, era (pelo que posso dizer) exatamente igual à da Casa Branca. *A* Casa Branca. Em nossa nova capital. Esta era a Casa do Comandante, condizente com o homem que cuidava do Brooklyn Naval Yards.

O que lhe faltava em tamanho e toques modernos (como na residência dos Sutherland), era bem compensado por um gramado perfeito, um belo pomar e uma vista espetacular de Manhattan. A propriedade estava praticamente empoleirada num penhasco, dando para o rio East e a cidade sob a proteção da Marinha. O comodoro Matthew Perry em pessoa morara ali antes. Suspirei

com sua magnificência.

— Não — disse Bridget, meneando a cabeça decisivamente e descendo a escada, segurando a cauda da saia de um jeito muito pragmático.

Sua pequena comitiva a seguiu, rindo de bom humor.

— É branca demais — brincou Bram.

— Pequena demais — acrescentou Hilda.

— Mas é inacreditável! A vista! O tamanho! O... — argumentei. — O que há de errado com esta?

— *Localização*. Fica no Brooklyn — disse Bridget, mal dando pela presença do noivo. — Ninguém vem ao Brooklyn para se casar.

Winfield e a esposa se olharam com um antigo amor, claramente lembrando-se do próprio casamento. Ao que parecia, foi bem modesto — ele ainda não fizera sua fortuna. Nenhum deles se importava. No entanto, estavam dispostos a ceder aos voos de fantasia mais dispendiosos da filha mais nova.

Lydia sorriu e murmurou algo a Damon, que não estava prestando atenção. Ela não se importava com o local onde ia se casar. Embora viesse a ser uma atração dupla, com os dois "felizes" casais amarrando o laço ao mesmo tempo, ela permitia graciosamente que a irmã decidisse todos os detalhes.

Os Sutherland eram nominalmente episcopais, mas ao que parecia nem a religião de Damon nem a minha, ou a falta dela, era um problema. Nem uma igreja era necessária à cerimônia; bastava uma capela de família — uma capela de família muito rica. Bridget era muito moderna neste aspecto.

— Então por que nos demos ao trabalho de ver essas mansões em Prospect Park? — murmurou Margaret. — Quero dizer, se o Brooklyn está fora dos planos.

— Eu preferia aquela com os arcos romanescos — disse eu, ansioso para

me livrar desta parte dos casamentos fraudulentos.

— Não tema, meu irmão — disse Damon, batendo-me no ombro. — Só faltam quatro. De volta a Manhattan.

Descemos a antiquada escada de madeira até o primeiro andar, agradecendo ao mordomo por nos receber. Depois caminhamos de volta à estação das balsas de Fulton, onde um barco nos levaria a uma verdadeira caravana de carruagens para a longa viagem à parte residencial da cidade.

— Este seria um lindo lugar para uma sorveteria — observou Lydia, andando pensativamente pelas docas.

— Quer um sorvete? — perguntou Damon, como se a uma menina de 4 anos.

Se ficar com Bridget já era bem ruim, encolhendo-me constantemente com as coisas que saíam de sua boca, a tensão nervosa de esperar que Damon dissesse ou fizesse algo horrível era ainda pior. Fiquei tenso o dia todo. Porque a certa altura Damon *diria* alguma coisa horrível a Lydia, assim que se cansasse do jogo de pretendente atencioso. Sua paciência para os jogos — além daqueles em que ele apostava — era incrivelmente limitada.

— Sim — disse Lydia. — E não tem sorvete aqui. Mas deveria ter.

— Não importa — disse Bridget, tentando acrescentar algo de útil à conversa. — Logo haverá uma ponte imensa e tudo isso será coberto, e não haverá nada a não ser carruagens barulhentas e o fedor de cavalos.

Bram, a fonte da informação, meneou a cabeça.

— Não, Bridgey, o ângulo é ótimo. Veja como o sol está...

Curvei-me na grade das docas, avaliando nosso pequeno grupo. As mulheres neste ambiente pareciam uma cena de pintura, os rostos das quatro damas rosados com a luz do sol e o esforço do dia, as longas fitas de seus chapéus de palha soprando ao vento, suas saias de caminhada batendo nas pernas com a brisa do mar. Todas eram lindas, e por um momento pude me

esquecer de minha presente situação.

Margaret comprou um jornal para ler na viagem. Era um lindo dia para um passeio de barco e estranhamente o rio East não me repelia como costumava acontecer com a água corrente. Bridget foi se sentar dentro da balsa, sem querer receber mais sol na pele, o que era irônico e cômico, considerando minha própria situação. Eu relaxava pela primeira vez naquele dia, com o rosto ao sol, deixando que minha pele mediterrânea adquirisse um brilho bronzeado e saudável.

Então Margaret apareceu de repente no assento a meu lado.

— Você parece ser um pouco mais sensato do que o *outro* noivo — disse incisivamente Margaret. — Diga-me. O que quer com minha família? Dinheiro? Os negócios? O quê?

Eu gemi por dentro.

— Precisa acreditar em mim — respondi, fixando meus olhos castanhos nos seus azuis. Sem influenciá-la, desejei que minha voz parecesse genuína ao máximo. Peguei seus braços, o que foi um atrevimento, mas eu precisava que ela compreendesse. — Não quero a riqueza de Bridget. Só quero a segurança e a felicidade de sua família. Eu lhe juro pelo que você quiser.

— É este o problema. Não sei se sua palavra é digna de confiança. Eu não o conheço. *Ninguém* o conhece — disse Margaret. Suspirando, ela tirou o chapéu. — É tudo... tão... estranho. Entendo por que Bridget gosta de você, você certamente é bonito e muito educado...

Baixei os olhos, constrangido.

— Mas sinceramente... sem documentos, sem história, só um refugiado do Sul? É de *Bridget* que estamos falando. Ela queria que papai nos levasse em uma viagem à Europa para ela poder arrebatar o coração de um rei, ou de um príncipe, ou pelo menos um duque. Para ela, no mínimo a realeza. E não quero ofender, mas você não poderia estar mais distante disto.

— Bem, Lydia conseguiu seu conde, suponho.

— Sim — disse Margaret, pensativamente. Ela me olhou, empurrando um cacho de cabelo para trás da orelha. — E quanto a Damon DeSangue...

Dei de ombros, tentando aparentar inocência.

— O que acha dele? Vocês dois têm estado... anormalmente próximos desde a dupla declaração de amor.

Olhei para o sul, ao longe, onde os poderosos rios Hudson e East se encontravam e se transformavam no mar. Protegi meus olhos da cidade, bloqueando-a, e o sol brilhou branco e rosado sobre as águas ancestrais e exóticas.

O quanto poderia contar sem colocá-la em perigo? Ela parecia ser a única da família com uma cabeça sensata. Pensei mais uma vez em Katherine e se minha família teria estado mais preparada se tivesse algum aviso.

— Não confie nele — admiti por fim, na esperança de não colocá-la em grande risco. — Eu não confio.

— Hmmm. — Ela olhou para Damon, que conversava animadamente com Bram e Winfield. — Nem eu.

Bridget escolhera os próximos lugares a visitar, que ficavam o mais distante possível de onde estávamos. A mansão dos Richards ficava perto do Forte Tryon, na extremidade norte de Manhattan, enquanto as docas da balsa de Fulton ficavam na extremidade sul.

O lento percurso de nossas carruagens pelo centro deu-me uma visão quase panóptica da vida na cidade. Subindo lentamente a Quinta Avenida, fiquei maravilhado com a diferença na fortuna das pessoas que fizeram de Nova York seu lar — dos jornaleiros sem sapatos e *schmatta* ou vendedores de tapetes às pessoas como Winfield, que se sentavam em sua carruagem dourada e particular, soltando baforadas de um charuto.

Paramos para almoçar na metade do caminho, no Mount Vernon Hotel, na rua 61, onde Bridget ainda discutia sua roupa para o casamento.

— ...e Darla fez o vestido em musselina, em respeito à guerra, mas ela está quase acabando e acho que eu devia ter um par de brincos novos, não é, papai? Stefan, querido, vi o mais incrível par de brincos de pérola...

Damon deu um pigarro.

— Bridget, você precisa mesmo ter brincos novos. E sua roupa parece uma delícia, não concorda, Stefan?

Levantei-me da mesa, incapaz de desfrutar do bom repasto de frango frio, pão fresco e chá que fora servido diante de nós e de ouvir mais uma palavra que fosse da tagarelice fútil de minha noiva ou da zombaria interminável de meu irmão.

— Preciso tomar um pouco de ar — falei, pedindo licença, e teria tropeçado no banco em minha pressa de sair dali se não tivesse a graça de um vampiro. Eu não devia ter me exaurido; já suportei coisas piores. Viver faminto no meio do Central Park e caçar pequenas presas exigiam muito mais fisicamente de mim do que ficar sentado numa carruagem olhando casas e ouvindo a integrante mais nova da família Sutherland tagarelar sobre insignificâncias. Mas, como não me alimentava desde o esquilo no dia anterior, eu estava faminto e fraco, como se enfrentasse uma viagem transatlântica.

Uma ida rápida e silenciosa às cozinhas revelou exatamente o que eu queria encontrar — ratos, é claro. Não eram muitos, e estavam principalmente no vão entre a câmara fria e a despensa. Com um movimento veloz, peguei um e quebrei seu pescoço, secando o coitado, sem perder o controle. Era fácil com uma comida tão nojenta.

Um ruído baixo, um suspiro abafado, fez-me virar e levantar a cabeça, culpado, com o sangue do rato escorrendo pelos meus lábios.

Damon estava ali, segurando uma garçonete pelo pescoço, com as presas de fora, prontas para se banquetear. A mulher tinha a aparência estúpida e ligeiramente sem fôlego de alguém que estava sob um feitiço.

— Vejo que nós dois escapulimos pelo mesmo motivo — disse Damon, satisfeito. Ele ergueu um lábio com nojo para o rato em minha mão. — Mas, sinceramente, você pode conseguir coisa melhor.

Ele recuou a cabeça, pronto para rasgar...

— Por favor... não... — Ergui a mão, impotente. — Por favor, não a mate — pedi.

Damon parou.

— Muito bem — disse ele alegremente. — Não vou *matá-la*. Como um presente de casamento adiantado! Só para você.

Fechei os olhos, vendo o horror do futuro diante de mim. Ao implicar que não ia matar *esta* mulher, como um presente, havia o pressuposto de que certamente outros assassinatos viriam.

11

Na manhã seguinte, puxei os lençóis de linho macio até o pescoço, como fazia quando era criança. Com os olhos bem fechados, eu quase podia fingir que estava em casa de novo. Que Damon e eu ainda éramos humanos e tínhamos nossas rixas fraternas de sempre. Que nosso pai estava em algum lugar na lavoura, trabalhando. Que Katherine estava viva.

Não... espere. *Que nunca conhecemos Katherine*.

Ou... talvez eu estivesse na cama da casa de Lexi, inseguro em relação a minha nova vida, mas aceito neste novo lar de companheiros vampiros.

Aos poucos acordei plenamente, e minhas fantasias se esfacelaram contra a realidade. Eu estava na casa dos Sutherland, ainda cativo de sua generosidade e das ameaças de meu irmão, um noivo relutante sendo levado rapidamente a um casamento indesejado.

Os Sutherland não eram tremendamente formais, mas ainda assim esperavam que todos aparecessem para o café da manhã. Ao me vestir, talvez eu tenha sido mais lento do que o normal enquanto ajeitava minhas jarreteiras até que ficassem perfeitas, mexia nas abotoaduras e passava as mãos pelo cabelo. Não gostava muito de me olhar no espelho ultimamente. Odiava o que via ali.

Quando enfim desci para o café, toda a família já fazia sua refeição. A sra. Sutherland recebeu-me com um sorriso caloroso e maternal que me dilacerou

por dentro. Embora eu gostasse genuinamente dela, ela era *influenciada* a me aceitar.

— Bom dia — murmurei, sentando-me em meu lugar. — Tem café?

— Parece meio deprimido hoje, meu rapaz — disse Winfield, tirando o relógio do bolso do colete. — E está meio magro, devo acrescentar. Definitivamente precisa engordar antes do casamento... Acho que o levarei ao clube. Eles preparam um cordeiro e um pudim maravilhosos.

Lydia me abriu um sorriso de desculpas. Com choque, percebi que um cachecol cor-de-rosa cingia seu pescoço, cobrindo elegantemente a marca habitual da mordida de um vampiro.

Damon se alimentara dela.

Desviei a cabeça do café que fora colocado diante de mim, com o estômago revirado. Inconscientemente, toquei meu pescoço onde Katherine costumava me morder, lembrando-me da dor e do prazer que se fundiam de forma tão doentia. Seria um recado para mim? Para me lembrar do que aconteceria se eu não me casasse com Bridget?

— Stefan! Só vá ao clube mais tarde! Temos um dia cheio — avisou Bridget. — Nós precisamos, precisamos *muito* visitar a família de Bram. Eles simplesmente *adoram* o Damon... Brammy o tem levado a todos os lugares da moda, como aquele bar que serve Pimm's Cup no estilo inglês! Terei de vestir minha nova musselina azul. Para ir a casa deles, não ao bar, naturalmente. Um bar não é um lugar apropriado para damas. Fanny queria musselina azul para seu enxoval, mas o noivado não foi à frente, coitadinha.

A porta da cozinha se abriu, e Damon passou por ela.

— Bom dia a todos — vociferou ele, animado e com os olhos brilhantes. Parecia descansado e saciado ao fazer uma mesura sedutora a Lydia e piscar desagradavelmente para mim.

Meus ombros enrijeceram.

— O que está fazendo aqui, Damon? — perguntei, no tom mais inocente que consegui invocar.

— Não soube? — Ele se sentou à mesa e abriu o guardanapo com um floreio. — Winfield implorou que eu me mudasse para cá.

— Oh. — Empurrei a cadeira para trás, colando um sorriso tolo na cara para mascarar minha raiva. — Hmm, Damon, poderia se juntar a mim no hall por um momento?

Damon sorriu para mim.

— Mas acabo de me sentar e estou com muita fome.

— Só levará um minuto — falei entredentes.

Lydia me olhou com curiosidade, mas depois de um segundo Damon arrastou a cadeira no chão e me seguiu até o hall.

— Senhora, voltarei em breve.

No segundo em que saímos do alcance deles, virei-me para meu irmão.

— Você é *inacreditável.* Agora vai se mudar para cá?

— Ora, graças a você — disse Damon com uma mesura jocosa. — E, sim. Você não estava ouvindo ontem à noite, quando falei de todos os incríveis... *confortos* que o lar dos Sutherland tem a oferecer?

A sala começou a girar em volta de mim enquanto a fúria me dominava. Minha paciência com o jogo de Damon tinha se esgotado.

— Por que se incomodar com tudo... isso? — perguntei. — Essas peripécias? Se é tão poderoso, por que não vai simplesmente a um banco e *os obriga* a lhe dar todo o ouro de seus cofres?

— Imagino que poderia, mas que diversão eu teria nisso?

— Diversão? — repeti, incrédulo. — Está fazendo isso para se *divertir*?

Os olhos de Damon endureceram.

— Concentre-se, mano. Não está pensando no futuro. — Ele franziu o cenho e espanou um fiapo imaginário em meu paletó. — Sim, eu poderia

apenas roubar o dinheiro e sair da cidade. Mas vamos ficar por aí *para sempre*. Pelo menos, eu vou. E a influência nem sempre funciona. Caso não tenha percebido, Margaret ainda está muito obstinada, e não posso ter Margaret ou Winfield, se um dia ele se livrar de meu Poder, circulando com minha foto e chamando-me de ladrão... Bem, não posso suportar isso. É muito mais fácil... e divertido... simplesmente herdar o dinheiro.

Olhei a porta que nos separava dos felizes comensais Sutherland.

— Herdar? Como, depois da morte?

— Como? Ora, mano, o que exatamente está implicando? — perguntou ele, fingindo-se de magoado. — Você fica com metade do negócio e eu não entro numa farra de assassinatos. Lembra? Eu lhe dei minha palavra.

— Não, Damon — disse eu. — Você disse que, se eu não me casasse com Bridget, começaria a matar todos naquele salão. *Não* disse nada especificamente sobre o que aconteceria *depois* que nos casássemos.

— Bom argumento — disse Damon, assentindo. — Gostaria de matar algumas pessoas do círculo deles. A começar pelo mentiroso do Bram. Acho que ele tem uma queda pela minha Lydia, sabia? — acrescentou com uma raiva fingida.

— Damon — rosnei.

Seus olhos se estreitaram.

— Cuide de sua esposa. Eu cuidarei da minha.

Olhei incisivamente para meu irmão.

— Então pretende matar Winfield depois que ele ceder sua fortuna?

— Terá de ficar aqui e ver.

— Não deixarei que machuque nenhum deles — prometi, com o queixo tensionado.

— Não pode me impedir. *Independentemente* do que eu decidir fazer — sibilou Damon.

Nós nos encaramos. Minhas mãos se fechavam em punhos. Ele mudou de posição, pronto para uma briga.

Neste momento, a sra. Sutherland colocou a cabeça para dentro do saguão.

— Rapazes? Está tudo bem por aqui?

— Sim, senhora — respondeu Damon graciosamente. — Só estávamos nos conhecendo melhor. — Ele apontou para a porta da cozinha e fez uma leve mesura. — Você primeiro, Stefan.

Relutante, voltei à cozinha, com Damon em meus calcanhares.

— Então amanhã escolheremos nossos ternos — disse Damon. Ele agia como se continuássemos a conversa que estávamos tendo no hall, em vez de termos acabado de encerrar uma discussão sobre o destino de todos na sala. — Stefan, devíamos nos vestir iguais! Ora, Bridget, não estava dizendo ontem à noite mesmo que alguém, esqueci quem, vestiu-se igual à irmã em outro casamento? De seda ou coisa assim?

Ele sabia. Ele era meu irmão e sabia exatamente como me atormentar. Eternamente.

— Sim, claro, Damon! — disse Bridget com um sorriso grato, virando-se para mim. — *Stefan*, precisa ouvir isso. Pensei em Lydia e eu usarmos roupas iguais, mas não tenho certeza se o efeito será tão dramático, com o corpo de Lydia...

Arriei lentamente à mesa, afogando-me em suas palavras — e no conhecimento de que Damon tinha razão. Eu jamais seria capaz de impedir meu irmão, em especial quando mais importava.

12

Os dias seguintes passaram voando, cheios de planejamento do casamento e amostras de cardápio. À noite, os Sutherland acomodavam-se em sua rotina. A sra. Sutherland ia para a sala de costura, ensinando Lydia a fazer colchas e toucas. Bridget entregou-se a um regime de beleza noturno que envolvia escovar os cabelos umas cem vezes e cobrir-se de creme, cujo cheiro eu sentia da sala de visitas. Winfield sempre se retirava para seu estúdio com um copo de conhaque, dando uma olhada no jornal ou examinando os livros contábeis.

Eu zanzava pelo primeiro andar, fazendo planos para salvar os Sutherland, acabando por desprezar a maior parte de minhas ideias. Agora também precisava planejar minha alimentação. Era mais complicado manter minha dieta de animais da cidade no momento, porque eu estava sob os olhos vigilantes de cada membro da família e cada criado. Era quase como se eles *esperassem* que eu tentasse fugir, embora fosse impossível saber o quanto disso era uma cautela autêntica ou influência de Damon. Às vezes eu conseguia escapulir, fosse subindo ao telhado ou descendo em silêncio ao quintal para procurar um rato ou pombo, mesmo um camundongo que satisfizesse minhas necessidades. Hazel, a gata da casa, claramente estava fora de questão, porém felizmente seus amigos de rua não me eram vedados.

Damon não tinha problemas com sua nutrição. Nem se importava muito

com o sigilo. Ele ia e vinha como lhe conviesse, fazendo Deus sabe o que nos cantos escuros da cidade. Em geral eu via uma criada ou empregado convocado a sua suíte nas horas mais frias da noite, enquanto eu estava à espreita para satisfazer minhas próprias necessidades. Para meu irmão, viver com os Sutherland era como viver em um grande hotel — ele comparecia a jantares em sua homenagem e era festejado em toda a cidade nos melhores estabelecimentos. Era um príncipe, e Nova York era seu reino de adoradores.

Quando Damon chegou em casa na quinta-feira, Winfield colocou a cabeça para fora do estúdio.

— Ah, ótimo. Que bom que estão aqui — disse Winfield, estendendo dois copos de uísque. — Juntem-se a mim, por favor.

Havia uma gota de sangue descuidadamente sujando o canto da boca de Damon. Qualquer outro teria suposto que era um corte ao se barbear. De repente o estúdio aconchegante pareceu sufocante, e seus cantos, mais escuros.

Damon limpou os lábios despreocupadamente, sem tirar os olhos de mim, depois se atirou no sofá ao lado do futuro sogro, parecendo menos um conde italiano e mais... bem, Damon.

— Boa noite, senhor. — O fato de ter deixado de lado o falso sotaque em sua presença destacava o quanto a família estava sob seu feitiço.

— Queria ter uma conversa com os dois sobre seu futuro — começou Winfield, mascando o charuto.

— Ah, eu tenho grandes planos, estou pensando no longo prazo — disse Damon. — Morando aqui com a família, é claro. Adoro parentes próximos.

Minha garganta estava seca, e passei a mão no cabelo, em pânico, lembrando-me mais uma vez que eu não sabia o que Damon realmente queria.

— Acho que gostaria de entrar nos negócios — começava a dizer Damon.

Mas a porta do estúdio se abriu de repente e Margaret entrou.

— *Papai!*

Sem dizer nada a nenhum de nós dois, ela jogou um exemplar do *Post* nas mãos do pai e bateu um dedo no artigo.

— Leia isto.

Winfield pegou os óculos nos bolsos e os colocou, olhando o jornal.

— *A casa Sutherland se torna alvo de escândalo quando dois pretendentes sem vintém arrebatam as últimas mulheres casadouras do clã. Filhos de banqueiros, políticos e impérios do capital, de coração partido, queixam-se com amargura da súbita novidade. Seria chantagem?, perguntam-se alguns. Uma fonte anônima próxima à família alega que...* Ah, que besteira — disse ele, jogando o jornal de lado e tirando os óculos. — As pessoas falam das coisas mais tolas.

— Ficaremos *arruinados* — disse Margaret, quase suplicante. Ela ignorava inteiramente a presença de Damon e a minha. — No mínimo, não entende como isso seria ruim para os negócios?

— Não acha que deve deixar esse tipo de conversa para os homens? — perguntou Damon indolentemente, voltando a seu inglês com sotaque. Mas seus olhos azuis gélidos se fixavam na cabeça de Margaret, como se ele quisesse meter uma bala ali. Levantei-me, colocando-me entre os dois. Ela não pareceu perceber seu ódio ou o perigo que corria.

— Compreendo suas preocupações — falei rapidamente. Tinha de convencê-la a deixar isso de lado, para seu próprio bem. — Mas acredite, nada mais quero além do melhor para sua família.

— E de fato nós, homens, estávamos falando de negócios — acrescentou Winfield. — Damon, o que dizia mesmo?

— Só preciso de uma pequena soma — disse meu irmão, voltando a cabeça e efetivamente excluindo Margaret da conversa. — Que me permitirá

viajar a meu país natal e selecionar vendedores para exportação...

Margaret arquejou.

— Está realmente pensando em dar a ele *mais* do que seu dote?

— Não seja gananciosa, minha pequena — disse Winfield, calando-a com um gesto condescendente. — É apenas um investimento inicial para que ele comece a vida...

— O senhor *enlouqueceu*? — perguntou ela. — Nem mesmo conhece este homem. Ele que trabalhe para o senhor primeiro. Ou dê a ele um de seus negócios menores para administrar.

Damon se levantou, friamente furioso. Tentei pegar Margaret pelo braço, mas ela se desvencilhou de mim. Ela se ergueu em toda sua estatura, encarando Damon nos olhos. Embora não fosse tão bonita quanto suas irmãs mais novas, certamente era imponente.

— Todos vocês estão agindo como uns loucos desde que ele apareceu — disse ela ao pai, sem tirar os olhos de Damon. — Deixando que ele... e *ele*... — ela gesticulou para mim — tornem-se praticamente membros desta família, que vivam sob nosso teto, partilhem de nosso pão; e ainda lhes oferece dinheiro, as filhas e tudo o mais! Será que *ninguém* além de mim acha isso estranho?

Winfield ficou perturbado, mas confuso.

Damon arregalou os olhos.

— Pare — mandou ele, a influenciando. — Aceite Stefan e a mim... Estamos aqui para ficar.

Ela o olhou por um longo tempo. Esperei que seus olhos ficassem vidrados, que as pupilas se dilatassem mesmo que ligeiramente. Mas só o que ela fez foi menear a cabeça, enojada.

— Seu teatro de "conde" falso pode funcionar com os outros, mas não comigo. Eu não faço parte disso.

Eu a encarei, assombrado, enquanto ela saía num rompante. Nunca vi Damon deixar de influenciar ninguém, nem mesmo quando ele era jovem e fraco. Respirei fundo, procurando sinais de verbena, qualquer coisa que explicasse o que tinha acabado de acontecer. Mas não havia nada.

Só me restava ter esperanças de que o que quer que fosse, continuasse a manter Margaret em segurança.

13

Naquela noite, fiquei deitado na cama, olhado fixamente o teto. A lua brilhava através das cortinas brancas e leves, e a casa zumbia de atividade, uma confusão de passos, corações batendo e camundongos correndo por dentro das paredes. Parecia que toda a casa estava viva, à exceção, é claro, de mim e de Damon. Os Sutherland não faziam ideia, mas quando abriram a casa para mim, convidaram a Morte a entrar. Eu era um câncer em sua existência feliz, e logo a escuridão se espalharia, devorando seu mundo até não restar nada.

Embora eu não fosse um participante voluntário do plano pervertido de Damon, não seria diferente de como Katherine se insinuou em minha vida e dizimou toda a família Salvatore. Gostasse disso ou não, o bem-estar dessa família estava sobre meus ombros. Se Damon os matasse, seu sangue estaria também em minhas mãos. Mas como eu poderia impedi-lo? Eu era muito mais fraco do que meu irmão, e não pretendia voltar a me alimentar de humanos só pelo medo de não conseguir detê-lo.

Levantei-me da cama e abri as cortinas com um gesto violento. Ao olhar a lua, esse globo que testemunhara tantas de minhas más ações, repassei mentalmente a conversa que tivemos com Margaret. Seu queixo firme. O tom claro dos olhos. O modo como as íris azuis lúcidas tinham avaliado a mim e a Damon, como se ela pudesse ver através de nossa pele, até o coração que não batia. Winfield estava pronto para legar sua fortuna a Damon, e a filha

continuava imune ao Poder de meu irmão.

Mas como?

A única proteção que eu conhecia contra vampiros era a verbena, mas não sentia seu odor nauseante desde minha chegada a Nova York. Quando tentara expor Katherine, meu pai batizara meu uísque com verbena, provocando nela uma crise miasmática ao beber meu sangue. Se meu pai tivesse pensado antes em me proteger, ele e eu ainda estaríamos em Mystic Falls, imersos nos livros contábeis enquanto eu estudava para assumir Veritas.

Abrindo a janela, saí na sacada estreita. A noite estava sinistramente silenciosa. Nenhum vento farfalhava as árvores, e até os pombos que se alojavam no telhado do vizinho estavam quietos. Minha sacada dava para o leste, para o lamacento rio East e a estreita língua de terra que chamavam de Blackwell's Island, onde a cidade recentemente reconstruíra o manicômio. Um sorriso irônico torceu meus lábios. Se eu pudesse internar Damon ali...

Mas então soltei um gemido e agarrei-me à grade de ferro batido. Eu precisava parar de desejar, ter esperanças e pensar em milhões de *ses*. Não podia esquecer Damon ou reescrever o passado. Mesmo no auge de meu Poder, eu não podia fazer o mundo girar ao inverso, não podia voltar no tempo e desfazer o que Katherine fez comigo e com minha família. Mas eu não era impotente em relação ao futuro. Tinha livre-arbítrio, experiência e a opção de lutar.

Impelindo-me por cima da grade, saltei para o telhado, caindo no alcatrão com um baque suave. Nova York era uma grande cidade, e alguém, em algum lugar, deveria cultivar verbena ou pelo menos ter ramos secos. Eu percorreria as ruas até captar o cheiro revelador da erva. Era impossível temperar o que Lydia bebia — Damon estava se alimentando dela —, mas se eu conseguisse borrifar um pouco no uísque de Winfield...

Corri pelo telhado, preparando-me para pular no do vizinho antes de

descer pela escada de incêndio à rua abaixo.

— Aonde vai, mano? — As palavras joviais cortaram a noite como um tiro, e fiquei paralisado no beiral.

Lentamente, virei-me e vi um Damon sorridente. Ele parecia pronto para a segunda parte de seu passeio noturno, com um terno de três peças e uma bengala na mão. Reconheci-a de imediato — pertenceu ao pai de Callie, o homem que aprisionara Damon, torturando-o e matando-o de fome antes de obrigá-lo a lutar com um leão da montanha. Damon deve ter roubado depois de matar a filha.

Espontaneamente, uma imagem de Callie brotou em minha mente. Seus olhos verdes e gentis sorrindo para mim, as sardas que polvilhavam cada centímetro de seu corpo, o modo como tão corajosamente ela se entregara a mim na margem do lago, oferecendo seu sangue embora soubesse o que eu era e o que poderia fazer a ela...

Então seu corpo, morto e retorcido, prostrado na relva atrás da casa de Lexi.

— Canalha — xinguei, numa voz baixa e furiosa que mal reconhecia como minha. A fúria que esteve se formando por semanas sem encontrar escape disparou por minhas veias, e senti que meus músculos estavam em brasa. Com um rosnado, atirei-me a ele. — Por que não me deixa em paz?

Nossos corpos se chocaram como pedra em pedra. Sobressaltado, Damon caiu de costas, mas logo me empurrou e se colocou de pé. Passou os braços por meu pescoço com um aperto.

— Se estava tão desesperado para se livrar de mim, não devia ter me obrigado a me tornar vampiro com você — sibilou ele, extinguindo de seu comportamento todo traço de jovialidade. Lutei para me libertar, mas seu joelho pressionava mais violentamente minha coluna, prendendo-me no telhado. — Foi você quem me impeliu a me tornar o que sou... A ver o que

Katherine nos deu como um dom, e não uma maldição.

— Acredite — ofeguei, tentando me torcer e sair de seu aperto. — Se pudesse, eu voltaria atrás.

— *Tsc-tsc.* Papai não lhe ensinou que ser homem também é viver com suas decisões? — Ele apertou meu rosto no telhado de alcatrão, abrindo a pele ali. — Mas você foi uma grande decepção para ele, no fim... Sem querer se casar com Rosalyn, divertindo-se com uma vampira, matando-o...

— Você *sempre* foi uma decepção — cuspi. — Eu devia ter matado você quando tive a oportunidade.

Damon soltou uma risada seca.

— Ora, teria sido uma pena, porque então eu não poderia fazer isto.

A pressão em minha coluna diminuiu, e Damon me ergueu pelas costas da camisa.

— O que você... — comecei.

Antes que pudesse terminar, Damon me atirou para a frente com a força de um canhão. Meu corpo adernou pelo ar da noite e, por um momento breve e sem peso, perguntei-me se estaria voando. Então o calçamento duro da viela entre a casa dos Sutherland e a vizinha correu para me receber, e meus ossos estalaram ruidosamente com o impacto.

Gemi, a dor se irradiando por meus membros quando rolei de costas, sangue pingando de meu rosto. Fiquei deitado ali por horas, olhando as estrelas, até que meu Poder me curou, recompondo meus ossos e fechando o corte em meu rosto mais rapidamente do que conseguiria o médico mais habilidoso.

Mas, quando me levantei, uma nova dor disparou por meu peito. Porque ali, na parede de tijolos da casa dos Sutherland, escrito em uma tinta vermelha que só podia ser sangue, havia três palavras terríveis:

Estou sempre vigiando.

14

Na sexta-feira, Winfield levou Damon e eu para uma prova do terno sob medida. Uma visita ao Pinotto's Tailoring teria sido divertida em qualquer outro momento de minha vida — como foi na noite em que fiz compras com Lexi em Nova Orleans. Pasquale Pinotto era um mestre em sua arte, descendendo de uma longa linhagem de alfaiates de reis e rainhas da Europa. Com seus óculos de *pince-nez*, giz e fita métrica pendurada no pescoço, ele podia ter saído de um conto de fadas. Gostei de tentar dirigir-lhe as poucas palavras em italiano que conhecia; também agradou a ele, embora corrigisse minha pronúncia. Damon, é claro, fingiu que só queria falar inglês, agora que estava na América — e foi assim que contornou o prazer do alfaiate em conhecer um conterrâneo.

— Veja só isto. — Damon erguia uma peça de seda escarlate ao rosto. — Podíamos ter paletós forrados com este tecido. Não traz uma cor a meus lábios? Ou... ao pescoço de Lydia? — Ele o moveu de lado, para onde as feridas das presas teriam estado nele.

Winfield ficou confuso.

— Ultimamente ela tem usado cachecóis no pescoço. É o que quer dizer? É muito peculiar... Ela nunca os usou.

Damon o olhou rapidamente, um raio de surpresa e irritação tão rápido que só eu o apreendi. Era interessante que o sr. Sutherland tenha percebido as

sutis mudanças que ocorriam a sua volta, apesar de ser impotente contra a influência de Damon. Porém, qualquer possibilidade de segurança do velho rico estava ligada a permanecer inteiramente ignorante às tramas de meu irmão.

Recostei-me na parede para me apoiar, a tensão me esgotando. Sentia-me claustrofóbico em meio aos rolos de tecidos caros e às salas labirínticas de espelhos e máquinas de costura, tão preso naquele ambiente como estava em minha vida.

O sr. Sutherland foi até uma cadeira para descansar o considerável volume do corpo. Estava um tanto irrequieto — continuamente pegava o charuto, mas não tinha permissão de fumar no ateliê, porque a fumaça poderia arruinar os tecidos.

— Ora, aqui está uma roupa que creio que agradará aos senhores — disse o Signor Pinotto, apresentando-nos crepe de lã preta tão refinada e macia que podia ser seda. — Consegui em uma pequena aldeia na Suíça. Eles trabalham...

— Deixe o tecido comigo — disse Winfield, girando um charuto apagado na mão. — *Eu* conheço o negócio. Os jovens que escolham o estilo que quiserem.

Damon começou a olhar os paletós, pegando um e colocando-o na frente do corpo para ver como ficava.

— Com este fraque e aquele crepe preto, vamos parecer verdadeiras criaturas da noite — observou Damon. — Não acha, Stefan?

— Sim, pareceremos — concordei rigidamente.

— Tome, experimente isto. — Damon me atirou uma versão menor do paletó. Obediente, tirei o que vestia e coloquei aquele. O traje caía bem em mim, a não ser por estar grande demais nos ombros e no peito. Damon se distraiu com o alfaiate e com Winfield, discutindo feitios, forros e botões.

Ocorreu-me que neste momento eu poderia saltar pela janela e fugir. Será que meu irmão realmente levaria a cabo todas as ameaças que fez? Ele realmente mataria os Sutherland... ou coisa pior?

Mas então pensei na mensagem em sangue e percebi que eu nunca deixaria que o mundo descobrisse a resposta a esta pergunta. Eu não queria mais mortes em minha consciência.

— Este é o tipo de coisa que os jovens ostentam pela cidade hoje em dia? — perguntou Winfield, franzindo o semblante para meu paletó. — Eu nunca fui uma... como disse mesmo?... "criatura da noite".

Damon lhe abriu um sorriso frio.

— Nunca diga nunca.

De repente, Damon estava parado a meu lado diante do espelho, abotoando o paletó e ajeitando a cauda. Muito atencioso, também consertou a minha.

— Ora, veja como você está — disse ele a nosso reflexo, colocando um braço no meu ombro. — Quase poderíamos ser *irmãos*.

— Nós já *fomos* irmãos — sibilei tão baixo que só os ouvidos muito afinados de Damon podiam me ouvir. — Mas você agora é tão estranho a mim quanto o diabo em pessoa.

— Hein? — Winfield levantou a cabeça. — Vocês se parecem um pouco. O... cabelo. E o... rosto. — Ele gesticulou vagamente para nós. Depois abriu um largo sorriso. — Terei um monte de netos iguaizinhos! Dezenas deles, balançando-se em meus joelhos.

Damon sorriu.

— Mas é claro. Pretendo ter uma família grande, sr. Sutherland. É importante que meu *sangue* continue.

— *Está forçando muito* — falei.

— *Ainda nem comecei* — sussurrou ele, sorrindo.

— *Ah, é mesmo? Então o que era o recado que deixou para mim com sangue?* — indaguei.

A testa de Damon se enrugou.

— *Recado?*

— Na verdade, prefiro o escarlate. — Winfield tinha nas mãos uma peça do tecido e não pareceu perceber a tensão no ar. — É perfeito. Damon *DeSangue*... Apropriado, não é mesmo?

Damon pareceu surpreso. Eu também fui apanhado de guarda baixa.

— Eu falo quatro línguas, rapazes — disse Winfield com certo rosnado no sorriso. — E leio em outras quatro. O i-ta-li-a-no é apenas uma delas.

Então Sutherland não era o bufão que parecia ser. Havia camadas ocultas nele, e claramente tinha de haver num homem de negócios de tanto sucesso.

— E por falar em línguas, *ho bisogno di vino*, algo para molhar a garganta. Trouxe uma coisa de minha adega, um *amontillado* incrível. Querem se juntar a mim?

— Eu bem que gostaria de beber um bom seco dos Sutherland agora — disse Damon alegremente, dando-me um tapa no ombro, como fazia nosso futuro sogro.

Verguei o corpo, desesperado. Quando nos tornamos vampiros, eu nada mais queria do que passar a eternidade com meu irmão. Mas agora, não via a hora de me livrar dele.

15

Na noite de véspera do casamento, fiquei olhando pela janela de meu quarto. Uma linda lua minguante aparecia pela vidraça decorada. Parecia que toda a noite do mundo implicava comigo, chamando: *Venha brincar. Venha caçar. Venha desaparecer na escuridão.* Minha pele formigava sempre que sentia um toque do ar noturno, e minhas narinas inflaram com os mil e um cheiros que ele transportava.

Não fui feito para ser cativo à noite... Pensei que era infeliz no parque caçando esquilos, mas aqui estava, preso por minha palavra, por minha culpa, por estas paredes estúpidas, por uma família de humanos sob um feitiço, por meu irmão.

A sra. Sutherland entrou no quarto no início daquela noite. Não disse muita coisa, só afagou minha mão e beliscou meu rosto, dizendo-me para não me preocupar, pois o casamento logo terminaria e depois nós todos — *nós todos* — podíamos voltar à vida feliz e normal de família.

De pouco adiantaria que ela soubesse que, depois que Damon acabasse com eles, os Sutherland nunca mais seriam capazes de uma vida normal ou feliz.

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos. Virei-me e endireitei o paletó de seda que Winfield me emprestara, perguntando-me se a sra. Sutherland tinha deixado alguma coisa em meu quarto. Mas a porta se

abriu um pouco e uma cara rosada e travessa apareceu.

— Bridget — soltei num gemido. Olhei em volta desesperadamente, como se uma saída pudesse aparecer de repente.

Ela riu e entrou repentinamente, batendo a porta, então recostando-se nela como se tivesse acabado de fechá-la a um exército invasor.

— *Stefan* — disse Bridget no que ela devia pensar ser um tom sensual e meigo. Estava com um robe de chiffon com rosas gigantescas de chenille. Por baixo, em vez de uma simples camisola, usava um vestido de espartilho complicado, de seda cor-de-rosa, com uma faixa vermelha rosada que deixava expostos os ombros e o pescoço.

— Bridget — disse eu num tom de alerta, recuando. Minha cabeça bateu em uma das vigas da cama de dossel.

— Pensei que talvez pudéssemos começar a lua de mel mais cedo — cochichou ela, jogando-se nos meus braços.

— Hmmm... — titubeei.

Suas faces estavam vermelhas, e os olhos tinham as pálpebras pesadas. Apesar da influência de Damon, ela também estava sob o poder das próprias emoções, agitada por sentimentos amorosos em relação ao homem com quem estava prestes a se casar.

Ela me empurrou — com braços extraordinariamente fortes — para a cama e caiu por cima de mim, esmagando-me sob camada após camada de seda. Seus seios subiam e desciam sob o espartilho, e pude sentir a pele quente através de meu roupão.

Eu tinha uma visão perfeita de seu pescoço branco. O coração batia acelerado, dando-lhe um brilho quente e rosado e enchendo meus sentidos com seu sangue. Eu sentia o cheiro dele em toda Bridget, salgado, quente e humano. Um tremor me tomou enquanto seu peito pressionava o meu, e pude sentir a dor abrindo caminho por minha mandíbula. Uma dor tão doce

— e já fazia tanto tempo que eu não tomava sangue humano...

Não deve fazer mal, disse parte de mim. Ela não se importaria se eu a mordesse, mesmo sem influência. Não precisava ser doloroso, e ela talvez até gostasse. Antes que percebesse o que fazia, eu tinha colocado a boca em seu ombro, só para sentir a pele, dar uma lambidinha...

Bridget sentiu que eu me mexia abaixo dela e interpretou mal, beijando-me com mais força e colocando-se numa posição mais confortável, entrelaçando as pernas nas minhas.

— *Não!*

Consegui recuperar o controle e a afastei de mim. Não pretendia agir com tanta violência, mas mesmo em meu estado enfraquecido eu ainda era muitas vezes mais forte do que uma humana. Ela caiu na ponta da cama contra um dos postes, chocada.

E começou a chorar.

— Você... não me quer... — gemia ela, as gotas grossas de lágrimas rolando pelo rosto.

— Bridget, não, eu... — Minhas presas se retraíram e eu sofria a dor e a necessidade de sangue. — É só que... vamos nos casar *amanhã*, Bridget. Só mais um dia. Se esperarmos até que... hmmmm... seja correto, será mais especial. Pense bem, teremos completado um... lindo dia... com você em seu lindo... hmmm...

— Brocado creme com renda de Flandres nas mangas, corpete e uma faixa de cetim marfim, com um véu de flores de seda marfim. — Ela fungou.

— Isso mesmo. — Peguei delicadamente seu cotovelo e ergui seu queixo para que ela me olhasse. Ela enxugou as lágrimas do rosto com uma parte do robe. — Que minha primeira noite com você seja com essa imagem sua em minha mente, minha noiva ruborizada.

Ela assentiu, fungando novamente e abrindo-me um sorriso fraco.

— Tudo bem.

Depois riu de novo, de volta a sua antiga personalidade, e saltou da cama, indo para a porta.

— Boa noite... *amante* — arrulhou antes de sair.

Assim que ela se foi, caí novamente na cama, abafando um gemido no travesseiro. De nada serviu para diminuir minha frustração. Levantei-me, andando da janela à porta, querendo sair, escapar, caçar, fazer *alguma coisa*. Mas não tinha alternativa, não tinha opções. Estava preso a este quarto, a esta situação, ao terrível espaço entre não ser nem um humano nem um mostro.

Rasguei o travesseiro em dois, explodindo as penas pelo quarto como um barril de pólvora branca.

Maldito seja, Damon, pensei violentamente, *por me colocar nesta situação. E maldita seja você também, Katherine, por começar tudo isso.*

16

12 de novembro de 1864

Viver com Damon é como jogar xadrez com um louco. Posso pensar em mil possibilidades diferentes de defesa, mil movimentos diferentes que ele possa assumir, e então ele muda as regras do jogo.

Não é apenas essa sua predileção recente pela violência fortuita que o torna tão incalculável, mas o modo como ele se rejubila nela. Embora o sangue seja a nossa dieta, como vampiros temos pelo menos um mínimo de vontade própria. Damon não precisa deixar seu lado sombrio vencer, mas ainda assim ele o abraça.

Vejo esta mudança nele com horror e culpa, pois fui eu que m o coloquei na vida de vampiro. Foi Katherine quem o transformou, mas eu o alimentei à força com sua primeira humana.

Depois de ver a mensagem dele para mim, não consigo pensar em sair da casa dos Sutherland até ter imaginado um jeito de manter a todos em segurança. O que meu irmão fez com Callie... evidentemente não está além dele dispor de toda a família depois que ela servir a seus propósitos.

Mas quando ele entrará em ação? No casamento? Depois do casamento? Depois da lua de mel? No ano que vem? Poderia eu levar

as mulheres para algum lugar? Poderia convencê-las a se esconderem? Poderia influenciá-las a fazerem isso? Damon conseguiu me encontrar aqui; será que me encontraria — ou a elas — em qualquer lugar?

Tenho de pensar num plano, caso Damon não saia da cidade com sua fortuna recém-conquistada.

É claro que a solução mais simples seria matar Damon.

Voilà — um vampiro assassino, maníaco e imprevisível se foi; o mundo, e eu mesmo, mil vezes mais seguro. Supondo que eu consiga fazer isso. Sou muito mais fraco do que ele; teria de ser de surpresa, por trapaça ou algo igualmente dissimulado, como uma faca nas costas. Como ele matou Callie.

Não tem sentido pensar desse jeito. Não descerei ao nível dele. Ele é meu irmão. E, por mais medonho que seja, é o único parente que me resta.

No dia seguinte, o tempo voou como se não tivesse nada melhor a fazer além de me levar a galope ao matrimônio. Antes que me desse conta, eu fora enfiado em meu terno, alimentado à força com panquecas e levado cem quadras ao norte para o altar, onde fiquei esperando meu destino enquanto os Sutherland inconscientemente esperavam o deles.

Damon e eu ficamos lado a lado no salão da mansão Woodcliff — a linda capela de família vizinha era pequena demais para o gosto de Bridget. Os Richards fizeram a gentileza de deixar que usássemos sua casa na ponta da ilha de Manhattan. Era mais um castelo do que uma casa, com torres cinzentas, parapeitos e ponte levadiça decorativos, tudo feito de pedra cor de cinza que se destacava do promontório rochoso onde se assentava.

Não muito longe dali, fora das janelas góticas em arco, ficavam os restos

do Forte Tryon, local de uma triste derrota das forças continentais sob George Washington para os britânicos.

Meus pensamentos vagaram enquanto eu imaginava soldados ingleses e americanos beligerantes em meio a nuvens de pólvora... e então algo me ocorreu. *Katherine* poderia ter testemunhado essa batalha. Nunca perguntei que idade tinha — talvez Damon tenha perguntado —, mas ela era muito mais velha do que sugeria sua aparência. Provavelmente testemunhou eventos sobre os quais eu apenas lera nos livros de história.

Estremeci ao pensar nisso, mas o arrepio logo foi dissipado pelo forte calor na sala. Damon e eu estávamos diante de uma multidão de mais de duzentos membros da alta sociedade de Nova York, todos sentados desconfortavelmente em bancos instalados e unidos às pressas. Eles não sabiam do perigo que era estarem ali.

Puxei o colarinho e a gravata, que de repente me pareceram apertados demais, e minha visão se turvou. A sala se mexeu e se metamorfoseou, e por um segundo as roupas elegantes e a pele de todos os convidados do casamento se fundiram, como se tivessem sido apanhados numa labareda. A pele se descascou, deixando para trás os ossos brancos e os tendões retorcidos.

— Stefan! — sibilou Damon, dando-me uma cotovelada. Percebi então que eu agarrava seu braço. — Preciso lhe chamar um médico? — perguntou com sarcasmo.

Meneei a cabeça, perguntando-me que doença tinha me acometido. A multidão voltou a entrar em foco, viva, feliz e risonha, abanando-se discretamente com os leques.

Até eu tinha de admitir que a sra. Sutherland fizera um trabalho fabuloso com a sra. Richards e seus criados. Um requintado tapete vermelho fora estendido, e nele havia tantas pétalas de rosas que mal se podia ver o tecido por baixo. Rosa, brancas e vermelho-escuras, pareciam uma linda trilha por

um magnífico jardim de rosas. Guirlandas de flores exóticas e caras pendiam junto dos bancos, e o cheiro de laranja e limão era forte no ar. No alto, bolas de flores gigantescas estavam penduradas como fogos de artifício feitos de pétalas. Vasos em cada nicho gótico em arco e em cada canto tinham arranjos elegantes de folhagens e ramos em flor de marmeleiro, aumentando o efeito silvestre.

Todos usavam trajes formais completos: casacas para os homens, alguns com faixas diplomáticas, tafetá de seda pesado para as mulheres mais velhas, mais leves para as jovens, metros e metros de tecido espiralando a seus pés como outras pétalas de rosas. Os chapéus eram adornados de plumas, pedras preciosas e às vezes aves inteiras. E as joias de família haviam sido colocadas para esta ocasião, pérolas, diamantes e rubis em cada pescoço e pulso, algumas gemas do tamanho de meu polegar.

Todas as mulheres tinham leques, é claro, feitos de seda e pintados no Japão ou na Inglaterra, e elas tentavam agitá-los delicadamente, mas a maioria os abanava com a maior velocidade que podia. O semblante das senhoras ainda era teimosamente rosado, apesar de seus esforços para mantê-lo pálido.

Todos cochichavam e falavam animadamente, e é claro que eu podia sintonizar em cada conversa que quisesse com minha audição aprimorada. Mas eu quase não pretendia fazer isso, porque era idêntica em cada assento:

"...tão rápido. Só um mês atrás. Soube da história? Ele foi tão cavalheiresco..."

"...menina de sorte. Espero que minha Lucretia se case igualmente bem..."

"Aparentemente, a Beaumont mais nova se atirou em DeSangue, mas ele só tinha olhos para Lydia..."

"...que homem bonito! *E* um conde!..."

"...sim, mas e outro? Casando-se com Bridget?"

Fechei os olhos, desejando poder tapar os ouvidos. Como ansiava por voltar a minha gruta no parque.

— Parecem os velhos tempos, não, mano? — Damon suspirou, ajeitando um dos punhos. — Em outra vida, você e Rosalyn já estariam casados.

— Cale-se — exigi. Ele tinha razão, porém. Se Katherine não tivesse matado minha companheira de infância, eu teria me casado com ela. Na época, pensei que um casamento forçado com alguém que não amava era o pior destino imaginável. Como eu era inocente...

Continuei a sorrir, embora a essa altura devesse parecer forçado. Meus olhos disparavam pela multidão, procurando alguém com um cachecol que não combinasse. Naquela manhã, eu tinha conseguido capturar e me alimentar de duas pombas, inicialmente pretendendo soltá-las como gesto romântico depois da cerimônia de casamento. Mas quando foi a última vez que Damon se alimentou? Ou ele pretendia fazer um grande banquete sangrento?

— Olhe para nós, juntos — cochichou Damon, assentindo para alguém na multidão e sorrindo. — Formamos um belo par.

— Estou fazendo isso — cochichei — para salvar vidas. Agora fique quieto.

Damon revirou os olhos.

— Você não é divertido, mano. Espero que desenvolva algum senso de humor em breve, ou será uma looooooonga eternidade.

Começou a marcha nupcial, poupando-me de ter de responder.

O marido de Margaret e Bram, os padrinhos, vieram primeiro pela nave central. Os restantes eram jovens imaturos que flertavam descaradamente com as damas de honra que acompanhavam. As meninas tinham vestidos idênticos, cor de pêssego, e chapéus imensos... Mas notei que uma delas tinha um acessório um tanto diferente. Hilda usava um lenço amarrado

apressadamente no pescoço.

Fuzilei Damon com os olhos.

Ele deu de ombros.

— Fiquei meio faminto enquanto esperava.

Na verdade, foi um alívio para mim — significava que ele não tinha decidido passar fome na expectativa de algo mais tarde.

Por fim veio Winfield, orgulhosamente andando pela nave central com uma filha em cada braço. Lydia andava majestosamente e com tranquilidade. Usava um simples vestido branco de tecido pesado, cujas dobras farfalhavam com seus movimentos. Ia até o alto do pescoço e era abotoado nos punhos, enfeitado apenas por uma carreira de botões de pérolas descendo pela frente. Um véu pendia atrás dela, flutuando às costas. Parecia uma rainha de conto de fadas e sorria com uma expressão misteriosa que só aumentava sua beleza.

No braço esquerdo de Winfield estava Bridget, com seu brocado e cetim. Estava realmente linda, embora um tanto exagerada. Um véu imenso de renda se empoleirava no alto de sua cabeça como uma coroa. Era difícil imaginar, agora, que eu um dia vira algo de Callie nela. Onde Bridget era frívola e imatura, Callie era independente e prática.

Fora má ideia pensar em Callie agora.

O tempo custou a passar. Os pés de Bridget se erguiam e desciam, trazendo-a mais alguns centímetros para perto de mim. Suas saias avançavam, como se agissem por vontade própria. A boca se abria e fechava em um riso que parecia distante e distorcido. Então veio o cheiro nítido de limão e gengibre.

Tudo se toldou...

Katherine?

De repente, em vez de Bridget vindo para mim, vestida de noiva, estava a mulher que me trouxera a este lugar. O cabelo preto e grosso estava preso no

alto por um véu de renda, revelando os ombros e o pescoço perfeitos. O camafeu azul cintilava no pescoço. Ela baixou a cabeça recatadamente, mas por baixo dos cílios longos seus olhos dançavam maliciosamente em minha direção. Ela franziu os lábios e senti meus joelhos enfraquecerem.

Será que Damon também a viu? Olhei de lado para meu irmão, para ver se ele pensava ou via a mesma coisa. O que quer que tivesse me compelido a sentir o que senti por Katherine, o verdadeiro amor ou o Poder de vampira, eu ainda estava sob seu feitiço, era assombrado por ela. Mas o rosto de Damon era uma máscara perfeita de felicidade e amor.

O tempo recomeçou a correr. Bridget reassumiu seu lugar em minha visão, sorrindo animadamente para mim.

Em seguida as meninas estavam diante de nós, o sacerdote, presente, e as alianças em nossas mãos.

Felizmente, foi uma cerimônia bem curta. O padre fez um sermão sobre o amor e leu várias passagens da Bíblia que teriam me agradado em qualquer outra circunstância. Eu não sabia se rezava para o sacerdote continuar, sem parar, dando-me o máximo de tempo possível antes do inevitável, ou se devia correr e acabar logo com aquilo.

— Se algum presente sabe de qualquer impedimento para que estes dois casais não sejam unidos legalmente em matrimônio, que fale agora.

Olhei o salão, na esperança de alguém se levantar e protestar. Talvez Margaret falasse, com alguma prova de que *Damon DeSangue* não era quem dizia ser, ou que eu era uma espécie de espião dos Confederados, ou... A irmã mais velha meneou a cabeça e cerrou os dentes, mas ficou em silêncio. Talvez eu tenha imaginado, mas creio que a mão de sua mãe apertava firmemente seu joelho.

Damon foi o primeiro, casando-se com a noiva mais velha. Eu não escutava nada; parecia haver um ronco surdo em meus ouvidos, tão alto que

me surpreendi de ninguém mais poder ouvir.

O que aconteceria quando acabasse? Os Sutherland sobreviveriam a esta noite? Seria eu obrigado, no dia de meu casamento, a lutar com meu irmão até a morte?

— Repitam minhas palavras — disse por fim o sacerdote. Obedeci.

— Eu, Stefan Salvatore, recebo a ti, Bridget Lynn Cupbert Sutherland, como minha legítima esposa, e prometo ser-te fiel em todos os dias de nossa vida, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar e respeitar até que... a morte nos separe.

Quase engasguei e torci para que a plateia pensasse que estava dominado pela emoção.

— Eu, Bridget Lynn Cupbert Sutherland, aceito a ti, Stefan, como meu legítimo esposo, e prometo ser-te fiel em todos os dias de nossa vida, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar e respeitar até que a morte nos separe. — Ela se esqueceu de meu sobrenome, e seus olhos me diziam que era porque pensava na noite anterior.

Então a aliança estava em minha mão. Uma simples aliança de ouro com as iniciais minhas e de Bridget gravadas por dentro. Um metal precioso prendendo-me a meu destino.

Peguei a mão de Bridget. Minha voz saiu surpreendentemente clara e calma.

— Com este anel eu te desposo, e com todos os meus bens provenho as tuas necessidades, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. — Coloquei-a em seu dedo. Ela guinchou de alegria.

Eu a beijei. Foi duro e rápido, com sorte por tempo suficiente para a plateia apreciar. Bridget se agarrou a mim, tentando estender aquele momento. Ela tinha gosto de menta. Eu me sentia péssimo.

E, assim, eu era um vampiro casado.

17

A recepção foi dada em um salão diferente. Meu irmão, Lydia, Bridget e eu formamos uma fila na entrada para agradecer e cumprimentar nossos convidados. Damon exagerou um pouco, curvando-se e fingindo conhecer quem não conhecia. Influenciando-os a pensar que era um velho amigo, sem dúvida. Enquanto Bridget mostrava sua aliança, Lydia dava em todos beijos calorosos, apertos de mão ou sorrisos, o que ditasse o relacionamento. Ela até riu quando Bram tentou lhe roubar um beijo de "despedida". Bridget estava ao lado dela, radiante com o que parecia uma alegria autêntica.

— Obrigado por vir hoje — falei vezes sem conta, as palavras com um gosto de giz em minha língua. — Que bom que puderam vir celebrar conosco. Meus agradecimentos por estar aqui. É um prazer conhecê-lo, muito obrigado por vir.

— Stefan *Salvatore*! — disse uma matrona num tom exigente, com um vestido quase rígido, grosso e cinza de seda e pérolas, segurando minha mão por um tempo maior do que era estritamente necessário. Ela pronunciou o *e* no fim de meu sobrenome e olhou-me fixamente com olhos tão duros quanto suas saias.

— Sim, senhora. — Abri-lhe o sorriso mais caloroso possível.

— Dos Salvatore *florentinos*? Príncipe Alessandro?

— Não tenho certeza, senhora — respondi, tentando manter o sorriso. —

Quando meu pai veio para este país, declarou-se americano. Ele não manteve as antigas relações.

Seus olhos se arregalaram, e seu aperto em minha mão se afrouxou.

— Um *imigrante*. Que encantador. — Ela não sorriu, e tirou a mão da minha, afastando-se.

Várias centenas de pessoas depois, finalmente conseguimos nos sentar. A mesa dos noivos era enfeitada com folhas de palmeira e guirlandas de flores imensas, além de coberta de todo aperitivo caro que se pudesse querer comer — ou mostrar que pode pagar. Havia petiscos de ostras e outros frutos do mar, inclusive salmão defumado escocês e caviar russo. Depois veio um prato principal que consistia em um número impressionante de animais mortos: carnes de vaca, codorna, veado, faisão, galinhola, pato, cordeiro, porco, quentes e frias, na brasa e grelhadas, moídas e salteadas, fatiadas e em tortas.

Tudo foi coroado por um bolo de casamento de cinco camadas, o mais refinado bolo de frutas coberto de fondant e decorado com volutas, escadas, colunas e aves de açúcar. Os garçons de preto serviram taças e mais taças de champanhe, e todos conversavam alegremente. Mas meus músculos estavam travados. O "casamento" terminara oficialmente. Damon e eu estávamos legalmente casados com a família Sutherland. Era só uma questão de tempo até que ele começasse a fase seguinte de seus planos — quaisquer que fossem.

— Querido, dê-me um copo de água, por favor? — pedia Lydia a meu irmão, tocando-o com ternura no rosto.

— Em *algumas* cerimônias, é papel da mulher amar, honrar e *obedecer*. Não deveria ser você a pegar algo para mim, esposinha? — Ele sorriu, mas de um jeito que não me agradou.

— Mas é claro! O que quiser, querido — disse Lydia. — Água, vinho...

— Sangue? — propôs Damon.

Lydia riu.

— Seu desejo é uma ordem.

Bridget não comeu nada do caro repasto, saltando da mesa constantemente para falar com amigos, estender a mão e mostrar a aliança. Passei a maior parte do jantar empurrando nervosamente uma comida cara por um prato muito caro com um garfo de prata muito, muito caro; tudo sem tirar os olhos de Damon.

Veio uma sobremesa, então Bram teve pena de mim e se sentou no lugar de Bridget por um momento.

— Meus parabéns, amigo — disse ele, apertando minha mão. — Você e Damon arrebanharam duas das melhores que Nova York tem a oferecer.

Assenti, infeliz.

— O sr. e a sra. Sutherland são maravilhosos. E Margaret... Bem, ela é intempestiva, mas creio que um dia você a conquistará.

Minha cabeça se virou de repente.

— Notou algo, hmm, estranho em Margaret? — Bram conhecia os Sutherland desde que nasceu. Talvez tivesse alguma ideia do que tornava Margaret capaz de resistir aos encantos de Damon.

Bram coçou os cachos pretos e soltos.

— Estranho?

— Sim, ela é diferente dos outros. Mais forte. — Tentei conduzir a conversa.

Bram soltou uma gargalhada.

— Isso é bem verdade. Certa vez, quando éramos mais novos, roubei sua boneca preferida para usar como enfermeira num jogo de guerra com meu irmão. Eu juro, precisava ver o olhar que ela me deu! Ela nem precisou tocar em mim para provocar um choque doloroso por todo meu corpo. Não preciso dizer que nunca mais peguei os brinquedos dela.

— Ela conseguiu machucá-lo sem tocar em você? — pressionei, tentando

juntar as peças.

Mas, nessa hora, Winfield me deu um tapinha no ombro e apontou para uma sala dos fundos. Damon veio conosco, com uma expressão falsamente séria. Ao passarmos rapidamente pelos convidados e descermos um corredor lateral, tentei olhar pelas janelas. Através das árvores e torres eu podia ver o Hudson e os Palisades, um sol brilhando no rio cintilante, o bosque verdejante, barcos e balsas desfilando lentamente, rio acima e abaixo. Quase me senti um rei supervisionando seu reino, uma vez que me casar nesta família me colocava no topo da alta sociedade nova-iorquina.

Entramos em uma sala de fumar revestida com madeira escura, e Winfield imediatamente se serviu de xerez vermelho-rubi. Damon pegou um frasco de prata e, bem na frente de Winfield, batizou a própria bebida com sangue. Com sangue *humano*.

— Ao casamento eterno — disse Damon, erguendo a taça.

Winfield concordou com energia.

— Ao casamento.

Limitei-me a balançar a cabeça e jogar o drinque para dentro, na esperança de que o líquido frio saciasse minha sede.

— Há uma questão séria que preciso discutir com vocês. — Winfield acomodou o corpo em uma larga cadeira. Damon se curvou para a frente, em expectativa. Retesei-me no assento, pronto para o que viria.

— A questão do dote.

Apertei as mãos. Damon sorriu, expondo caninos reluzentes. Ele se atirou em um sofá de veludo.

— Era justo o que eu ia lhe perguntar, papai. Não se importa se lhe chamar assim, não?

— De maneira nenhuma, meu rapaz — disse Winfield, oferecendo um charuto a Damon.

Meu irmão o pegou, cortando a ponta com cuidado e o acendendo de forma tão profissional que me perguntei onde adquirira este hábito.

Os dois ficaram dando baforadas por um momento, soltando grandes nuvens de fumaça na sala mínima. Eu tossi. Damon, desfrutando de meu desconforto, esforçou-se para soprar um anel de fumaça na minha direção.

— A questão é a seguinte: quero que os dois possam se sustentar sozinhos. Minhas meninas merecem homens de verdade e, se alguma coisa me acontecer, quero ter certeza de que elas serão bem cuidadas.

— Claro — disse Damon pelo canto da boca que segurava o charuto.

— Tenho várias minas na Virgínia; uma é de ouro. Elas podem precisar de alguma administração. E há as ações da ferrovia que comprei...

Meu irmão arregalou os olhos. Virei o rosto, incapaz de suportar vê-lo influenciar o pobre homem.

— *Eu prefiro dinheiro* — disse ele.

— Muito bem, parece-me razoável — disse Winfield sem parar e nem mesmo piscar. — Uma anuidade, então? Um estipêndio?

— *Adiantado. Todo ele* — disse Damon com simpatia.

— Um vigésimo de meus bens, capital e ações, então? — perguntou Winfield educadamente.

— *Prefiro um quarto*.

Um autômato, Winfield concordava desatentamente com tudo que Damon sugeria.

Mas eu não conseguia entender — isto manteria Winfield seguro? Damon o manteria por perto, ordenando o que lhe conviesse?

— Fico feliz que estejam tão preocupados em cuidar das meninas como estão acostumadas — disse Winfield, mas sua voz parecia oca, como se em algum lugar uma parte mínima de sua mente soubesse que algo estava terrivelmente errado.

O pobre homem pegou alguns cheques e uma caneta. Num momento tinha acabado, e Winfield me deu um cheque com tantos zeros que mal podia ser lido.

Damon mostrou os dentes em algo que era menos um sorriso e mais um ricto de vitória. Levantou-se, erguendo a taça de xerez com sangue a meu lado. O cheiro era inebriante. Precisei de cada grama de minhas forças para não dar um salto e virar o copo.

E então Winfield disse a coisa mais incrível e mais banal do mundo.

— Levará algum tempo para esses cheques terem fundos. — Ele se desculpou, sem saber como essas palavras podem ter salvado sua vida.

Damon ficou furioso, com nuvens negras nos olhos. Era um olhar de frustração colérica famoso em Mystic Falls, algo pelo qual ninguém queria ser responsável. Era perigoso decepcionar meu irmão. Ele amassou o cheque nas mãos.

— Não falou nisso antes — rosnou, agitando o xerez sob meu nariz. Eu enrijeci, minha sede deixando as presas em brasa.

— Terei de vender grande parte de meus bens, capital e ações para cobrir este valor — respondeu Winfield com tal simplicidade que me deixou nauseado.

— *Então, venda!* — ordenou Damon. Mas eu não prestava mais atenção. Precisava sair da sala. Meu Poder reagia a minha fome... a minha raiva... e senti os primórdios de uma mudança.

— Eu preciso... — Nem me incomodei em pensar numa desculpa.

Deixei a sala às presas, passando por meu irmão cruel e nosso triste sogro, saí do castelo e entrei na noite escura, que era o meu lugar.

18

Eram duas centenas de quadras entre a mansão dos Richards e o centro de Nova York. Pouco menos de 15 quilômetros. Mas mover-se como um vampiro não é como correr normalmente, especialmente porque eu tinha acabado de esgotar uma das cabras dos Richards. Se eu era um borrão para o mundo, o mundo também o era para mim. Minha cabeça estava baixa, e usei toda minha concentração para evitar os obstáculos à frente e tentar me exaurir. Desci os penhascos rochosos e as montanhas de Forte Tryon com suas árvores frias, passando pelo vale que o separava do resto da cidade. Voltei à civilização, às estradas de terra que cheiravam a poeira e plantas, particularmente ao tabaco, que reconhecia de minha Virgínia natal.

Depois de suportar uma semana de espera, vigilância e de tentar me antecipar a meu irmão, eu só queria que tudo estivesse acabado.

E agora não estava.

Damon não podia matar Winfield antes que o dinheiro estivesse disponível, e quem sabia quanto tempo levaria? Nesse ínterim, eu precisava ficar com Bridget, vigiar os Sutherland, fingir que estava feliz no casamento e continuar a tentar entender o fim do jogo de Damon.

Fui apanhado numa teia de culpa; cada movimento meu enterrava ainda mais minhas pernas. Eu só queria me libertar.

Queria poder viver na solidão. Se tinha de viver a eternidade como

vampiro, pelo menos eu podia não deixar provas disto. Nenhuma morte, ferimentos, mágoas, nem evidências de minha natureza sobre-humana. Eu fugia de mim mesmo, de meu novo eu, e nunca poderia escapar, como fazia de Damon, de minha sombra neste além-morte interminável.

O cheiro da natureza logo deu lugar ao fedor de esgoto e podridão que se prendia até mesmo a bairros ricos. Nas vielas atrás das casas imensas, criados despejavam dejetos nas ruas e carrinhos de leite deixavam laticínios frescos na escada dos fundos. Só o que perceberiam era uma estranha lufada de vento, um vácuo que se criara com minha passagem, um escurecimento momentâneo contra uma parede de tijolos, como se uma nuvem tivesse passado pelo sol.

No Garment District, meu nariz foi assaltado pelo odor acre de substâncias químicas e pela queima de fibras que jovens mulheres cortavam, costuravam e tingiam nas fábricas que começavam a substituir as fazendas em Nova York. Recostados nas saídas de incêndio com as mangas puxadas para cima, pequenos grupos destas jovens fumavam cigarros em seus preciosos intervalos.

Ao passar voando por uma menina, muito perto, o vento que deixei apagou seu fósforo. Olhei para trás e vi que ela encarava, confusa, a fumaça.

Logo fui dominado pelo cheiro de carne humana e dejetos. De esterco animal e lampiões a gás. De indústria, gráficas, tinta e fumaça preta, do rio, de peixe salgado e finalmente uma brisa fresca. Eu só apreendia os detalhes da cidade; todos os sons e as visões emudeciam a um ronco ao fundo. Perfumes caros e flores. Carne desossada e bacon defumado. Limão e gengibre...

Parei de repente, no meio da Washington Square. Este era o perfume de Katherine.

A mão de alguém se fechou em meu ombro e girei com expectativa.

Mas, em vez de ver os cachos escuros da mulher que me transformou, vi-

me cara a cara com Damon, com uma sobrancelha erguida numa diversão condescendente.

Fiquei deprimido e me encolhi, dominado pela exaustão e pelo desespero. Nem me incomodei em tirar sua mão. Aonde eu iria? Meu irmão me seguira até a Costa Leste. Enquanto eu me recusasse a beber sangue humano, ele sempre seria mais forte e mais rápido. E estava apenas adiando o inevitável ao tentar fugir sem planejar meu movimento seguinte.

— É nossa noite de núpcias, mano. Para onde está indo? — A voz de Damon era incisiva.

Exausto de minha maratona de dor e fuga, limitei-me a ficar parado.

— Eu ia voltar.

Damon revirou os olhos.

— Vou parar um coche para nós — disse ele, estalando os dedos. Apareceu um imediatamente.

— Rua 73 com a Quinta — ordenou ele pela portinhola.

— Vamos para a casa dos Sutherland? — perguntei, confuso. — E não a dos Richards?

— Vamos para casa — corrigiu Damon. — E, sim, a recepção acabou. Você fugiu no finalzinho.

— O que você disse a Bridget? — Não pude deixar de perguntar. Embora eu não a amasse, sentia-me mal por abandoná-la em seu próprio casamento. De certo modo, esta era a pior coisa que eu podia fazer a uma menina como Bridget.

Damon revirou os olhos.

— Não se preocupe. Eles nem perceberam sua ausência.

— Então você ainda não os matou?

— Quem disse que vou matá-los? — perguntou ele com inocência. — Acha que sou algum monstro?

— Sim — respondi.

— Bem, eu sou o que você me fez — retrucou Damon com um toque na cartola.

— Você não está facilitando em nada — murmurei.

— Deve ter me confundido com alguém que se importa em tornar sua vida mais fácil — disse Damon, de repente frio, com os olhos faiscando.

— Sabe, você se esforça muito para permanecer na minha vida — observei. — Tem certeza de que é *só* para me fazer infeliz?

Ele me encarou.

— Aonde quer chegar?

— Acho que você precisa de mim, Damon — grunhi. — Acho que, por baixo de sua raiva, você tem medo, está apavorado com o que se tornou. Eu sou último laço com sua identidade humana, a única pessoa que sabe quem você é. E sou a única pessoa *pelo resto da eternidade* que saberá.

Damon semicerrou os olhos para mim.

— Mano, *você não sabe nada de mim* — sibilou ele.

Então abriu a porta do coche e se lançou para fora. Um baque suave indicou que pousara no teto. Meti a cabeça pela janela e olhei para cima.

Vi com horror Damon pegar o condutor e abrir seu pescoço, sugando uma ou duas vezes antes de jogá-lo na rua.

— Damon! Pare! — gritei, mas era tarde demais. Tentei sair pela porta para ir atrás do homem ferido, mas Damon estendeu o braço e me puxou de volta enquanto acelerava por uma esquina.

Empoleirado no alto da carruagem, com a boca coberta de sangue, Damon chicoteava o cavalo num frenesi escumante. E assim os dois irmãos dispararam para o norte, um conduzindo, outro sendo conduzido, como Satã avança com o condenado ao inferno.

19

Quando chegamos à casa dos Sutherland, as bocas de nosso cavalo estavam cobertos de espuma e os olhos rolaram para trás até ficarem brancos.

— Não presta como cavalo de corrida — disse ele despreocupadamente, saltando e dando um tapinha em seu pescoço. — Não me surpreenderia se caísse morto de exaustão.

Saí do coche com um cheiro pútrido assaltando meu nariz, como se os Sutherland tivessem fixado residência ao lado de um abatedouro.

— Talvez já esteja morto — falei com cautela. Respirei fundo e me estabilizei. Precisava estar pronto para o que viria a seguir, fosse Damon tomando medidas contra os Sutherland ou ter de passar a noite com minha nova noiva. Se isto acontecesse, seria difícil cumprir a promessa de não influenciar mais os humanos...

Preparando-me, fui para a porta.

— Não tão rápido, mano — disse Damon, colocando a mão em meu peito. Depois a colocou por dentro de meu colete com a leveza de um batedor de carteiras e pegou o cheque que Winfield me dera. — Vou precisar disto — explicou alegremente.

— Ah, sim. Dinheiro sem *rastros* — comentei com amargura. — Muito menos óbvio do que roubar os cofres de um banco. Então me diga, e o condutor do coche? Um morto no meio da rua... Que tal *esse* rastro?

— Ele? Ninguém vai perceber — disse Damon, evidentemente surpreso com meu interesse. — Olhe a sua volta, Stefan. Morre gente nas ruas aqui o tempo todo. Ele não é o único.

Damon se tornara o tipo de vampiro que não tem pudores em matar, mesmo quando não o beneficia diretamente, e comete assassinato quando lhe dá na veneta. Quando eu matava nos meus primeiros dias, sempre era por sede ou para me proteger. Não por diversão. E nunca simplesmente só por *matar*.

— Além do mais, isso o irritou *de verdade* — acrescentou com um sorriso. — E não foi por isso mesmo?

Ele fez uma curta mesura e indicou que eu devia entrar em nossa nova casa primeiro. Olhando as belas paredes cinzentas e as gárgulas troantes, desejei que ninguém tivesse me convidado a entrar, que eu fosse obrigado a permanecer na rua para sempre, uma pobre criatura relegada ao parque.

Então alguém gritou.

Damon e eu corremos para dentro, praticamente arrancando a porta das dobradiças em nosso esforço de passar.

Margaret estava na sala de estar, branca como papel, com a mão sobre a boca. E era bem evidente o porquê.

Todo o lugar fora espargido no que minha mente vertiginosa só podia supor ser tinta preta, até que seu cheiro atingiu meu nariz com a força de um vagão: *sangue*. Sangue humano. Galões e mais galões escorrendo lentamente pelas paredes e coagulando em poças no chão. Pegou-me de guarda baixa; meus sentidos de vampiro hesitaram com toda aquela quantidade.

Damon levou a mão ao rosto, como se tentasse reprimir as sensações, e apontou com a outra mão.

No início, só o que vi foi um par de pernas com meias jogadas no tapete, como se alguém tivesse bebido demais e caído no chão. Depois percebi que

não estavam presas a um corpo.

— Não... — sussurrei, caindo de joelhos, apavorado.

Os corpos de Lydia, Bridget, Winfield e da sra. Sutherland estavam aos pedaços pela sala.

A família com que eu me casara para proteger, os humanos inocentes que eu tentava manter seguros da psicopatia de Damon, todos estavam mortos. Mas não foram apenas assassinados — foram esquartejados e brutalizados.

— O que você fez? — rosnei para Damon, com a fúria avermelhando meus olhos e começando a transformação. — *O que você fez?*

Eu ia arrancar o pescoço dele. Era simples. Ele era um monstro e eu devia tê-lo matado havia muito tempo, bem antes de ele ter a oportunidade de destruir a vida de outras pessoas.

Mas Damon estava tão chocado quanto eu. Seus olhos azuis gélidos estavam arregalados com uma surpresa genuína.

— Não fui eu — disse ele. Margaret lhe lançou um olhar que podia ser letal. Pelo modo como Damon falou, era como se *pudesse* ter feito ele mesmo, com a mesma tranquilidade... mas não desta vez.

— Acredito em você — disse Margaret com brandura, balançando a cabeça com pesar e ódio.

Isto me surpreendeu. Por que, depois de todas as perguntas, todos os olhares furiosos, todas as discussões, *por que* ela acreditava nele agora? Por que, quando ela — e de novo corretamente — supôs que ele estava atrás do dinheiro e que fugiria no momento em que os documentos estivessem pagos, acreditava que o assassino não era ele? Mas estranhamente eu acreditava em Damon, no mínimo pela frieza de seu tom de voz.

Como se lesse meus pensamentos, Margaret voltou os olhos para mim.

— Sempre sei quando estão mentindo — disse ela simplesmente. — É um... dom, suponho.

Pensei no que Bram dissera — que Margaret o machucara só olhando para ele. Toquei meu anel, pensando na bruxa, Emily, que lançou um feitiço sobre ele para me proteger do sol. Seria possível que Margaret também tivesse poderes?

Abri a boca para perguntar, mas as lágrimas escorriam de seus olhos. Não era hora de um interrogatório. Respirando fundo, levantei-me e fui até o que restava dos corpos, tentando descobrir uma pista ou motivo para o massacre.

A outra metade do corpo da sra. Sutherland estava esparramada de bruços ao lado do sofá. Um braço estava estendido, como se ela tentasse se levantar, tentasse se arrastar até a filha mais nova.

A garganta de Bridget fora cortada, e braços e pernas arrancados pela metade. Mas o rosto ficou intocado. Na morte, ela era a mesma menininha que era em vida, o leve rosado das bochechas aos poucos adquirindo um branco gelado, os lábios ligeiramente abertos, como se estivesse dormindo. Seus olhos, arregalados, verdes e claros como uma boneca de porcelana, ainda estavam abertos de choque. Gentilmente pus a mão sobre seu rosto e fechei as pálpebras.

Lydia estava paralisada com a mão sobre o rosto, como uma escultura funerária da Roma antiga, digna mesmo na morte. Virei seu tronco arruinado, os ossos brancos das costas projetando-se pelo peito quebrado.

Winfield parecia um grande animal abatido, um búfalo derrubado no auge de sua forma. Havia cortes surpreendentemente limpos na lateral do corpo, como se algo tentasse desossá-lo.

Por fim, fui até Margaret e a abracei, virando sua cabeça para que não olhasse mais a carnificina. Ela se agarrou a mim, mas enrijeceu de surpresa quando minha mão afagou sua nuca.

Depois de um segundo, ela se afastou. O choque parecia aos poucos baixar sobre suas feições. Ela afundou numa cadeira e olhou a sala novamente, desta

vez sem expressão.

— Eles estavam assim quando cheguei — começou lentamente. — Fiquei mais tempo do que os outros na casa dos Richards, procurando vocês dois, tentando encontrar alguém que os tivesse visto sair. Bram, Hilda e a turma de sempre tinham saído mais cedo, planejando alguma farsa tola para sua noite de núpcias. Uma gritaria ou coisa parecida. Eu simplesmente supus que vocês dois tinham fugido para a Europa com o dote.

— Europa... — disse Damon pensativamente. Fuzilei-o com os olhos.

— A porta estava aberta — continuou Margaret — e o fedor...

Ficamos em silêncio. Eu não sabia o que dizer ou fazer. Em circunstâncias humanas comuns, minha primeira atitude seria tirar Margaret da casa e pedir ajuda.

— Chamou a polícia? — perguntei de repente.

Margaret me olhou nos olhos.

— Sim. Chegarão logo. E vão pensar que foram vocês, como devem saber.

— Não fomos nós — repetiu Damon.

Ela assentiu, sem se incomodar em olhar para ele. Sua pele era de uma palidez leitosa, como se parte da vida a tivesse deixado quando a família morreu.

— Eu sei, mas vocês também não são inocentes.

— Não, não, não somos — disse Damon em uma voz distante, olhando o corpo frio de Lydia. Por um momento, suas feições se abrandaram, e ele quase pareceu um humano de luto. Depois meneou a cabeça, como se saísse repentinamente de um devaneio. — Margaret, lamento por sua perda — disse mecanicamente. — Mas Stefan e eu precisamos fugir.

— Por que eu iria com você? — contestei, o sangue fazendo minha cabeça rodar, meus pensamentos girando.

— Muito bem, fique aqui, seja preso.

Virei-me para Margaret.

— Você vai ficar bem?

Ela me olhou como se eu fosse louco.

— Toda a minha família está morta.

Sua voz tremia, à beira da sanidade. Estendi a mão para tocar seu ombro, desejando poder dizer ou fazer alguma coisa. Ninguém merecia aquilo. Mas as palavras não trariam sua família de volta.

Enquanto Damon e eu nos virávamos para sair, o *clip clop* revelador de uma carroça da polícia chegava à frente da casa, junto com as ordens firmes de um delegado orientando seus homens.

— Pelos fundos — falei. Damon concordou, e corremos pela sala de jantar e pela cozinha até a porta que se abria para o quintal. Minha mão estava prestes a tocar a maçaneta quando Damon me segurou, com o dedo na boca. Apertou-se contra a parede, indicando que eu devia fazer o mesmo. Meus sentidos de predador captaram o que Damon já sentira: havia um homem... não, dois... esperando em silêncio do lado de fora com armas em punho, preparados para nossa fuga por ali.

— Vou me livrar deles rapidamente — disse Damon.

— Não! Para o andar de cima — cochichei. — Pela janela.

— Muito bem. — Damon suspirou, e partimos para subir em silêncio a escada dos criados.

Um estrondo no hall da frente nos fez ficar paralisados.

— Você, sobe, você e você, à sala de visitas! — Uma voz severa berrava ordens. Pelos sons de passos, todo um esquadrão de policiais começava a dar uma busca pela casa.

Damon e eu desistimos de qualquer tentativa de fazer silêncio, irrompendo escada acima com a maior velocidade possível. Havia uma janela no alto que ele abriu triunfante, preparado para saltar para a liberdade.

Abaixo, no pátio lateral, uma dezena de policiais armados se postava, mirando rifles para o prédio. E, com seu teatro, Damon os alertou de nossa presença.

As balas começaram a voar.

Embora não pudessem nos matar, reduziriam nosso ritmo. Joguei-me no chão, sentindo o roçar de chumbo por meu pescoço.

— Calha de carvão — sugeri. Sem me incomodar em esperar uma resposta, parti escada abaixo com a velocidade de vampiro, meu irmão bem atrás de mim. A polícia agora tomava todos os cômodos do andar principal, mas mesmo os que tiveram um vislumbre de nós dois correndo até o porão, não sabiam o que viam: sombras borradas, um truque de ótica.

A escuridão do porão não era problema para nós, e numa fração de segundo estávamos no depósito de carvão, atrás da fornalha. Arrombei a porta mínima que levava à entrada e saltei para fora, virando-me para estender a mão a meu irmão.

Foi quando senti a arma em meu pescoço.

Virei-me devagar e ergui as mãos. Uma pequena multidão dos mais refinados nova-iorquinos estava ali, junto com a maior parte do bairro, que viera ver a caçada humana. Damon e eu podíamos, com pouca dificuldade, ter dado cabo de todos. E parecia que meu irmão se coçava para entrar numa briga.

Balancei a cabeça, sussurrando.

— Vamos atrair mais atenção resistindo à prisão agora. — A verdade era que seria muito mais fácil escapar depois, quando não tivéssemos uma multidão boquiaberta diante de nós. Damon sabia disso tão bem quanto eu.

Damon soltou um suspiro teatral e saltou da calha, pousando elegantemente no chão.

Um policial avançou corajosamente — mas só depois que seus homens

tinham prendido nossos braços às costas e nos empurrado um pouco, informando-nos de quem estavam no comando.

— Os dois estão presos por roubo, homicídio e qualquer outra coisa que eu possa descobrir que os fará serem enforcados numa árvore na Washington Square pela morte dos Sutherland — disse o policial por entre os dentes quadrados e regulares.

Eles nos arrastaram para fora, empurrando mais do que o necessário. Com empurrões e um último chute, cada um de nós foi jogado na traseira de uma carroça e a porta foi batida atrás de nós.

— Eles eram boas pessoas — sibilou o delegado na cara de Damon, através das grades.

Damon meneou a cabeça.

— Já conheci melhores — cochichou para mim.

Pelas grades da carroça, vi a casa que chamei de lar na última semana. Margaret estava emoldurada pela porta, o cabelo preto destacando-se contra as luzes fortes da casa. Lágrimas escorriam por seu rosto enquanto ela dizia alguma coisa tão mansamente que até meus ouvidos sensíveis tiveram dificuldade para ouvir.

— Quem fez isso terá de pagar.

20

O Tribunal e Casa de Detenção de Nova York era uma estrutura de lajes de pedra que se erguia pesadamente da rua como uma velha lápide. O interior era uma imagem em cinza, com policiais de expressão severa e criminosos extenuados.

E nós.

Vampiros apanhados em um sistema humano por um crime sangrento que não cometeram. A perversidade de tudo isso era extraordinária, mas de nada servia para aliviar nossa presente situação.

Com nossas mãos amarradas às costas, um policial conduziu a mim e Damon por vários lances de uma escada de madeira gasta, entrando no gabinete do chefe de polícia. Ele dominava uma parte do pavimento maior. Desenhos de homens procurados forravam as paredes, o olho de um deles perfurado por um grande prego. O chefe de polícia em si era um veterano grisalho com uma barba preta basta, a não ser por onde ficava uma cicatriz em diagonal.

Ele olhou nossa folha corrida e soltou um assovio baixo.

— Toda a família Sutherland? Isto estará nos jornais esta noite.

Encolhi-me ao ouvir tal insensibilidade vinda dos lábios de um humano normal. Com que tipo de monstros eles lidavam para a morte de toda uma família não passar de mais um artigo de jornal?

— Não fomos nós — disse eu.

— Não, claro que não foram — disse o chefe bruscamente, passando um dedo pela cicatriz. — Ninguém que vem para cá fez alguma coisa. Mas são os tribunais que decidem, e todos têm o que merecem.

Fomos jogados sem nenhuma cerimônia numa cela maior do que toda a cadeia para uma pessoa em minha cidade, onde Jeremiah Black passou muitas noites dormindo em seu estupor de bêbado. Jamais esperava ver o interior de uma cela.

— *Não fomos nós* — gemeu Damon, imitando-me e meneando a cabeça assim que o guarda saiu. — Não daria para parecer mais ridículo?

— Que foi, tem medo de nos tomarem por maricas? — perguntei. — Preferia arreganhar as presas para ele?

Um riso áspero veio do canto da cela, onde outro prisioneiro estava sentado contra a parede. Seu cabelo recuava na testa em um V fundo e ele tinha os braços de um estivador.

— Belas roupas — disse ele com um rosnado malicioso, vendo nossos ternos formais e o rosto bem barbeado. — No que *vocês* se meteram, riquinhos?

— No assassinato de uma família — respondeu Damon sem pestanejar. — E você?

— Rachei a cabeça de sujeitos como você — respondeu ele com igual rapidez, estalando os nós dos dedos.

Ele deu impulso na direção de Damon, mas meu irmão levantou a mão e, mais rápido do que o olho humano, aparou o golpe e empurrou o homem contra a parede com um estalo alto.

O gigante não ruiu apenas, ele entrou em colapso, caindo em uma poça inconsciente a seus pés. Nenhum policial apareceu, e me perguntei se brigas em celas eram uma ocorrência comum.

Damon suspirou ao andar em torno do homem. Sentou-se no chão num momento de exaustão que era quase humano, quase como o velho irmão que eu costumava conhecer.

— Por que *sempre* terminamos trancafiados juntos?

— Bem, pelo menos desta vez você não passará fome — respondi secamente.

— Não mesmo. Nem pensar — disse Damon. Seus olhos avaliaram os policiais de pé do outro lado das grades, parando em cada pessoa. Depois ergueu a cabeça contra a parede e deu uma farejada na pintura que descascava. — E acho que há uma forte possibilidade de termos alguns ratos para você por aqui também.

Suspirei, deslizando pela parede e sentando-me ao lado dele. Não entendia este novo Damon. Suas oscilações de humor eram assustadoras. Num momento ele era o vampiro desalmado que matava sem remorsos, no outro era alguém que parecia meu velho companheiro de infância.

— Qual é o plano? — perguntei.

— Está olhando para ele — disse Damon, levantando-se e indicando o morto a nossos pés. — *Guarda!* Homem caído aqui.

Quando o guarda se aproximou e viu o corpo no chão, pareceu ficar irritado, mas não surpreso. O guarda não se inclinou para mais perto — sobrevivera por tempo suficiente para saber que não devia fazer isso. Mas estava bem próximo. Os olhos de Damon faiscaram.

— *Esqueça que estivemos aqui. Esqueça como somos. Esqueça que nos trouxeram, nosso nome e tudo sobre nós.*

— Nós quem? — perguntou o guarda, hipnotizado, mas lento para entender.

— O homem com quem eu vim — vociferou Damon, apontando para mim. O guarda assentiu levemente. — *Esqueça tudo sobre nós. E depois...*

mande os outros guardas, compreendeu?

O guarda voltou a seu posto, tonto no início. Depois tombou a cabeça de lado como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa. Foi a um dos guardas e apontou para a cela. Não para Damon, mas *através* dele. Era como se Damon não existisse mais em sua realidade.

— Menos um — murmurou Damon. Ele parecia tenso. Novamente, perguntei-me quantas pessoas ele realmente podia controlar de uma só vez.

O segundo guarda se aproximou. Tinha uma cicatriz no rosto que torcia um olho e batia o porrete ao andar. Mas, antes que Damon pudesse influenciá-lo, ele disse a última coisa que esperávamos.

— Seu advogado está aqui.

Olhei para meu irmão. Ele me olhou com igual surpresa. Ergueu uma sobrancelha, como se dissesse: *"Você arranjou isso de alguma maneira?"*

Balancei muito ligeiramente a cabeça. Damon endireitou os ombros enquanto ouvimos um som estridente e a porta da prisão se abriu. Um cheiro de ovos podres e morte encheu a sala no momento em que outro homem entrou — o advogado.

Ele era imenso. Maior do que o prisioneiro que Damon matara, com braços compridos e um peito enorme. Suas mãos eram monstruosas, com dedos grossos que se agarravam a uma pasta de couro.

Ele entrou na cela lentamente, com o passo cuidadoso de alguém ou algo grande e perigoso demais para seu ambiente, como o andar de uma pantera por uma jaula de circo mínima.

Suas roupas eram de um feitio estrangeiro, confortáveis, de linho e seda, permitindo que o corpo imenso se movimentasse facilmente sob suas dobras.

E os olhos...

Eram pequenos e azuis, mas não do azul-claro de meu irmão. Eram mosqueados, quase leitosos, e antigos demais para o resto do corpo,

movendo-se rápida mas erraticamente, como os de uma ave ou lagarto, mas com uma inteligência poderosa por trás deles.

Este homem não era humano.

Não parecia um vampiro, não exatamente. Mas havia algo pouco abaixo da superfície esperando uma oportunidade de explodir. O Poder que irradiava dele era maior do que qualquer coisa que eu tivesse presenciado. E meus instintos me diziam que, embora tivesse vindo sob os auspícios de ser nosso advogado, este homem não estava aqui para nos ajudar.

Ele nos avaliou e sorriu ligeiramente.

— Pode ir — disse ao guarda atrás dele. Sua voz não se elevou, mas reverberou baixo, de uma forma que chegava à extremidade de cada cela. Os guardas saíram rapidamente, com certo alívio no rosto.

Ficamos sozinhos com o brutamonte.

— Boa noite, cavalheiros — falou, sorrindo de um jeito que me deixou nauseado.

— Quem é você? — perguntou Damon, claramente tentando parecer entediado. Mas eu percebia o medo em sua voz.

— Quem sou eu? — repetiu o homem com um forte sotaque. — Ajudaria saber o nome de quem os matará? Não pareceu ser de nenhum conforto para suas esposas.

As palavras caíram como pedras no chão, pesadas e definitivas. O homem colocou despreocupadamente a mão gigantesca na grade.

— Você matou os Sutherland — sussurrei.

— Sim. — Ele sorriu e franziu os lábios. — Foi uma diversão.

— Você os esquartejou como bonecas de papel — falei, embora soubesse que ele também poderia me esquartejar e espalhar meus membros como as pétalas que forravam meu altar de casamento. — Você... *os dilacerou*.

— Jovem vampiro, deve conhecer a fome da besta — disse ele com um

sorriso que não era de diversão. — Existem outras fomes, por outras coisas, que depois de despertadas, não encontram descanso até que sejam saciadas.

O branco dos olhos do homem brilhou vermelho, e pairou um silêncio no ar, de um grande Poder sendo invocado. Eu praticamente sentia o cheiro do medo que saía em espirais largas de Damon.

Mas comecei a ficar furioso.

A raiva fervia em meu estômago e disparava por meu corpo. Este homem tinha chacinado uma família inocente e *gostado* disso. Era o que minha nova vida de vampiro significava — camadas e mais camadas de crueldade, e ainda mais horror e destruição, justo quando eu sentia que tinha chegado ao fundo do poço.

— Por quê? — perguntei, avançando o quanto as grades me permitiam. — O que eles fizeram a você?

— *Por quê?* — perguntou o homem. Ao se aproximar meros centímetros de meu rosto, fui tomado de um fedor enjoativo de sangue velho e decomposição. Era como se milhares de anos de morte e desmembramentos o seguissem, um troféu de cada cadáver pelo qual ele foi responsável.

— *Recompensa.* — Ele falou cada sílaba com cuidado.

— Recompensa? — repeti.

Ele arreganhou os dentes.

— Sim, recompensa. Por tomarem Katherine. E destruírem qualquer chance de romper a maldição.

Katherine? O que Katherine tinha a ver com tudo isso, com essa abominação diante de nós? Com os Sutherland? E que maldição?

Olhei para Damon. Ela sempre lhe contara mais detalhes sobre sua vida, sobre ser uma vampira. Mas meu irmão estava de olhos arregalados e boquiaberto como um peixe, ainda mais assombrado por ouvir o nome dela do que eu.

Pensei nas abençoadas semanas de ignorância que passei como seu escravo e amante, sem jamais imaginar que ela me levaria diretamente ao inferno.

O homem recuou alguns passos, incluindo Damon em seu olhar asqueroso.

— Sim, agora vocês entendem — disse ele, assentindo. Mas não entendíamos.

— Eu... — Damon começou a falar.

— *SILÊNCIO!* — rugiu o homem. De repente ele estava espremido contra as grades, com uma unha empretecida a centímetros do pescoço de Damon. — Atreve-se a negar?

Com uma circunspeção arrepiante, ele puxou uma barra de ferro como se fosse uma cortina. O metal guinchou. Em um lampejo de escuridão, tinha avançado e passado a mão gigantesca por nossos pescoços.

— Vocês tomaram Katherine. Eu tomo sua nova vida de vocês. Olho por olho, como vocês gostam de dizer. Certo?

— Eu... não sei do que está falando — falei, asfixiado.

O monstro jogou a cabeça para trás e riu.

— *Claro que não sabe*. — Ele voltou a cabeça, de repente fixando em mim os olhos, com um trejeito nos lábios. Não acreditava em mim. — Katherine *nunca* falou de Klaus?

Mesmo depois de sua morte, Katherine continuava a nos assombrar. Olhei para Damon. Ele tinha uma expressão de dor e mágoa. Sumiu num instante, mas por aquele segundo pensei ter visto meu antigo irmão. Ele estava chocado com o fato de Katherine, o amor de sua vida, ter se envolvido com uma criatura tão cruel quanto a que se postava diante de nós. Tive pena dele.

Espontaneamente, meia dúzia de imagens de Katherine vieram à minha mente. Seus olhos âmbar que atraíam a atenção. O cabelo preto e longo pendendo em ondas pelo pescoço, como se ela tivesse acabado de fazer algo

que pudesse tê-lo desgrenhado. A cintura mínima e o sorriso malicioso. Ela era irresistível. E Damon e eu não fomos os únicos a sentir seu poder de atração.

O homem apertou a mão em meu pescoço, e pude ouvir o gemido das vértebras. Num momento estaríamos no chão, o pescoço quebrado com a facilidade com que Damon matara o prisioneiro.

De repente eu estava livre. Damon caiu no chão a meu lado, também libertado do aperto de pedra que o mantinha de pé.

Do lado de fora da cela, o monstro sorriu cruelmente.

— Verei vocês dois mais tarde — prometeu.

Então, quase como se pensasse melhor, ele usou um dedo delicado para recolocar a barra de volta no lugar.

— E lembrem-se, sempre estou vigiando.

21

Damon e eu continuamos na cela por vários minutos depois de o homem sair, aturdidos demais para sequer pensar em fugir. Os guardas não voltaram com as chaves. Eu não os culpava.

Praguejei, batendo na grade. Parecia que não importava o que decidíssemos fazer, para que lado nos virássemos, as coisas piorariam. E os Sutherland... Eles foram apenas espectadores inocentes, levados ao caminho da destruição só porque estavam no lugar errado e na hora errada. Embora meu irmão não tenha causado ativamente suas mortes, ele não era menos responsável. Virei-me para ele, pronto para dilacerá-lo.

E vi sua expressão.

Os olhos de Damon estavam vidrados, e ele se recostava na parede para se apoiar. Estava com a mesma expressão esgotada de semanas depois de ter despertado como vampiro e descoberto que Katherine estava morta.

— O que foi aquilo? — sussurrou, finalmente me olhando.

Mas eu não sabia o que era *aquilo*. Só o que sabia era que *aquilo* era mais poderoso, mais perigoso, mais mortal do que qualquer criatura que eu tenha encontrado. A raiva de meu irmão se esgotou, transformando-se em algo parecido com a exaustão.

— Não sei bem, mas acho que ele me deixou um recado — disse eu, lembrando-me do rabisco de sangue na lateral da casa dos Sutherland. — Mas

e Katherine? O que ele *era* para ela?

Damon deu de ombros.

— Não sei. Ela nunca me falou dessa... coisa.

— Ele disse que a *tomamos dele*. Que diabos quis dizer com isso? De que *maldição* ele estava falando? Emily lançou algum feitiço sobre alguém? — Comecei a andar de um lado para outro com a mente em disparada.

— Acho que significa que ele acredita que a matamos. E você a *matou*, mano — disse Damon.

Num instante, Damon se sentou, esticou as pernas e colocou as mãos na nuca, apoiando a cabeça contra a pedra. Eu não conseguiria mais respostas dele.

Deslizei contra as grades e enterrei a cabeça nas mãos, pensando em meu tempo com Katherine. Será que ela um dia disse algo sobre seu passado? Deixou escapar alguma coisa? Mas eu estava tão inteiramente sob seu feitiço que era impossível saber o que era real e o que ela me influenciara a acreditar. Embora me lembrasse de mordê-la, eu não me recordo de Katherine me alimentar com seu sangue. Mas ela deve ter feito isso com frequência, porque eu tinha o suficiente de seu sangue em meu sistema para me transformar em vampiro assim que meu pai atirou em mim. De uma forma estranha, Katherine tinha me *feito*. Éramos quase filhos dela.

Minha mente empacava.

— Alguma vez Katherine lhe contou sobre seu criador? — perguntei, colocando em palavras uma ideia terrível que se formava em minha mente. — O vampiro que a fez?

Damon me olhou, arrancado de seu amuo.

— Acha que...?

Assenti.

Damon se recostou e bateu a cabeça na parede. Ele era verdadeiramente

apaixonado por Katherine. Perguntei-me se conhecer o criador de Katherine fazia com que nosso pequeno encontro em Mystic Falls parecesse um pontinho na vastidão da eternidade.

— Creio que devemos chamar um guarda e influenciá-lo a nos libertar — disse eu, cansado.

Uma comoção no saguão nos deteve. Ouvimos baques abafados, de corpos caindo no chão.

Houve um grito. Era agudo e difícil de saber se vinha de uma mulher ou de um homem, de tão forte a dor. Depois veio o som de uma mesa sendo arrastada e o que pode ter sido uma cadeira espatifada na parede.

Levantei-me. Damon também.

Nos olhamos. O relógio de bolso que Winfield me dera bateu alto no silêncio repentino.

A porta se abriu novamente, e entrou uma mulher com calças de homem e suspensórios pretos, com uma longa trança loura sobre o ombro.

— Lexi! — arquejei.

— Estou ficando cansada de tirar vocês da prisão, rapazes — disse ela ao agitar a chave para nós. — Eu devia deixar que passassem a noite aqui, para lhes ensinar a não criar problemas — brincou.

Estendi o braço pela grade para pegar sua mão livre.

— Nunca fiquei tão feliz por ver alguém.

— Não duvido disso — disse Lexi secamente, mas um leve sorriso curvava as pontas de seus lábios.

Damon revirou os olhos.

— Estávamos prestes a nos libertar sozinhos, muito obrigado.

— Também não duvido disso. Mas imaginei que podia apressar a fuga — disse ela. Seu nariz se torceu, e o tom insípido indicava que ela não aprovava inteiramente a presença de meu irmão. Da última vez que Lexi o vira, Damon

tinha acabado de matar Callie e avançava para mim.

— Então você eliminou todo o distrito? — perguntou Damon, endireitando os ombros do paletó.

Lexi abriu a última tranca da porta. A porta se escancarou e corri para abraçá-la.

— Não, só alguns. O resto influenciei. Alguns de nós não gostamos de violência desnecessária... Ou uma sujeira que precise ser explicada depois. — Ela falou com a cabeça em meu ombro. Soltei-a, e ela nos levou para a porta. — Agora vamos sair daqui antes que apareça mais alguém.

— Eu sempre cubro meus rastros — disse Damon na defensiva enquanto corríamos pela porta da área de detenção e chegávamos às salas da frente. Vários policiais estavam em suas mesas, vendo os registros, distraídos do fato de dois prisioneiros escaparem e do estado geral de desordem. Mesas foram empurradas de lado entre os restos lascados do que antes fora uma cadeira, e o homem que estivera sentado prostrava-se no chão com um filete de sangue saindo da cabeça. Mas seus olhos estavam abertos e ele parecia sussurrar uma palavra repetidas vezes.

— Este aí tem força de vontade — disse Lexi.

— Como conseguiu nos encontrar? — perguntei, seguindo-a pela escada.

— Um conde italiano misterioso de cabelos pretos, olhos azuis, gosto por aparições teatrais na cena social de Nova York e que muito rapidamente se casa com a garota mais desejada da sociedade? — indagou ela, revirando os olhos. — Publicaram sua foto nas colunas sociais.

Damon pelo menos teve a elegância de aparentar timidez.

— *Eu sempre cubro meus rastros* — ela o imitou. — Há muitas maneiras de viver na riqueza e no poder como vampiro... E nenhuma delas envolve *aparições na cena social de Nova York...*

— ...e se casar com a garota mais desejada da sociedade. Está certo —

concordou Damon. — Mas pelo menos eu tive estilo.

Saímos da prisão, e o ar frio da noite me banhou. As estrelas começavam a bruxulear no céu noturno e os lampiões a gás lançavam um brilho quente na rua. Era uma linda noite, da qual Bridget, Lydia, Winfield e a sra. Sutherland nunca mais desfrutariam — tudo por minha causa, de Damon e de Katherine.

Só viera para Nova York a fim de fugir. Fugir de Damon, das lembranças de Callie, de vampiros, de Mystic Falls, de Katherine... No entanto, tudo isso ainda me seguia como uma sombra agourenta. Eu sabia que nunca escaparia de meu passado, não inteiramente. Tais coisas sombrias não desbotam com o tempo — elas reverberam pelos séculos.

Eu só podia esperar que Margaret estivesse segura em algum lugar, longe da besta do inferno que matou violentamente toda sua família.

22

Depois de nos afastarmos várias quadras do departamento de polícia, paramos na sombra de um bordo sem folhas.

— Bem, obrigado pelo resgate... Mas eu acabaria fazendo isso sozinho — disse Damon. — E agora, acho que estou pronto para uma bebida. *Adieu, mes amis*. — Ele nos saudou e, girando nos calcanhares, desapareceu na noite.

— Bons ventos o levem — murmurou Lexi.

— E agora? — perguntei.

— Você ouviu o homem. Vamos beber alguma coisa — disse ela, sorrindo, e colocou o braço no meu. Andei com Lexi, mas era estranho, de certo modo, ser capaz de continuar com minha existência tão despreocupadamente sabendo que os Sutherland tinham sido assassinados, e em parte por minha culpa. O que eu diria a Margaret? Ela merecia saber alguma verdade, apesar não haver justiça para o fato. Criaturas como a que matou sua família não sofrem as consequências de seus atos. A vida humana era muito mais curta do que a de vampiros, mas isso não os tornava menos valiosos. Na realidade, graças a isto sua vida era mais preciosa.

— Então, ponha-me a par de tudo — disse ela, apertando meu braço e puxando-me de meus pensamentos sombrios. — O que andou fazendo desde que saiu de nossa linda cidade?

— Eu me casei hoje — respondi.

Seus olhos se arregalaram.

— Ora, eu preciso *mesmo* de uma bebida — declarou. — Stefan Salvatore, você ainda vai me matar. Soube de um lugar novo e adorável que recebe a vodca diretamente de São Petersburgo e a resfria em uma linda garrafinha de gelo...

Ela tagarelava, levando-me pelo que eu pensava ser a *minha* cidade, mas Nova York com Lexi era inteiramente diferente. Enquanto eu estava preso às sombras e vielas escuras, Lexi sabia andar pela vida noturna cintilante. Logo chegamos ao que parecia um elegante clube privativo. Tapetes vermelhos e grossos cobriam cada centímetro quadrado do piso, e laca vermelha, dourada e preta cobria tudo o mais, inclusive um entalhe gigantesco de um pássaro de fogo pendurado no teto.

Um maître apareceu e, depois de olhar para Lexi, conduziu-nos à mesa mais extravagante. Havia almofadas de veludo e fios de ouro com muitas franjas que as tornavam perfeitamente confortáveis. Os acordes de um piano se infiltravam da sala ao lado, e compreendi por que ela escolhera este bar — Lexi sempre pedia a Hugo, membro de sua família de vampiros em Nova Orleans, para tocar piano para ela.

— *Casado?* — disse assim que nos sentamos e ela pediu algo para nós.

A imagem dos corpos ensanguentados dos Sutherland ardeu em minha visão por um momento.

— Como soube realmente onde eu estava? — perguntei, mudando de assunto. As notícias não viajavam com tanta rapidez, a não ser que se tratasse da guerra. Ela ainda deve ter levado pelo menos uma semana para vir da Louisiana a Nova York, seja por trem ou na velocidade de vampira.

— Coloquei alguns amigos para seguir Damon. Estava preocupada com você — admitiu Lexi com uma expressão tímida. — Sei que você pode se cuidar, mas Damon é perigoso, Stefan, e não quero que nada aconteça a você.

O garçom veio com nossas bebidas. Como prometida, a garrafa era envolvida por um bloco de gelo azulado com flores e ervas por dentro, frescas como no dia em que foram congeladas. Não pude deixar de tocar com a ponta do dedo em um botão que estava perto da superfície, sentindo a ponta de gelo que o separava de minha pele. O calor humano teria derretido o gelo. A carne do vampiro era mais fria, mantida em estado semelhante de perfeição congelada e perpétua.

O garçom serviu uma dose para cada um em copinhos entalhados de malaquita verde.

Coloquei a mão na de Lexi.

— Obrigado, Lexi. Por tudo o que fez. Não tenho como retribuir.

— Não, não tem — disse ela animadamente. — Mas pode começar me contando *tudo*. Como eu havia dito: *casado?*

Então contei: de minha descoberta de Bridget, de ser induzido a entrar na casa dos Sutherland, e dos planos insanos de Damon. Ela riu e arquejou em cada detalhe. Acho que, da perspectiva de uma vampira de fora e particularmente muito mais velha, as maquinações de Damon eram comparativamente moderadas.

— Ai, ai, meu Deus — disse ela, incapaz de parar de rir. — Um *casamento duplo*? Você e Damon juntos? E ninguém jantou a florista? — Ela acenou para o garçom trazer outra garrafa de vodca. — Ah, como eu *queria* estar lá. Stefan! Não esperava isso de você...

Eu sorri, querendo poder ficar sentado ali, vendo-a rir. Mas precisava terminar a história.

— Tem certeza de que *não* foi Damon? — perguntou ela em voz baixa quando lhe contei dos assassinatos dos Sutherland.

— Há muita coisa que não posso prever nele — admiti. — Eu não sabia que ele havia me seguido até o fim do mundo só para tornar minha vida

infeliz... Mesmo depois de ele ter matado Callie. Mas tenho certeza de que ele não tem nada a ver com a carnificina... Ele ficou tão surpreso quanto eu. E não é de esconder seus atos cruéis. Além disso, até Margaret acreditou nele e aparentemente ela tem um sexto sentido para essas coisas.

— Nova York não é exatamente o fim do mundo — disse ela, mas desta vez não havia humor em sua voz. — Mas é uma estranha coincidência que outro monstro tenha posto os olhos na mesma família que você.

— Não foi coincidência.

Lexi empalideceu quando contei o que disse o advogado. Um olhar que nunca vi cruzou seu rosto bonito — um olhar de pavor.

— Descreva-o para mim — ordenou.

— Era imenso. Louro, olhos azuis. Parecia mais velho do que o tempo — disse eu, lutando para expressar a ameaça ancestral que senti. — Maligno. Pura escuridão irradiava dele.

— Ele... tem sotaque? — perguntou ela, hesitante, como se já soubesse da resposta.

— Sim. Pensei que só fazia parte do que ele fosse. Mas pode ser polonês ou russo. Ele disse alguma coisa sobre alguém chamado Klaus.

Lexi bateu o pé por baixo da mesa e virou a cara.

— Que foi, Lexi? — perguntei. Eu precisava saber. Se ele seria meu carrasco, se foi ele quem matou os Sutherland, eu tinha de saber.

— Ele falou em Klaus? — perguntou Lexi, mais para o copo do que para mim. — Todo mundo sabe dele. Foi um dos primeiros vampiros.

Um silêncio pareceu descer sobre o restaurante, e os lampiões a gás bruxulearam. Cerrei a mão no copo de vodca.

— Ele descende diretamente do Inferno. Qualquer bondade, qualquer senso moral, qualquer coisa que impede que você e eu... e até Damon... tornemo-nos um monstro completamente pervertido e delirante de puro

mal... Nada disso está presente nele. Não há nada de humano nele. Ele tem adeptos, outros dos antigos, para cumprir suas ordens. Ninguém jamais viu Klaus... Ou pelo menos viveu para contar!

Digeri essas informações terríveis com a mão em volta do copo.

— Essa... coisa disse que tomamos *Katherine*.

Lexi ficou lívida.

— Se ela era importante para Klaus e ele acredita que você e seu irmão são responsáveis pelo que houve com ela, vocês estão com sérios problemas.

— Ele falou numa maldição. Sabe do que ele estava falando?

Lexi tamborilou os dedos na mesa com a testa franzida.

— Maldição. Muitos vampiros consideram ser confinados a vagar pela noite uma maldição, mas não sei o que Katherine tem a ver com isso.

— Acha que ele... ele a transformou em vampira? — perguntei.

— Isso é irrelevante — disse Lexi. — Não interessa por que ou como ele se importa com ela... Só o fato de que se importa. Você deve se preocupar com seu próprio destino.

Passei as mãos no cabelo, frustrado. Mais uma vez, Katherine encontrara um meio de se intrometer em minha vida e criar o caos. Embora eu me sentisse culpado pelo que aconteceu com Katherine, ainda a culpava por destruir minha família, por transformar minha vida na confusão em que se encontrava agora.

Ela não passava de uma egoísta. Brincou comigo e com Damon, quando ele se apaixonou por ela e eu... bem, estava caindo de desejo por ela, e nem uma vez pensou nos possíveis perigos para nós. Que morreríamos, que nossa fraternidade seria rompida irreparavelmente, que o criador dela um dia a alcançaria, decidido a se vingar.

— Preciso me livrar dele — falei.

Lexi meneou a cabeça.

— Você não se "livra" de nada que seja antigo e poderoso, meu rapaz. Você é só um bebê... E, sobretudo, sua dieta de roedores e aves não o deixa exatamente forte. Nem você e seu irmão, trabalhando juntos, conseguiriam derrotá-lo. *Eu* não conseguiria derrubá-lo.

— Bem, e o que eu faço? — perguntei, a voz assumindo um tom duro e decidido. Eu simplesmente permitira que tudo que surgia em minha vida me controlasse: Damon e seus planos idiotas, casar-me... Já era hora de agir.

Lexi esfregou as têmporas.

— O máximo que pode conseguir por ora é antecipar os planos dele... E evitá-los. Você vai precisar viver por tempo suficiente para entender um modo de eliminar esse antigo, antes que ele tenha a chance de contar a Klaus onde você está.

Assenti, pensando.

— Precisamos voltar à mansão.

Lexi abriu a boca, mas ergui a mão.

— Eu sei... mas talvez ele tenha deixado alguma coisa para trás.

Lexi cerrou o queixo.

— Irei com você. Meus sentidos são mais refinados do que os seus.

— Não precisa ter sentidos refinados para captar o cheiro do Inferno — disse a ela —, mas agradeço pela ajuda.

23

Pegamos um coche que ia para a zona residencial — Lexi me disse que eu precisava poupar minhas forças para o que viesse — e saímos sem nos incomodar em pagar. A vida era assim para alguém como Lexi, poderosa e simples em seus desejos e vontades. Ela não precisava de nenhum plano louco e complicado para acumular riqueza. Podia influenciar alguém a fazer o que ela quisesse e tornar a vida incrivelmente tranquila.

Era tentador, especialmente o aspecto da não violência. Ninguém se feria em nenhuma de suas atividades, a não ser financeiramente.

Lexi deve ter lido meus pensamentos, porque sorriu e mexeu as sobrancelhas.

— Devia ficar comigo, meu amigo. A vida pode ser doce, e não uma maldição — propôs ela.

Meneei a cabeça, sorrindo.

— Obrigado, mas, como você mesma disse, tenho meu próprio caminho.

Quando chegamos à mansão dos Sutherland, as janelas estavam escuras e já cobertas de crepe preto. Na estranha meia-luz do amanhecer, o orvalho cintilava sinistramente no tecido fosco. A casa tinha um cordão de isolamento.

Forcei gentilmente a tranca. Nem Lexi nem eu fizemos nenhum ruído até entrarmos na sala de estar, quando ela arquejou.

Os legistas tinham retirado os corpos, mas não fizeram limpeza nenhuma. A grande quantidade de sangue dos corpos dilacerados tinha pingado no tapete e manchava o piso de mármore por baixo. Manchas escuras de sangue seco cobriam as paredes, combinando com o crepe do lado de fora.

— Meu deus — sussurrou Lexi. — Ele os *massacrou*.

Joguei-me numa cadeira, dominado de culpa. Não fazia muito tempo que eu encontrara a família ali, os corpos ainda quentes com a vida se esvaindo rapidamente. Voltei cada vez mais em meus pensamentos, lembrando-me das coisas que fiz de errado, tudo que levou a este triste clímax.

Se eu não tivesse fugido da recepção...

Se tivesse continuado com meus planos, para começar...

Se não tivesse salvado Bridget...

Se não tivesse fugido para Nova York...

Se não tivesse feito Damon beber para completar sua transformação...

— É minha culpa — gemi.

Coloquei a cabeça entre as mãos. A trilha de sangue e morte que nem era meu legado seguia-me como uma maldição.

— Não, é de Damon — corrigiu Lexi de pronto. — E de Klaus.

— Eu nunca deveria ter vindo para cá... Deveria ter ficado o mais distante possível dos humanos.

— Ei. — Lexi se aproximou de mim, ajoelhando-se e olhando meu rosto. Pôs a mão sob meu queixo, obrigando-me a olhar para ela. — Não foi *você* quem fez isso. Foi Klaus... Ele ordenou. E *você* não tinha a intenção de se casar nesta família. Foi ideia de Damon. Você mesmo me disse... Ele ameaçou matar um salão cheio de gente se não aquiescesse. *Eu teria* matado *Damon* àquela altura, mas ele não é meu irmão.

Olhei em seus olhos escuros.

— Eu fiz tanta coisa errada.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Você cometeu erros no passado, e dos grandes. Mas sabe disso e faz o que pode para corrigi-los, ou pelo menos evitá-los no futuro. Por isso estou aqui, Stefan. Você é digno de ser salvo.

Uma dor que nada tinha a ver com a sede fez minha garganta doer.

— Lexi, por favor...

— Posso ver em seu coração, Stefan — disse ela suavemente. — Eu não apareci do nada para salvar um vampiro *qualquer*. Você é diferente. E um dia, talvez, saiba disto. E parte de sua maldição estará acabada.

Ela se curvou para a frente e deu um beijo em meu rosto. Senti o leve palpitar de seus cílios quando ela fechou os olhos contra minha bochecha.

— Vamos — disse ela, recuando e pegando-me sob o queixo. — Temos um trabalho a fazer. Vou dar uma olhada por aqui. Pegue suas coisas que a polícia não confiscou. Acho que vai se mudar desta cidade por um tempo.

Entre um fôlego e outro, entre um truque da luz e a mais funda sombra, ela mudou. Agora a Lexi animada e amistosa tinha os olhos injetados e veias escuras em volta do rosto. As presas cintilavam na pouca luz do ambiente. Estava em modo total de predadora, caçando o mais leve sinal de um vampiro. Embora fosse apenas uma versão mais velha do que eu era, vê-la daquele jeito provocou um arrepio por meu corpo. À espreita, pouco abaixo de sua pele, o monstro sempre estava pronto para sair.

Com o coração pesado, subi a escadaria de madeira escura. Não havia necessidade de fazer silêncio completo; os poucos criados que continuavam ali estavam em seus aposentos numa ala distante, longe da morte e da sujeira. Eu ouvia suas vozes altas, as discussões de perspectivas e de outras casas — tentativas desesperadas de se defender da escuridão que seus empregadores lançaram sobre eles tão subitamente.

Perguntei-me o que Margaret estaria fazendo, jurando contar a ela sobre

Klaus e sua vendeta. Ela provavelmente estava em sua casa com o marido, pranteando as irmãs e os pais. O que era mais difícil? Estar morto ou viver com a lembrança dos mortos? Como vampiro, eu nunca conheceria a primeira situação, mas sempre experimentava a última.

Logo cheguei a meu quarto, onde uma noite antes Bridget tinha se jogado em mim. Senti vestígios do perfume de violeta com que ela se banhou. Infiltrou-se em meus travesseiros e nos lençóis. Tão mais infantil do que o cheiro de Katherine, a sutil mescla complicada e sedutora de cítrico e especiarias...

Peguei uma valise — outro presente de Winfield, planejando nossa lua de mel, suponho — e nela joguei as poucas coisas que considerava minhas. Antigas roupas, algumas mudas a mais, meu diário. Abri numa página antiga onde escrevera sobre Katherine.

8 de setembro de 1864

Ela não é o que parece. Deveria eu me surpreender? Apavorar-me? Magoar-me?

É como se tudo que sei, tudo que aprendi, tudo em que acreditei nos meus 17 anos estivesse errado.

Ainda sinto onde ela me beijou, onde seus dedos seguraram minhas mãos. Ainda anseio por ela e, no entanto, a voz da razão grita nos meus ouvidos: não pode amar uma vampira!

Se eu tivesse uma de suas margaridas, arrancaria as pétalas e deixaria que a flor escolhesse por mim. Bem me quer... Mal me quer... Bem...

Eu a amo.

Amo. Independentemente das consequências.

É isso seguir seu coração? Queria ter um mapa ou uma bússola que me ajudasse a encontrar meu rumo. Mas ela tem meu coração, e este, acima de tudo, é minha estrela Polar... Isso terá de bastar.

Fechei o livro, torcendo o lábio para minha tolice. No térreo estava a realidade presente, e pensar no passado não me ajudava em nada. Joguei o livro na valise e desci.

Mas, em vez de encontrar Lexi ali para me receber, havia o vazio e um cheiro conhecido e horrível.

De morte e decomposição.

Uma leve brisa assoviou pela madeira quebrada; a porta dos fundos ficara aberta. Estremeci a contragosto. O silêncio e a ausência de Lexi uivavam como um demônio.

Uma única folha de papel, do tamanho de um bilhete de trem, agitava-se no chão. Peguei-a, sentindo o pavor formigar em minha pele.

Só o que dizia era: PAGAMENTO NÚMERO DOIS — LUCIUS.

24

13 de novembro de 1864

Estou amaldiçoado. Agora é evidente. Talvez seja isso que signifique ser um vampiro. Talvez a tragédia e o mal venham com a fome e os caninos; não é apenas precisar viver de sangue humano. É a solidão sem fim, ser desligado da vida real e de qualquer relação verdadeira. A morte sempre estará presente para separar-me dos que amei.

Há uma lista de nomes em minha mente e ela cresce a cada dia. Rosalyn foi a primeira a morrer por minha causa. Katherine não suportou que eu noivasse e matou a menina. Até o sangue de Katherine estava em minhas mãos. Embora ela tenha entrado em minha vida e na de meu irmão e a virado de cabeça para baixo, ela morreu como resultado de meus atos. Eu jamais deveria ter tentado argumentar com meu pai, tentado convencê-lo de um ponto de vista diferente. Assim que ele me confidenciou sobre a caça aos vampiros, eu devia ter feito de tudo para tirar Katherine da cidade.

Pearl. Ela também podia ter escapado. Não sei exatamente qual era sua história, mas ela parecia mais pacífica do que Katherine.

Alice, a garçonete.

Todos os humanos de que me alimentei em Nova Orleans.

Demais para nomear, mesmo que eu tivesse me incomodado em saber seus nomes. Era só uma gente sem sorte que por acaso cruzou meu caminho quando eu estava com fome ou precisava de alguma coisa.

Callie. Ela morreu porque eu fui estúpido de pensar que ela seria recompensada por ajudar dois vampiros.

Os Sutherland.

Bridget, Lydia, a sra. Sutherland e Winfield. Uma família normal que por acaso chamou a atenção de um vampiro insano e vingativo.

E agora Lexi. Lexi devia ter ficado em Nova Orleans em seu hotel de mortos-vivos, segura em seu próprio mundo, onde podia continuar sua versão de fazer o bem.

Ela será a próxima a morrer, a não ser que eu descubra como salvá-la.

Fiquei tempo demais em Nova York lamentando meu destino, deprimido, sentindo-me maldito. Nessa indolência, estático e queixando-me, deixo que o mal ocorra a minha volta. Agora é hora de agir, por justiça. Devo canalizar minha solidão e desespero em fúria. Devo deixar de ser um covarde, como sempre fui nas duas vidas: quando permiti que meu pai me intimidasse a um casamento que eu não queria, e na morte, quando permiti que Damon me torturasse e matasse os que amei.

Nunca mais permitirei que outros me curvem a sua vontade. A partir de agora, eu lutarei.

E libertarei Lexi, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Amassei o papel, rosnando de raiva. *Como ele a pegou?* Não ouvi nada, nem com meus sentidos de vampiro. Os criados, os poucos camundongos e

ratos nas paredes, nada mais. O vampiro Lucius entrou em completo silêncio e conseguiu pegar — ou incapacitar — Lexi antes que ela conseguisse gritar. Que velocidade, que Poder devia ter!

Mas, apesar de toda a antiguidade do vampiro, apesar de ele ser "descendente direto do Inferno", apesar do monstro que era, com uma única folha de papel ele revelou uma fraqueza muito humana sobre si. Tinha uma necessidade mesquinha de *se gabar*. Se Damon estivesse no lugar dele, eu teria descido e visto Lexi morta no chão. Mas o outro queria que eu soubesse que todos a minha volta corriam perigo, queria me assustar antes de me matar.

Agora só havia uma coisa em minha mente. Se Lexi ainda estivesse viva, era meu dever ir atrás dela e salvá-la. E, se não estivesse... era um direito meu e seria um prazer matar o soldado de Klaus. Isto eu jurava.

O que ele disse mesmo na prisão? *Olho por olho*. Ele tirou algo de valor de mim e de Damon, nossas esposas e sua família, porque nós tiramos Katherine dele. Mas os Sutherland eram humanos, sem importância e muito facilmente descartáveis. Sua amada Katherine morreu no incêndio de uma igreja.

E se...

E se ele pretende matar Lexi da mesma maneira?

De repente, senti que tinha uma chance novamente. Mas que igreja? Havia centenas na cidade.

Corri para fora. O cheiro de decomposição pendia pesado no ar, como se Lucius tivesse involuntariamente deixado um rastro para mim. Segui-o em direção ao sul, sentindo que ganhava forças a cada passo que me levava para mais perto de onde Lexi poderia estar — e para perto de quem eu *deveria* estar. Tentei ficar longe de humanos e não deu certo. Tentei viver com eles, mas os resultados foram desastrosos. No entanto, nunca tentei um caminho mais moderado. Eu nunca seria humano, mas podia ajudá-los como ajudei Bridget na noite do parque. Eu jamais poderia viver entre humanos, mas

poderia encontrar companhia em meio a humanos como a sra. Sutherland e vampiros como Lexi. Aqueles laços amarravam-me a este mundo e me mantinham honesto.

Passei correndo por uma casa de tijolos e peguei um pombo em pleno voo, rasgando seu pescoço para ter mais combustível. O fedor agora era mais forte, e vi uma igreja católica irlandesa a poucas ruas dali. Eu sabia que as pessoas se preocupavam que esta estrutura fosse incendiada, como aconteceu com outras durante os tumultos religiosos na Pensilvânia. Mas o lugar estava em silêncio, com várias idosas sentadas nos bancos da frente e, estranhamente, sem o cheiro de decomposição que permeava o ar do lado de fora. Não havia odor nenhum além das velas e do incenso queimando no altar.

Joguei-me num banco de trás e olhei o complúvio rosado. A cena retratava uma Maria pranteando em azul lápis-lazúli enquanto o sol, de um vermelho-granada gigantesco, subia atrás dela. Fechei os olhos e pensei, intensamente. Por que Lucius me deixou seu cheiro? Estaria eu errado em supor que ele queria me atrair, de modo que eu pudesse chegar à igreja certa quando ele estivesse riscando o fósforo no barril de pólvora? Que igreja ele escolheria — e por quê?

Então entendi: eu estava sendo idiota. O vampiro planejou tudo em detalhes e descobriu exatamente onde morava a família de minha noiva; não teria escolhido uma igreja qualquer para incendiar. *Teria escolhido a capela em que me casei*.

Eu sabia desta verdade no fundo de meus ossos. Mas, do mesmo modo, sabia que não podia ir atrás dele sozinho. E só havia uma pessoa capaz de me ajudar.

Damon.

Damon, que me prendeu no casamento estúpido que acabou por matar todos os Sutherland. Damon, que matou Callie. Damon, que jurou que faria

de minha vida um inferno por toda a eternidade. Mas no fim eu precisava dele. Eu o vira controlar seus poderes de um jeito que eu não conseguia. E eu precisaria de todo Poder que conseguisse a meu lado se quisesse encontrar um meio de derrotar um antigo. Lexi nos resgatara da prisão, e mesmo alguém tão degradado e sem grandeza como Damon reconheceria que devia a ela.

O único problema era encontrá-lo.

E agora, acho que estou pronto para uma bebida, foi o que ele disse. Para a maioria dos vampiros, isso significava apenas uma coisa. Para meu irmão, bem, ele podia tranquilamente tanto se referir a beber de uma garrafa como secar uma ou duas pessoas. Mas onde?

Nas semanas antes de me seguir até Nova York e me "encontrar" no baile dos Chester, Damon, como disse Lexi, fizera aparições na cena social de Nova York como um conde italiano. Deve ter convencido — ou influenciado — a liberarem sua entrada em vários clubes privativos ou restaurantes. Concentrei-me, tentando me lembrar da tagarelice com que Bridget me entediara sobre quem foi visto onde e com quem, e onde era o mais novo lugar para ir, que havia um bar de frutos do mar que servia Pimm's Cup genuíno, como na Inglaterra. Por falta de ideia melhor, fui até lá primeiro.

Era um lugar adorável em uma área insalubre no porto sul. Marinheiros de aparência duvidosa vagavam de uma poça de luz a outra na rua, reunidos em dois ou três para discutir em voz baixa o lado mais decadente da importação e exportação, rindo alto e cantando velhas canções de bêbados. Em meio a toda essa podridão marinha, porém, condutores bem vestidos e coches decorados estavam estacionados: homens da sociedade atraídos pelas ostras, pelo Pimm's Cup e pelo aspecto perigoso do lugar.

Dentro dele havia alguns jovens que eu vira no baile dos Chester, bem como em meu próprio casamento. Até Bram estava ali, mas encontrava-se

sozinho e parecia doente. Seu rosto estava lívido e os olhos fundos, e ele tinha fitas pretas nas mangas, de luto. Sua bebida estava intocada e ele olhava tristemente o rio pelas janelas.

Dei-lhe as costas, sem querer que ele gritasse que um assassino — como sem dúvida pensava que eu era — estava em seu meio.

Acenei para a estalajadeira se aproximar.

— Pode me informar se D... errr, o conde DeSangue esteve aqui esta noite? — perguntei.

A menina me olhou de cima a baixo, com a cara vermelha de excitação.

— Com ele acusado de assassinato, este ser o lugar preferido dele e eu ser sua garota preferida, que diabos me faria lhe dizer uma coisa dessas?

Percebi, pelo cachecol grosso que ela usava no pescoço, que ela não estava apenas se protegendo do ar frio da noite — definitivamente fora uma das visitas de Damon.

Comecei a procurar trocados no bolso. Ela viu o que eu pretendia e meneou a cabeça.

— De maneira nenhuma, amor. Não por Damon.

— Não sabe quem ele é, ou no que você se envolveu — rosnei, pegando-a pelo pulso. Sua expressão ficou abatida e ela tentou se livrar de meu aperto. — *Escute-me*. Sou Stefan Salvatore... O outro homem acusado de assassinar os Sutherland. Nenhum de nós fez isso, está bem? Estamos *os dois* fugindo da polícia. *Agora me diga onde ele está*.

Eu não a influenciei. Não a ameacei *exatamente*. Mas ela assentiu, muda, e relaxei o aperto.

— Eu não sei — disse ela, esfregando o pulso. — Sei que ele gostava de beber em um desses lugares elegantes, como o Skinny Black Cat e o Xerxes' Repose. Até tinha a própria mesa no clube Twenty-Two.

Neste momento, apareceu uma garçonete.

— Está falando do conde? — perguntou, com um sorriso excitado se abrindo no rosto.

Suspirei.

— Sim.

— Bem, uma vez ele me levou ao Strange Fruit, a algumas quadras daqui.

— Ele a levou em um *encontro*? — perguntou a estalajadeira com uma inveja evidente na voz. A garçonete assentiu, orgulhosa.

— Obrigado — falei, e estava de fato agradecido. A esta altura, Lexi ou Damon teriam influenciado a mulher a se esquecer de mim. Suspirei, pensando no quanto a vida seria mais fácil se meus Poderes fossem mais fortes e minha vontade, mais fraca.

Olhei o relógio de bolso. Eram cinco da manhã; uma hora se passara desde que Lexi e eu entramos na mansão. O tempo corria rápido demais para meu gosto e cada minuto parecia selar mais completamente o destino de Lexi.

Segundos depois eu estava à porta do Strange Fruit, um bar grande, baixo e escuro, com ventiladores imensos de madeira girando lentamente no alto. Os marinheiros que não conseguiram entrar no bar de ostras estavam ali, junto com todo tipo de personagem sombrio, alma perdida e gênios do crime que conseguiam ficar deste lado da lei.

Damon sentava-se a uma pequena mesa frágil, sozinho, em mangas de camisa e com uma garrafa de uísque pela metade diante dele.

— Cuidando das feridas? — perguntei, aproximando-me. Ele nem se deu ao trabalho de demonstrar surpresa.

— Um contratempo menor, mano. Não se esqueça de que tenho aqueles cheques do dote. Assim que as coisas se aquietarem um pouco, e vão se aquietar, saio desta cidade.

— Duvido que algum banco vá pagar um cheque a um suspeito de homicídio.

— Você precisa parar de pensar como humano e começar a pensar como vampiro. Não há caixa de banco que eu não possa influenciar.

Ele se espreguiçou languidamente e serviu mais bebida no copo. Depois o ofereceu a mim e bebeu um grande gole diretamente da garrafa.

— Preciso de sua ajuda. — Afastei o copo. Entreguei-lhe a folha de papel e contei o que tinha acontecido.

Ele semicerrou os olhos ao ler.

— E daí?

Olhei para ele, boquiaberto.

— *Ele pegou Lexi* — repeti. Depois, temeroso de que ele estivesse bêbado demais para compreender o que isso significava, observei o óbvio. — Precisamos salvá-la!

— Hmmm. — Ele pensou por um momento. — Não.

Damon deu um espetáculo jogando lentamente as pernas sobre a mesa, como se estivesse no meio de uma atividade importante quando o interrompi.

— Qual é o seu *problema?* — perguntei. — Você o viu... Ele vai destruí-la!

— E daí? — perguntou Damon. — Foi decisão *dela* vir a Nova York. Ninguém pediu que ela aparecesse aqui.

— Ela nos tirou da prisão...

— *Nós*, ou melhor, *eu* estava indo muito bem neste departamento. Você se esqueceu disso. Podíamos ter saído sozinhos. Não precisávamos dela para isso. Ela se intrometeu. Se sua intromissão a fez ser capturada, então, bem, a culpa é toda dela.

A raiva que me inflamara ao encontrar o bilhete do bruto agora alimentava uma fúria que quase me colocou no modo de vampiro. Por um momento, eu não me importava que me vissem.

— Você. — Eu tentava me acalmar, procurando colocar em palavras as trevas que sentia. Damon se sentou ereto e me olhou nos olhos quase com

ansiedade, esperando a briga.

— Você é... você é... — cuspi.

— Sou o que você me fez — disse Damon vagarosamente, erguendo o copo como quem brinda a mim.

Agarrei-o pelos ombros.

— Não. Não tem de ser um assassino insensível. Nem Katherine era assim.

Os olhos de Damon faiscaram.

— Não me fale de quem era Katherine! Eu a conhecia melhor do que você.

Meneei a cabeça.

— Até você sabe que isto não é verdade. Você a amava mais, mas eu a conhecia igualmente bem. Só o que Katherine queria era que nos três ficássemos juntos para sempre. Ela não ia querer que nos separássemos, brigando. Ela não ia querer *isto*.

A surpresa e a raiva em seu rosto quase tinham seu mérito. Quase.

— Vou salvar Lexi. Ou morrer tentando. E se por milagre eu não morrer... *nunca mais quero ver você novamente*.

E antes que ele pudesse preparar alguma resposta espirituosa ou ameaça, saí, deixando meu irmão para sempre.

25

A raiva era tudo que me restava, e deixei que a fúria me servisse de combustível, como o sangue humano em minhas primeiras semanas de vampiro. Nem acreditava na indiferença de Damon, não compreendia quem ele se tornara. Mas o fato de ele não ajudar não mudava o que era preciso fazer: salvar Lexi.

Do outro lado da rua, um cavalheiro montado numa égua preta como carvão falava amistosamente com um lojista. No momento em que o lojista entrou para pegar alguma coisa, segurei as rédeas da égua e, rompendo meu juramento pela segunda vez em 24 horas, influenciei o cavaleiro a desmontar e desfrutar de uma agradável e longa *caminhada* para casa.

Embora eu normalmente fosse mais rápido do que um cavalo, eu estava faminto e esgotado, e assim, com sussurros gentis e um estalo das rédeas, saí da área residencial, galopando com ruído pelas ruas de Nova York. A égua era um animal maravilhoso e reagia a minha cutucada mais suave, a mais leve pressão de meus joelhos. Com o vento no cabelo e o couro em minha mão, quase senti que era meu antigo eu de novo.

Mas o céu começava a clarear, naquele azul cristalino e silencioso do início da manhã, e tive de instar cada último fragmento de velocidade da égua. A vida de Lexi podia depender disto.

Quando subimos a longa entrada da casa dos Richards e pegamos o

pequeno caminho para a capela da família à direita, eu sabia que tinha tomado a decisão certa. Podia sentir o cheiro da presença de um antigo, o miasma de sangue velho, morte e decomposição que o seguia como uma sombra. Minha égua relinchou de pavor.

Saltei antes que ela tivesse parado e lhe dei uma palmada gentil.

— Vá para casa — ordenei. Ela recuou, como se não estivesse disposta a desistir de sua nova liberdade, então se virou e galopou para longe.

Corri para o salão onde me casei, empurrando de lado um criado que se postava em meu caminho.

Lexi estava ali, amarrada ao altar como um sacrifício ancestral. O cheiro de verbena ardeu em meu nariz — as cordas claramente estavam ensopadas com ela. O sol tinha nascido, e sua presença veio na forma da poça sangrenta de um vitral que dava para o leste. A luz aos poucos se deslocou para os pés de Lexi e ela se encolheu e ofegou, tentando tirar as pernas do caminho. Um filete de fumaça subiu onde o sol letal tocara os dedos de seus pés, e o cheiro estranho de carne queimada encheu o ambiente.

— Lexi! — gritei.

— Stefan! — Ela soluçava de dor e alívio.

Pensei rapidamente. Levaria muito tempo para entender como remover as cordas ensopadas de verbena, e não havia nada com que eu pudesse cobrir as janelas: nem tapeçarias, nem tapetes que eu pudesse pegar facilmente, nem passadeiras. Sem pensar em minha própria segurança, corri e peguei sua mão branca e pequena, colocando meu anel em seu dedo.

— Mas, Stefan — protestou Lexi.

— Precisa dele, se quiser continuar a caça depois e me salvar. — Puxei todas as cordas. A verbena queimou meus dedos, mas consegui a libertar. Apesar da dor nos dedos, sentia-me leve e esperançoso. Eu consegui. Salvei Lexi. — Agora, deixe-me...

Mas, neste momento, uma rede ensopada de verbena caiu em nós dois, queimando cada centímetro de meu corpo.

— Corra! — gritei, empurrando Lexi do caminho.

Ela rolou no chão e se escorou na beira de um banco para se levantar. Ao estender o braço, porém, ele passou por um raio de sol. Seus olhos se arregalaram de assombro, claramente chocada por não ter aparecido fumaça e sua pele não queimar. Então ela desapareceu, toldando-se com a velocidade de vampiro para longe da cena.

Ergui as mãos, tentando afastar a rede de meu rosto, mas me contorcia e gritava sempre que era tocado pela corda envenenada.

O vampiro antigo apareceu, com luvas de couro gigantescas nas mãos e um sorriso largo na cara lívida.

— Olá. — Os cantos de sua boca se repuxaram demais, revelando dentes fortes e brancos presos a gengivas putrefatas. — Tão previsível, vir resgatar a donzela em perigo.

Aquele odor asqueroso de matadouro envolveu-me como um vento quente de agosto: inescapável, absoluto e horrível. Apesar da rede que me queimava, tentei me afastar dele.

Isso só o fez rir.

— Onde está aquele que sempre está perto de você e ao alcance das mãos, como uma sombra? Onde está seu irmão?

Cerrei o queixo. Conhecendo Damon, ele estaria tomando o terceiro uísque, preparando-se para se banquetear de uma ou duas moças do salão.

Lucius examinou meu rosto silencioso, parecendo confundir minha expressão por bravata.

— Bem, não importa. Um dia cuidarei dele. Seu irmão parece mais um verdadeiro *vampyr* do que você. Não se interessa por nada fora de seu mundinho, não deseja fazer o bem. Ele pode sobreviver um pouco mais.

— O que pretende fazer comigo? — perguntei, mas, na verdade, agora que Lexi estava segura, não temia por minha segurança; só desejava ter a oportunidade de matar o monstro, impedi-lo de executar qualquer outra vingança e matar mais humanos.

Mas a verbena sugava meu Poder como um sifão, e eu sabia que até mesmo arranhar o antigo seria uma pequena vitória.

O bruto pegou a rede como uma trouxa e me atirou no ombro como se eu não passasse de um saco de camundongos ou de plumas.

— Meus planos não são particularmente espetaculares — disse ele ao descermos pela nave central da igreja. Ainda havia pétalas de rosa no chão, observei, secando até se tornarem fragmentos finos. As flores nos vasos definhavam, tudo murchava depois do assassinato das noivas.

— Mas serão duradouros. Os vampiros podem sobreviver por muito, *muito* tempo. Sem alimento. Definham de fome durante séculos e ainda assim não morrem. — A rede se deslocou quando ele deu de ombros. — Bem, talvez um dia aconteça. Nunca vi, mas imagino que vá descobrir.

Ele deu uma súbita guinada à esquerda na capela privada, parando diante de portas duplas — a cripta, percebi de repente com um pavor crescente. Embora as portas fossem de mármore entalhado, Lucius não teve dificuldade para abri-las, tirando-me da rede e me jogando em uma salinha de pedra pouco maior do que a dúzia de esquifes sepultados ali.

Por um breve momento, saboreei a sensação do ar frio correndo por minha pele queimada.

Mas ele soltou um rosnado baixo.

— Quando sua fome de sangue o devorar por dentro e o enlouquecer, não se preocupe... Eu estarei ali, ouvindo. Vigiando. E rindo.

Minha última visão foi de um antigo parado, delineado em um halo luminoso do mundo dos vivos, acenando. Depois ele fechou as portas com

um baque que ecoou nos céus e eu fiquei na mais completa escuridão.

Corri até as portas e joguei meu peso nelas. Nem mesmo chocalharam. Tentando reprimir minha crescente histeria, olhei o espaço úmido e mofado procurando uma abertura, uma saída secreta, embora uma voz no fundo de minha mente gritasse: "É uma cripta, Stefan! A única saída é a morte!"

Andei pelo labirinto de caixões e sarcófagos. Mesmo em meu pânico, percebi os entalhes decorados e as ferragens de bronze. Uma das tumbas de mármore tinha o retrato de uma jovem em alto relevo. Tinha olhos grandes e lábios em arco. Debrucei-me sobre o entalhe, como se pudesse abraçar a menina que repousava por baixo dele.

Pelo menos Lexi estava segura, disse a mim mesmo. Pelo menos eu podia passar os séculos sabendo que ela estava em algum lugar lá fora, levando sua vida — protegida por meu anel. E talvez, só talvez, tentando me encontrar.

— *Até mais* — sussurrei para Lexi no silêncio da tumba.

Como se atendesse a uma deixa, as portas da cripta se abriram uma última vez e uma loura miúda foi atirada, caindo com estrondo a meus pés.

— Lexi! — gritei quando as portas se fecharam, mergulhando-nos de novo na escuridão.

— Olá — disse ela, fraca. — Que prazer encontrá-lo aqui.

26

– O que está *fazendo* aqui? — perguntei.

Lexi ergueu a sobrancelha para mim.

— O mesmo que você. Ansiando por uma longa e dolorosa eternidade juntos.

— Não, quero dizer, por que não fugiu? — Resisti ao impulso de pegá-la pelos ombros e sacudi-la.

— Claro que fugi, idiota! — rebateu Lexi. — Mas acho que ele esperava que eu corresse... Nem mesmo o vi vindo atrás de mim. — Eu sentia que ela tremia no escuro. — Ele surgiu do nada. — Sua voz ficou amarga. — Deve ser assim que os humanos sentem nossa aproximação. Se sairmos dessa, juro que serei mais gentil com eles. Com os humanos, quero dizer. Esse vampiro... *ele* eu quero matar.

Pus a mão em seu braço, confortando-a.

— Rezo para que tenhamos essa chance.

— Venha, vamos sair daqui. — Ela se virou e chutou, batendo o salto das botas no meio das portas.

Ouvimos um baque ressonante, mas nada se mexeu.

Ela deu outro chute nas portas. E mais um. E outro.

Nada aconteceu.

— Juntos! — insistiu Lexi. Contando até três, nós dois chutamos.

— Talvez tenha verbena na pedra... — sugeri.

Lexi tinha uma expressão amargurada.

— Verbena não torna as coisas indestrutíveis. Mas existem outros materiais que se pode usar para trancar alguma coisa. Permanentemente. E as paredes?

Na hora seguinte, passamos os dedos pelas paredes brancas, no teto e no piso, nossa pele altamente sensível captando até os menores espaços. Abrimos sarcófagos, saqueando os cadáveres em busca de ferramentas.

— Nada de facas, nem cruzes de diamantes, nem Bíblias de prata, nem moedas para Caronte, nem pedra da sorte, *nada* — rosnei, lançando as mãos ao alto, frustrado.

— Isso não parece nada bom — foi só o que disse Lexi.

Vinte e quatro horas depois, houve uma cerimônia na capela. Podíamos ouvir com nossos poderes. Era em memória aos Sutherland, às duas noivas que foram mortas, aos orgulhosos pais... Junto com uma invectiva mordaz contra os jovens que perpetraram este ato, fugindo com o dinheiro do dote. Assassinos, bandidos, vigaristas, ladrões...

A única acusação que não estava na lista era "demônios".

Mas nenhum dos insultos nos impediu de gritar.

— Socorro! — gritei. — Aqui! Estamos aqui!

Lexi juntou sua voz à minha, berrando em diferentes tons agudos que quase estouraram meus tímpanos. A certa altura, ouvi um sussurro oco de Hilda: "Ouviu alguma coisa?", e nossas esperanças se elevaram.

Depois, nada. A cerimônia terminou, as pessoas saíram e mais uma vez estávamos inteiramente sós.

Com um suspiro, Lexi me devolveu o anel.

— Minha gratidão por este empréstimo — disse ela baixinho, colocando-o

em meu dedo. — Mas acho que agora não adiantará nada para mim... nem para você.

Abracei-a com força.

— Não desista ainda — cochichei em seu ouvido.

Mas as palavras ecoaram ocas dentro da cripta, sem ter para onde ir.

27

Não havia nada que indicasse o passar das horas na câmara sem janelas — nem a mais leve sugestão de um sol abria caminho pelas portas. Os dias se fundiam em semanas, talvez meses. Parecia ter se passado uma eternidade, e outra interminável se estendia diante de nós.

Lexi e eu paramos de falar. Não por raiva ou desesperança, mas porque não conseguíamos mais. Não tínhamos forças suficientes para nos obrigar a gritar quando ouvíamos alguém se aproximando, e muito menos para nos levantar e lutar contra a pedra que nos mantinha sepultados. Não havia mais forças para combater a escuridão ou ficar de pé. Se eu ainda precisasse do coração para sobreviver, não sei se teria as forças para manter o sangue bombeando por minhas veias.

Ficamos deitados em silêncio, lado a lado. Se alguém nos encontrasse, daqui a cem anos, estaríamos patéticos, como irmã e irmão em algum conto de fadas terrível, presos no porão de uma bruxa.

Cada segundo que passava me esgotava de meu Poder. Meus olhos não examinavam mais a escuridão. O silêncio era absoluto enquanto os ruídos do mundo caíam no esquecimento. Só me restava o tato — sentir a mão cerosa de Lexi, a madeira áspera do caixão gasto a meu lado, o metal frio de meu anel inútil.

Sentia-me quase humano novamente, da pior maneira possível. E, à

medida que meu Poder me escapava dolorosamente, o mesmo se dava com minha imortalidade. Nunca percebera sua presença contínua até ela começar a desaparecer, deixando carne e ossos, cérebro e fluidos, e levando tudo que havia de sobrenatural em mim.

A não ser por minha fome.

Meu lado vampiro reagia à inanição. Os dentes doíam e ardiam com tal necessidade que eu teria vertido lágrimas, se tivesse alguma. O sangue vazava para meus pensamentos. Eu sonhava em vê-lo como uma conta, uma pedra preciosa no dedo de Callie quando ela se cortou. Como o de minha paixão de infância, Clementine Haverford, teve um gosto defumado quando a ataquei. Como, quando meu pai estava moribundo no chão de seu estúdio, seu sangue se espalhou em volta dele como dedos vorazes e perscrutadores, manchando tudo de um vermelho-escuro delicioso.

No fim, tudo voltava ao sangue. Os vampiros nada são além da personificação da fome, projetados expressamente para roubar sangue de nossas vítimas. Nossos olhos as influenciam a confiar em nós, nossas presas rasgam suas veias e nossas bocas drenam a fonte de sua vida.

Sangue...

Sangue...

Sangue...

Sangue...

A palavra ecoava para mim sem parar, como uma canção presa na cabeça, enchendo cada fresta de meu cérebro e cobrindo cada lembrança com seu aroma tentador.

Então uma voz muito conhecida começou a falar comigo.

— Olá, Stefan.

— Katherine? — grasnei, mal sendo capaz de pronunciar as palavras.

Consegui virar a cabeça o suficiente para vê-la esparramada

voluptuosamente em almofadas de seda. Ela estava exatamente como na noite do massacre, antes de levarem-na para a morte. Linda e seminua, os lábios abrindo-me um sorriso malicioso.

— Você está... viva?

— Shhhh. — Ela se curvou para afagar meu rosto. — Você não parece bem.

Fechei os olhos enquanto seu cheiro inebriante de limão e gengibre me tomava, tão familiar e tão real que quase desmaiei. Ela devia ter se alimentado recentemente, porque o calor de sua pele ardia na tumba gelada.

— Queria poder ajudá-lo — sussurrou ela com os lábios próximos dos meus.

— Sua. Culpa — consegui sussurrar.

— Ah, Stefan — censurou ela. — Pode não ter sido tão condescendente quanto seu irmão, mas você não *protestou* contra minhas... administrações.

Como se quisesse enfatizar o que dizia, ela se curvou e pressionou os lábios macios contra meu rosto. De novo... e mais uma vez... arrastando-os por meu pescoço sedento. Muito, muito delicadamente, ela me provocou, deixando que as pontas das presas perfurassem minha pele.

Eu gemi. Minha cabeça girava.

— Mas. Você. Queimou — rosnei. — Eu vi a igreja.

— Deseja-me morta? — perguntou ela com névoa nos olhos. — Quer que eu arda, que desabe no chão numa pilha de cinzas, simplesmente porque não pode me ter só para você?

— Não! — protestei, tentando empurrá-la de meu pescoço. — Porque você fez de mim um monstro...

Seu riso era leve e melodioso, como os sinos de vento que minha mãe pendurava na varanda de Veritas.

— Monstro? Francamente, Stefan, um dia vai se lembrar da verdade que

sabia em Nova Orleans... Que o que lhe dei foi um dom, e não uma maldição.

— Você é tão louca... quanto... Klaus.

Ela se sentou, as rugas de alarme marcando o entorno dos olhos âmbar. Seu lábio inferior tremeu.

— Como sabe de K...?

As portas da cripta explodiram em mil lascas de pedra e madeira, como se atingida por uma bala de canhão.

Cobri o rosto, a luz queimando meus olhos como ácido. Quando os abri novamente, Katherine tinha sumido e uma figura borrada e vestida de preto oscilava na porta recortada, num halo de luz punitiva.

— Klaus? — sussurrou Lexi numa voz apavorada, segurando minha mão.

— Sinto decepcioná-la — soou uma voz irônica.

— Damon! — Esforcei-me para me sentar.

— Stefan, não acha que está na hora de parar de esperar que seu irmão mais velho venha resgatar você?

Sem a menor cerimônia, ele estendeu a mão, pegou-me pelo pulso e atirou-me para fora da cripta. Voei para a parede oposta e caí amontoado no mármore frio. Damon foi mais gentil com Lexi, mas não muito. Como outro cadáver, ela bateu em mim, de pernas tortas.

Poeira e estilhaços flutuavam em volta de nós como uma nuvem. Pisquei para as paredes indefinidas, tentando me orientar.

— Tome — disse Damon, estendendo um frasco de prata. — Precisa disto, para fugir.

Pus os lábios na boca do frasco. Sangue. O doce, doce sangue...

Uma voz no fundo de minha mente gritou que era sangue *humano*, mas eu a silenciei com um gole do líquido inebriante. Bebi profundamente, desesperado, gemendo quando Damon tirou o frasco de mim.

— Deixe um pouco para a dama — falou.

Lexi bebeu com igual sofreguidão. O sangue pingava de seu queixo e em volta dos lábios enquanto ela engolia com força e silenciosamente. Sua pele, que tinha estado abatida, pálida e enrugada como a de uma velha, encheu-se, se tornando rosada e saudável.

— Obrigada, marinheiro — sussurrou ela. — Eu precisava mesmo disso.

Como um lampião enchendo um porão de calor e luz, senti meu Poder irradiar por meus membros, devolvendo meus sentidos, imbuindo meu corpo de forças que eu não experimentava desde antes de começar a me alimentar apenas de animais.

À medida que minha visão clareava, eu ofeguei. Atrás de Damon, uma mulher de cabelos pretos estava parada com a mão na têmpora, a outra cerrada em punho ao lado do corpo. Seus olhos estavam fechados e o corpo tinha um tremor. Parecia sentir uma forte dor, presa ali enquanto torturas desconhecidas eram aplicadas a sua mente e a seu corpo.

Margaret.

E ela não estava só. Uma figura prostrava-se diante dela, contorcendo-se de dor, e percebi com um sobressalto que Margaret não estava sendo torturada — era ela quem infligia dor a outro. A *Lucius*.

Ao supervampiro, tão Poderoso, entretanto ainda um mero soldado de Klaus, o demônio que descendia diretamente do Inferno. Lucius tinha matado toda uma família, capturado a mim com facilidade e pegado Lexi como um camundongo inoportuno. O monstro tinha a cabeça nas mãos e gritava, berros terríveis que pareciam provocar reverberações pela capela.

— Aquela é *Margaret*? — perguntei, aturdido.

Damon me puxou para cima, impelindo-me para a porta.

— Não podemos deixá-la!

— Ela vai ficar bem!

— Mas...

— Perguntas depois. *Agora*, correr.

E assim, com um último olhar para a mulher que colocou o Inferno de joelhos, corri do local de meu aprisionamento e saí à luz da lua.

28

Nós três disparamos para fora da capela. Assim que deixamos a propriedade dos Richards, mergulhamos no bosque. Brotos espicaçavam nossas pernas ao corrermos colina abaixo pela noite úmida, e pinheiros altos bloqueavam o luar que podia ter deslizado entre as nuvens. Se fôssemos humanos, nossos pés certamente teriam escorregado nas folhas apodrecidas do chão da floresta. Incapaz de enxergar mais do que um metro à frente, esbarraríamos no tronco imenso de uma árvore.

Em vez disso, movimentávamo-nos como predadores, sibilando pela noite como os vampiros faziam havia centenas de anos: correndo pela mata até a próxima aldeia de possíveis vítimas, perseguindo alguém que tolamente se desgarrara de seu rebanho e decidira andar pela noite sozinho.

Era bom correr desse jeito, com alguns gramas de sangue humano zunindo pelas veias. Eu era quase capaz de me perder no voo, esquecendo-me do motivo de nossa fuga.

Então houve um ruído.

Sobressaltou-me como o início de um longo trovão, num crescendo de rugido inumano, e terminou num guincho de desespero. O ruído estava em toda parte, enchendo nossos ouvidos, o vale a que descíamos, o céu.

Paramos, assustados pelo som.

— Bem, acho que o vampiro está solto. — Damon bufou.

— Margaret... — comecei.

— Confie em mim, ela está bem. Viu o que ela fez com ele? — observou Damon.

— Mas o que ela é? — perguntei.

— Uma bruxa.

— Como Emily? — perguntei, minha teoria confirmada. Seria o mundo cheio de bruxas, vampiros, demônios e quem sabe o que mais, a maioria invisível aos olhos humanos?

— Tive a sensação de que havia algo de diferente nela quando não consegui influenciá-la... — explicou Damon. — Então perguntei. E ela respondeu. Muito franca, essa daí.

— Então ela...

— Lançou um feitiço de proteção em torno de si e da família, e eu queimei os miolos com uma ou outra capacidade mental para ganhar algum tempo. Ênfase na palavra *algum* — acrescentou ele. — Espero que o feitiço de proteção ainda vigore.

Ouvimos outro rugido.

— Continuem — ordenou Lexi, e recomeçamos a correr.

O bosque ficava mais escuro, como se a própria natureza tivesse medo da aproximação dele, e podíamos sentir a terra tremer a cada passo que ele dava.

Damon e eu saltamos um tronco gigante, e por um momento fugaz nossos movimentos foram perfeitamente sincronizados. Mas então nós três paramos derrapando na beira de um penhasco que dava para toda a área superior de Manhattan.

— Hmmmm. — Meu irmão estava em dúvida, espiando da beira.

— Teremos de encontrar outro jeito de descer — falei, olhando o caminho que tomamos até ali. — Uma trilha ou...

Com um grito, Lexi se atirou da beira do penhasco.

Olhei arregalado de pavor.

— *Achar outro caminho?* — Damon meneou a cabeça com decepção para mim. — Ainda pensando como humano, irmão. — E mergulhou atrás dela.

Xinguei a meia-voz, vendo-o desaparecer nos galhos abaixo. Então o segui.

Por mais apavorante que fosse a queda, havia algo de muito libertador nela. Era leve, como nadar pelo ar. O mundo assoviou por meus dedos estendidos e meu cabelo. Quase parecia que eu estava voando.

Bati numa copa densa e me enrolei como uma bola, por fim parando de pé com um tornozelo torcido que se curou quase antes de eu perceber.

Damon e Lexi estavam de pé. Lexi tinha a cabeça inclinada, ouvindo o estranho silêncio em que de repente nos encontramos.

— Ele nos perdeu — disse Damon, triunfante. — Não percebeu que descemos o penhasco! Ele...

— Ele está na nossa frente — sussurrou Lexi, com os olhos se arregalando. O silêncio ao sul era de fato completo, como se cada ser vivo se aquietasse ou tivesse morrido. Esperamos, sem saber o que fazer, embora fosse difícil dizer pelo quê.

Até que veio o som de uma única folha se curvando e quebrando.

— *CORRAM*! — gritou Lexi.

Partimos. Cometi o erro de olhar para trás. O que vi e o que ouvi não combinavam: por um lado, parecia brevemente que um homem mais velho me seguia com uma velocidade surpreendente. Mas a sombra lançada pela lua era de algo muito maior e de forma inumana. Arbustos e árvores caíam e se espatifavam em seu caminho antes mesmo que ele os tocasse.

Dobrei minha velocidade.

Nossa única alternativa era ir para o sul. O bosque se afinava e a civilização começava a se revelar: uma fazenda solitária, algumas lavouras abandonadas, uma grande casa de campo, um hotel, estradas de terra a avenidas

pavimentadas cheias de cavalos, carruagens, coches e pessoas ainda no meio da noite.

E, atrás de nós, ganhando poder a cada sombra por que passava, o antigo.

Viramos uma esquina em uma barraca de frutas, derrubando cestos, e o fedor de decomposição que emitia de seu hálito podre estava quente em meu pescoço. Disparamos por um cortiço, evitando varais e poços abertos de esgoto, e lá estava ele, jogando de lado coisas e pessoas para nos alcançar. Quando pensamos que tínhamos ganhado distância, espremendo-nos por vielas estreitas e ruas confusas, ainda sentíamos seu poder, sua frustração vibrando pela noite.

Lexi ia à frente e, fosse por seu Poder ou a familiaridade com a cidade, conseguira encontrar as saídas de incêndio certas para saltar, as pilhas certas de lixo para rolar. Talvez não fosse a primeira vez que fugia de um demônio da estatura dele.

— O porto — sibilou Lexi. — É nossa única chance.

Damon assentiu, pela primeira vez sem ter problemas para receber ordens de alguém. Fomos para o oeste, em direção às avenidas que margeavam o Hudson.

Os olhos de Lexi de repente se estreitaram e ela apontou. Um clíper, uma nave azul que se afastava das docas, cheio de todo tipo de bens de Nova York para vender além-mar.

Com um salto poderoso, Lexi ultrapassou a água entre as docas e seu convés, os braços no ar como um gato saltando em sua presa. Damon e eu a seguimos, pousando em silêncio no convés escuro. Quando nos recuperamos, ela já influenciava um marinheiro chocado que vira como chegamos.

— Estamos no manifesto. Meus irmãos e eu temos uma cabine abaixo. Acabamos de subir a bordo...

Damon examinou o barco com interesse, satisfeito com seu novo local.

Olhei para a margem. Havia um único homem de aparência inofensiva curvado na grade do cais, pálido como se tivesse sugado toda a luz da lua. Estava ali numa atitude natural, como se visse os barcos chegarem e partirem.

Mas seus olhos eram letais e tinham uma expressão eterna — e implacável.

29

Seu nome era *Mina M*. Era um barco veloz e uma beleza, com linhas simples e velas brancas. O mastro de madeira brilhava de verniz, exibindo bandeiras vermelhas que batiam na brisa.

Fiquei na proa e fechei os olhos, imaginando nossa jornada. O ar salgado e cortante e o sol amarelo vivo castigava meu rosto vermelho enquanto o *Mina* cortava as ondas, deixando uma espuma branca e gotículas em seu caminho. Peixinhos prateados cintilavam na água, com pressa para sair do caminho.

Em nossas viagens, veríamos barcos a remo mínimos cruzarem a água, carregados de bananas e rum das Índias Ocidentais. Trocaríamos por especiarias. Finalmente eu veria a Itália, andaria pela Capela Sistina, ficaria maravilhada com o Duomo e beberia Chianti no vinhedo.

Talvez... talvez este fosse um novo modo de vida para mim. Viajar velozmente nas águas em vez de me confinar às sombras. Jamais permaneceria em um porto por muito tempo, escapando da morte e de minha maldição. Os marinheiros em geral não tinham amigos, a não ser os homens de sua tripulação — eu me adaptaria bem.

Mas então abri os olhos, minha fantasia evaporando-se na noite pesada que me cercava. Uma densa nuvem cobria o céu, e nenhuma estrela ali brilhava. O *Mina* deslizava em silêncio pelo mar, cortando a água oleosa com o que mal passava de um sussurro.

Este era o reino dos vampiros. Embora meu anel me permitisse andar à luz do dia, meu mundo existia na escuridão. Era, quando o sol caía, que eu caçava, fugia de inimigos, soltava invectivas, rompia promessas e cedia ao ódio. Tínhamos escapado do assecla de Klaus, mas não havíamos o derrotado. Ele e seu senhor ainda estavam por aí, em algum lugar, planejando a tortura e a morte para mim e Damon.

Lexi surgiu no convés atrás de mim e tocou em meu ombro.

— Estamos indo para São Francisco — disse ela em voz baixa. — Eu não vou lá... há algum tempo. Mas você vai adorar a neblina e o clima deprimente. É *ótimo* para quem gosta de se remoer. — Ela me abriu um leve sorriso. — E posso dizer que você vai se remoer bastante.

Curvei-me na amurada. Não tive coragem de dizer a ela que nunca haveria um lugar para mim, que eu jamais me adaptaria. Eu não merecia, depois de todas as vidas que encerrei.

O vento da noite desgrenhou meu cabelo castanho e Lexi o colocou atrás da orelha.

— Ele disse *olho por olho* — comecei.

— Sim, ora essa. — Lexi soltou um suspiro profundo e ficou séria por um momento, de olhos semicerrados. — Este é um navio rápido, e ele levará tempo para entender nosso manifesto. Além da carga legítima de chá e café, há um embarque considerável de ópio que pretendem pegar em Frisco. O capitão não conseguiu se registrar com o superintendente das docas, então levará um tempo antes que deduzam para onde estamos indo.

— Não. Isto é, sim, isso é bom. — Tirei um súbito borrifo de água dos olhos. — Mas quero dizer... Ele matou as pessoas que seriam nossas esposas, porque a Katherine dele estava morta.

Lexi assentiu, estremecendo.

— E depois pegou você... E ia matar você e a mim, e provavelmente

Damon, numa igreja, como Katherine foi morta.

Lexi estreitou os olhos.

— Não sei se entendo aonde que chegar com isso.

— Se ele foi tão específico sobre quem matar e de que maneira, *por que não incendiou o lugar?*

Lexi pestanejou, e eu a vi raciocinar. Ela ficou em silêncio por muito tempo. Eu não conseguia ler seus olhos, mas ainda me sentia constrangido de pensar em Katherine numa hora dessas.

— Stefan — começou ela. — Por favor, escute-me. Existem todos os níveis de maldade entre nossa espécie. Daquela coisa antiga que comete grandes atrocidades a... coisinhas horríveis menores, que existem só para seu próprio prazer, independentemente de quem firam.

"Katherine queria que você se tornasse vampiro. E veja o resultado. Não chore muito por ela, Stefan, nem busque pistas para sua morte ou sua existência. *Deixe-a em paz.* Esta é a melhor coisa que você pode fazer."

Virei a cabeça e olhei a única estrela que brilhava o suficiente para atravessar o manto de nuvens — a estrela Polar. Katharine era como essa estrela: fixa, uma espectadora silenciosa pendendo acima de mim, um ponto de referência para medir meu progresso. Não importavam meus sentimentos por ela: ela me criou e sempre estará comigo.

— Nós não somos *todos* maus. — Eu a abracei. — Você não é.

— Eu sou muito mais velha do que você — disse ela com gentileza. — E quem sou agora não é quem sempre fui. Você não é o único com decisões a cumprir, Stefan. Eu me fiz um juramento de ser diferente.

— Ah, *ui. Juramentos.* — Damon apareceu ruidosamente no convés. — Por Deus, já não tivemos o bastante por uma vida inteira?

— Os casamentos foram ideia sua, não minha — observei.

— Buá, buá, eu sou um vampiro, tive um ótimo casamento, ótima

champanhe, meu irmão me resgatou e ainda estou sofrendo.

Ele saltou da amurada, apoiando a palma na madeira lisa e impelindo-se para o outro lado, passando de bombordo a estibordo até nos alcançar. O olho destreinado teria pensado que estava embriagado, mas havia uma reveladora mancha carmim no canto dos lábios. Ele estava bêbado de nossa escapada, de nosso resgate, do sangue de algum pobre camaroteiro — mas não de bebida. Pelo menos ainda não.

— Sim, e por falar em resgates, Margaret... — estimulei-o.

Damon suspirou.

— Quando a confrontei sobre ser capaz de resistir à influência, Margaret admitiu que era uma bruxa e disse que me ajudaria.

— Simples assim? — perguntei, cético.

Damon revirou os olhos.

— Em troca, sairíamos de Nova York e nunca mais voltaríamos... Até o fim da vida dela, pelo menos. E esta é a parte que acaba comigo: *devolver os dotes*.

— Ai, Damon, sinto muito — disse Lexi com os olhos cintilantes frustrando seu tom sério. — Seu plano de depenar os ricos não deu certo. Tenha uma sorte melhor da próxima vez. — Ela lhe deu um leve soco no ombro.

— Devemos nossa vida a ela — falei com seriedade. — Ela não precisava nos ajudar. Pela lógica, *nem deveria*. O feitiço de proteção que lançou sobre ela e o marido... Acha que vai manter os dois em segurança?

— Preciso acreditar que sim. De qualquer modo, ela é uma alma melhor do que a sua — disse Lexi.

— E por falar em almas melhores... — falei, mal reprimindo um sorriso —, o que deu em você para voltar e me resgatar? Pensei que estivesse decidido a "nunca me perdoar!" e "castigar-me até o fim de meus dias".

Os olhos azuis de Damon estavam velados.

— Sim, bem, fui sincero em cada palavra. Eu *nunca* o perdoarei. Eu o *torturarei* até o fim de seus dias.

Meneei a cabeça, reprimindo a agitação de fúria negra dentro de mim, que queria gritar para Damon que ele pode ter perdido o amor da vida dele, mas eu perdi a vida que amava. E um pai, e um lar.

E um irmão.

Mas, com a mesma velocidade com que me surgiu, a raiva refluiu, deixando-me vazio. Como eu podia esperar que meu irmão me perdoasse por transformá-lo num vampiro quando eu mesmo não me perdoava por isso? Antigamente ele me amava, como eu amava Katherine, mas eu nunca, jamais a perdoaria por fazer de mim o que sou agora.

Damon me pegou pelos ombros.

— Além disso — acrescentou, virando para cima os cantos da boca —, se *alguém* vai matar você, este alguém serei eu.

E então, sem dizer mais nada, saltou à amurada com velocidade de vampiro, equilibrando-se sem mover um músculo enquanto o barco caía e balançava-se na água, como se ele fosse uma figura de proa, entalhada em mármore frio.

Levantou a mão numa saudação.

— Nos veremos, mano.

E, antes que eu pudesse pronunciar seu nome, ele pulou da amurada e mergulhou na água escura.

Corri à beira do barco e olhei a água agitada. Mas meu irmão não veio à superfície. Lexi e eu ficamos ali pelo que parecia uma eternidade, até que estávamos longe demais da margem e do céu, dando-nos a impressão de estarmos suspensos no escuro.

Em seguida, quando o sol finalmente colocou a cabeça vermelha sobre o

horizonte do mar, entramos na cabine pouco iluminada para enfrentar nosso futuro.

Epílogo

O tempo que passei em Nova York esclareceu os perigos de minha existência; apesar de minhas boas intenções, sou perigoso para os humanos, e meu irmão é perigoso para todos.

E agora? O que o futuro me reserva? Meus dias parecem passar como minutos. Suponho que isto signifique que estou me acostumando com a ideia da eternidade.

Perdi tanto nos meses desde que me tornei a criatura que sou. Mas ganhei tempo. E, com o tempo, ganhei uma oportunidade. Verei a Itália. E o resto da Europa. Viajarei o mundo todo. Mas jamais voltarei a ter um lar entre os humanos.

Quanto a Damon... Creio que nossa estrada juntos será longa e nossa história ainda não terminou. Se um de nós um dia finalmente encontrar sua danação, terá sido causada pelo outro.

E ao fundo... anunciada pelo leve perfume de limão e gengibre... sempre haverá Katherine, rindo de nós dois.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Diários de Stefan, Vol.3 – Desejo

Resumo do Livro:
http://mywonderfulbooks.blogspot.com.br/2012/12/diarios-do-vampiro-diarios-de-stefano.html

Facebook da série diários de Stefan:
https://www.facebook.com/odiariodestefan

Notícia do lançamento do livro:
http://livrosecitacoes.com/noticia-de-livros-terceiro-volume-de-diarios-de-stefan-sai-ainda-em-2013/

Wikipedia da autora:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisa_Jane_Smith

Resumo dos 2 primeiros livros da série:
http://livrosemserie.com.br/sagas/d/os-diarios-de-stefan/

Site da autora:
http://www.ljanesmith.net/

Entrevista com a autora:

http://mestredasresenhas.wordpress.com/2011/04/02/entrevista-com-l-j-smith/

Perfil da autora no goodreads:
http://www.goodreads.com/author/show/50873.L_J_Smith

Epílogo

Capa
Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Epígrafe
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14

15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
Colofon
Saiba mais